FICÇÃO CIENTÍFICA FC 137

Um livro que deveria fazer parte de todas as listas de clássicos da ficção científica

New York Herald Tribune

Frederik Pohl
C.M. Kornbluth

OS MERCADORES DO ESPAÇO

lb livros de bolso FC

Europa-América

TEXTO INTEGRAL

FREDERICK POHL
C. M. KORNBLUTH

OS MERCADORES DO ESPAÇO

The Space Merchants
Tradução de João Miguel Carvalho

I

Enquanto me vestia naquela manhã, percorri em pensamento a longa lista de estatísticas, evasivas e exageros que estariam à espera de encontrar no meu relatório.

O meu departamento — a Produção — sofrera uma longa série de baixas por doença e demissão, e não se consegue ter trabalho feito sem gente para o fazer. Mas a Administração não aceitaria isso como desculpa.

Passei o creme de barbear na cara e enxaguei-a com água doce da torneira. Um desperdício, claro, mas é para isso que pago impostos e a água salgada deixa-me a pele seca. Antes de ter tirado completamente o creme da cara, a água deixou de correr e não voltou mais. Praguejei um pouco e acabei de me lavar com água salgada. Era uma coisa que vinha a acontecer ultimamente; havia quem acusasse os Consies de serem os autores das sabotagens. Na Companhia de Abastecimento de Agua de Nova Iorque procedia-se a averiguações; por enquanto sem resultados práticos.

O noticiário da manhã, no *écran* por cima do espelho da casa de banho, captou-me a atenção por alguns momentos... O discurso do Presidente na noite anterior, breves imagens do foguetão de Vénus, parado e brilhante nas areias do Arizona, tumultos no Panamá... Desliguei-o ao ouvir o sinal horário do quarto de hora.

Tudo indicava que ia chegar atrasado novamente. O que, com certeza, não contribuiria nada para acalmar a Administração.

Poupei cinco minutos vestindo a camisa do dia anterior, em vez de ir buscar uma lavada, e deixando o sumo do pequeno-almoço sobre a mesa a perder a frescura e a solidificar. Mas voltei a perder esses cinco minutos ao tentar telefonar à Kathy. Ela não atendeu o telefone e eu ia chegar tarde ao escritório.

— Por sorte — e caso inédito — Fowler Schocken também estava atrasado.

No escritório, Fowler tem o hábito de marcar a reunião semanal da

Administração para quinze minutos antes do início do expediente. Assim faz que os funcionários se apressem e para ele não apresenta qualquer dificuldade. Passa toda a manhã no escritório, e a «manhã», para ele, começa com o nascer do Sol.

Naquele dia, no entanto, tive tempo para ir buscar o resumo de apontamentos da minha secretária antes da reunião. Quando Fowler Schocken entrou, desculpando-se delicadamente pelo atraso, eu estava sentado no meu lugar, ao fundo da mesa, razoavelmente descontraído e tão seguro de mim como qualquer membro da Sociedade Fowler Schocken deve estar sempre.

— Bom dia — disse Fowler, e os onze respondemos no habitual murmúrio idiota.

Não se sentou; ficou de pé, olhando-nos com ar paternal, durante cerca de minuto e meio. Em seguida, parecendo um turista em Xanadu, estendeu o olhar cuidado e encantadamente pela sala.

— Tenho andado a pensar na nossa sala de reuniões — disse, e todos nós olhámos em redor. A sala não é grande nem é pequena: digamos dez por doze. Mas é fresca, bem iluminada e imponentemente mobilada. As grelhas do ar condicionado estão subtilmente escondidas por de trás de frisas de cor viva; a alcatifa é espessa e macia; e todas as peças de mobiliário são feitas, de ponta a ponta, de madeira autêntica, própria e genuína.

Continuou Fowler Schocken:

— Temos aqui uma bela sala de reuniões, meus caros. Tal como é nosso direito, uma vez que a Sociedade Fowler Schocken é a maior agência publicitária da cidade. Faturamos por ano um montante imensamente superior a qualquer concorrente. E — olhou para nós — penso que estão todos de acordo se eu disser que vale a pena. Não creio que nesta sala haja uma única pessoa que não tenha, pelo menos, um apartamento de duas assoalhadas. — Piscou-me o olho. — Até mesmo os celibatários. No que me diz respeito, estou bem. A minha casa de férias dá para um dos maiores parques de Long Island. Há anos que não provo uma única proteína química, mas como, sim, carne fresca, e, quando saio para dar uma volta, conduzo um *Cadillac.* As privações não me espreitam. E penso que qualquer um de vós pode dizer o mesmo. Não é verdade? — O diretor da Prospecção de Mercado levantou a mão e Fowler acenou-lhe com a cabeça: — Sim, Matthew?

Matt Runstead sabe para que lado é que se há de virar. Olhou beligerante ao redor da mesa.

— Só queria salientar que concordo com o Sr. Schocken... A cem por cento... Absolutamente! — Afirmou apressado.

Fowler Schocken inclinou a cabeça.

— Obrigado, Matthew. — E disse-o com sinceridade. Esperou um pouco antes de continuar. — Todos nós sabemos — afirmou — o que nos colocou no lugar em que hoje nos encontramos. Lembramo-nos do caso da Starrzelius Verily e de como transformámos a Indiastries numa indústria importante. O primeiro truste esférico. Absorvemos todo um subcontinente

com um único complexo industrial. A Schocken foi pioneira em ambos os casos. Ninguém nos pode acusar de oportunismo. Mas isso pertence ao passado.

»Rapazes! Há uma coisa que eu quero saber. E podem responder com sinceridade: estaremos a perder a força? — Levou tempo a fitar cada um de nós, tentando adivinhar-nos o pensamento e ignorando a floresta de braços levantado. E, Jesus! O meu também lá estava. Em seguida fez sinal ao homem que estava à sua direita. — Tu primeiro, Ben — disse.

Ben Winston levantou-se e afirmou com voz grave:

— No que respeita à Antropologia Industrial, não! Basta ouvirem o relatório de hoje sobre os novos progressos, no noticiário do meio-dia, mas permitam-me que vos faça um breve resumo: segundo os índices da meia-noite, todas as escolas primárias a leste do Mississípi estão a seguir as nossas recomendações sobre embalagens para o programa escolar de refeições. Os *hamburgers* de soja e o bife regenerado — não houve um único elemento à roda da mesa que não se arrepiasse ao pensar em *hamburgers* de soja e em bife regenerado — são embalados em caixas com um tom de verde semelhante ao dos produtos Universal. Mas os doces, os gelados e os cigarros *Kiddiebutt* são embalados no vermelho-vivo da Starrzelius. Quando estas crianças crescerem... — Levantou os olhos, exultante, dos seus apontamentos. — De acordo com as nossas extrapolações, dentro de quinze anos os produtos Universal estarão arruinados, falidos e totalmente fora do mercado!

Sentou-se no meio de uma salva de palmas. Schocken aplaudiu também e olhou entusiasmado para nós. Cheguei-me à frente com a vivacidade, inteligência e competência, próprias da Expressão Um, estampadas no rosto. Mas escusava de me ter preocupado. Fowler apontou para o homem que estava sentado ao lado de Winston, Harvey Bruner.

— Não preciso de vos dizer que o Ponto de Vendas tem os seus problemas específicos — afirmou Harvey, enchendo as bochechas. — Juro que o raio do Governo deve estar cheio de Consies! Vocês sabem o que eles têm feito. Ilegalizaram os subsónicos compulsivos da nossa publicidade auricular, mas nós respondemos com uma lista de palavras-chave semânticas que vão ao encontro de todos os traumas e neuroses básicos da vida americana de hoje. Deram ouvidos aos tipos da proteção do consumidor e impediram-nos de projetar as nossas mensagens nas janelas dos aviões, mas nós ripostámos. O Laboratório informou-me — disse, acenando com a cabeça na direção do diretor da Pesquisa, do outro lado da mesa — que em breve estará em fase de testes um sistema que permite a projeção diretamente na retina do olho.

»E não é tudo, vamos mais longe. Como exemplo gostaria de mencionar o caso do *Coffi...* — E deteve-se. — Peço desculpa, Sr. Schocken — murmurou. — A segurança revistou esta sala?

Fowler Schocken acenou com a cabeça.

— Absolutamente limpa. Nada além dos habituais microfones do Departamento de Estado e da Câmara dos Representantes. E, claro, estamos a

enviar-lhes uma gravação como retomo.

Harvey descontraiu-se de novo.

— Bem, acerca deste *Coffiest* — continuou. — Estamos a experimentá-lo em quinze cidades-chave. E a oferta habitual, um fornecimento de *Coffiest* para treze semanas, mil dólares em dinheiro e um fim de semana na Riviera Liguriana para todos os compradores. Mas, e aqui está, cada amostra de *Coffiest* contém três miligramas de um alcaloide simples. Nada de nocivo, mas decididamente de habituação certa. Após dez semanas o consumidor fica dependente para sempre. Uma cura custar-lhe-ia, pelo menos, cinco mil dólares. Portanto é mais simples para ele continuar a beber *Coffiest,* três chávenas a cada refeição e uma cafeteira durante a noite, tal como vem indicado na embalagem.

Fowler Schocken inclinou-se e eu embrenhei-me, de novo, na Expressão Um. Ao lado de Harvey estava Tildy Mathis, chefe de Pessoal e escolhida pelo próprio Schocken. Mas ele não costuma pedir às mulheres que falem nas reuniões da Administração, e a seguir a Tildy estava eu.

Compunha eu mentalmente o princípio da minha alocução, quando Fowler Schocken com um sorriso me deixou calado. Disse ele:

— Não vou pedir a opinião de cada departamento. Não temos tempo para, isso. Mas vós destemes a vossa resposta, meus senhores. É da resposta que eu gosto. Até aqui venceram todos os desafios. Por isso, agora, quero fazer-vos um outro desafio.

Premiu uma tecla no painel de comandos e fez rodar a cadeira. As luzes da sala apagaram-se; a projeção de um Picasso por trás da cadeira de Schocken dissipou-se, dando lugar à superfície colorida do *écran*. Neste, outra imagem começava a ganhar forma.

Já tinha visto o objeto daquela imagem, de manhã, no noticiário, enquanto me barbeava.

Era o foguetão de Vénus, um monstro de mil pés, o filho vaidoso do esguio *U-2* e dos atarracados foguetões da Lua, no passado. A sua volta uma estrutura de aço e alumínio misturada com figuras minúsculas que produziam momentâneas faíscas azuis e brancas. A imagem era, evidentemente, gravada; mostrava o foguetão no estado em que se encontrava semanas ou meses atrás e não na posição de lançamento, como eu já o vira.

Uma voz em *off* comentava triunfante e vibrante:

— Esta é a nave que conquistará as estrelas!

Reconheci a voz como sendo a de um dos comentadores barítonos dos Efeitos Auriculares e reconheci sem dificuldade os textos como sendo de uma das *copywriters* da Tildy. A talentosa imprecisão que permitia confundir Vénus com uma estrela tinha de vir alguém da equipa de Tildy.

— Esta é a nave que um Colombo dos nossos dias conduziria através do desconhecido — comentava a voz. — Seis milhões e meio de toneladas de luz e aço, uma arca para mil e oitocentos homens e mulheres com tudo o necessário para construírem um novo mundo onde viver. Quem será essa

gente? Quais os afortunados pioneiros que irão talhar um império a partir do solo fresco e rico de outro mundo? Permitam-me que vos apresente um homem e uma mulher, dois dos intrépidos...

A voz continuou. No *écran* a imagem dissipou-se, dando lugar a uma casa espaçosa nos subúrbios; era de manhã, o marido fecha a cama e desmonta a divisória do recanto das crianças; a mulher prepara o pequeno-almoço e monta a mesa. Entre os sumos do pequeno-almoço e a refeição da criança (com uma fumegante caneca de *Coffiest* para cada um, é claro) conversam persuasivamente um com o outro acerca do modo inteligente e corajoso como se candidataram a um lugar no foguetão de Vénus. E a última pergunta do filho mais novo, «mamã, quando eu for grande posso levar os *meus* filhos para um sítio tão bonito como Vénus?», proporcionou a viragem para uma série altamente imaginativa de imagens de Vénus quando a criança tivesse crescido; vales verdejantes, lagos cristalinos, paisagens montanhosas deslumbrantes.

O comentário não negava nem omitia exatamente o facto de os pioneiros terem de viver de compostos químicos e em cabinas hermeticamente fechadas durante décadas, enquanto trabalhassem na atmosfera irrespirável de Vénus, cuja composição química não incluía água.

Instintivamente ligara o cronômetro do meu relógio quando o filme começara. Quando acabou olhei para o mostrador: nove minutos! Três vezes o tempo legalmente estabelecido para a apresentação de um comercial. Um minuto inteiro a mais do que estamos habituados a fazer.

Só depois de as luzes se acenderem, os cigarros também e Fowler Schocken fazer os seus comentários para o dia de trabalho, é que comecei a ver como era possível.

Começou naquele modo nervoso e perifrástico que é parte do sabor deste trabalho. Chamou a nossa atenção para a história da publicidade, desde a simples tarefa de vender bens já fabricados até ao seu papel atual de criar indústrias e redefinir os hábitos de um mundo, de modo a irem ao encontro das necessidades do comércio. Realçou, mais uma vez, o facto de nós próprios, Sociedade Fowler Schocken, muito termos contribuído para isso com a nossa carreira expansiva. E disse ainda:

— Há um velho ditado, meus caros: «O mundo é a nossa ostra.» Fizemos que isso se tomasse realidade. Mas comemos essa ostra. — Apagou o cigarro cuidadosamente. — Comemo-la — repetiu. — Conquistámos verdadeira e literalmente o mundo. Tal como Alexandre, choramos por novos mundos para conquistar. E *ali* — apontou para o *écran* atrás de si —, *ali* acabaram, mesmo agora, de ver o primeiro desses mundos.

Nunca gostei do Matt Runstead, como já devem ter percebido. É um intrometido de quem suspeito que faça escutas telefônicas, mesmo dentro da empresa. Já devia ter espiado o projeto de Vénus com antecedência, uma vez que nem os reflexos mais talentosos conseguiriam justificar o seu discursozinho imediato. Enquanto nós estávamos ainda ocupados a assimilar o

que Fowler Schocken dissera, já Runstead estava a pôr-se de pé.

— Meus senhores — afirmou com convicção —, este é verdadeiramente um trabalho de gênio. Não é a índia. Não é a mercadoria, mas todo um planeta para *vender.* Eu vos saúdo, Fowler Schocken, o Bolívar, o John Jacob Astor de um novo mundo.

Matt foi o primeiro, como já disse, mas todos nós nos fomos levantando e pronunciando sobre a mesma coisa. Incluindo eu. Foi fácil. Há anos que o fazia. Kathy nunca compreendera e eu tentara explicar-lhe, com um certo jeito, que se tratava de um ritual religioso, tal como a garrafa de champanhe que se estilhaça contra a proa do navio, ou o sacrifício da virgem pela boa colheita do milho. Mesmo com o tal jeito, nunca pressionei demasiado a analogia. Não me parece que qualquer de nós, à exceção talvez de Matt Runstead, fornecesse derivados do ópio ao mundo, apenas por dinheiro. Mas os discursos de Fowler Schocken, hipnotizando-nos com as nossas respostas antifónicas, tornavam-nos capazes de qualquer ato de subserviência para com o nosso deus das Compras.

Não quero com isto dizer que fôssemos criminosos. Os alcaloides do *Coffiest,* como Harvey sublinhara, eram inofensivos.

Depois de todos termos falado, Fowler Schocken premiu outra tecla e mostrou-nos um mapa. Explicou tudo cuidadosamente, ponto a ponto; mostrou-nos tabelas e gráficos e diagramas do Departamento inteiramente novo da Sociedade Fowler Schocken, que iria ser criado para tratar do desenvolvimento e da exploração do planeta Vénus. Abordou o fastidioso jogo de intrigas e conhecimentos no Congresso, que nos concedeu o direito exclusivo de investir e recolher os lucros no planeta; e comecei, então, a ver como lhe seria seguramente possível utilizar um comercial de nove minutos. Explicou-nos como o Governo (é curioso como continuamos a pensar e a falar desse banco central de interesses como se se tratasse de uma entidade com vontade própria), como o Governo queria que Vénus fosse um planeta americano e como escolhera o talento peculiarmente americano de fazer publicidade, para o tornar possível. A medida que ia falando, todos nós ia captando algum do seu interesse ardente. Eu invejava já o homem que iria dirigir o Departamento de Vénus; qualquer de nós se orgulharia de aceitar o cargo.

Falou-nos de problemas com o senador da Du Pont Chemicals com os seus quarenta e cinco votos e do triunfo fácil sobre o senador da Nash-Kelvinator com os seus seis. Falou orgulhosamente de uma manifestação de Consies contra a Fowler Schocken, fracassada, em que tivera o apoio do Secretário de Estado do Interior, fanaticamente anticonsie. O Apoio Visual fizera um ótimo trabalho no resumo da informação, mas mesmo assim há já cerca de uma hora que ali estávamos a ver os mapas e a ouvir as elucidações e os planos de Fowler.

Mas, por fim, desligou o projetor e disse:

— Aqui têm. Esta é a nossa campanha. E começa já... *Agora.* Há só

mais uma coisa que vos quero dizer e, em seguida, podemos todos ir trabalhar.

Fowler Schocken sabe fazer o espetáculo. Levou o seu tempo até encontrar um pedaço de papel e leu uma frase nele escrita e que qualquer dos nossos redatores bem podia tirar da manga.

— O chefe do Departamento de Vénus — leu — será Mitchell Courtenay.

E esta foi a maior surpresa de todas, porque Mitchell Courtenay sou eu.

II

Fiquei com Fowler durante mais três ou quatro minutos enquanto os outros elementos da Administração voltavam para os seus gabinetes, e o percurso do elevador desde a sala de reuniões até ao meu escritório, no octogésimo sexto andar, levou escassos segundos. Assim, quando cheguei, Hester já estava a arrumar-me a secretária.

— Parabéns, Sr. Courtenay — disse ela. — Agora vai para o octogésimo nono. Não é uma maravilha? E eu também vou ter um gabinete particular!

Agradeci-lhe e peguei no telefone que estava em cima da secretária. A primeira coisa que tinha a fazer era reunir a minha equipa e passar a chefia da Produção; Tom Gillespie era o próximo. Mas a primeira coisa que *fiz* foi telefonar novamente para o apartamento de Kathy. Continuava sem atender e, então, chamei a rapaziada.

Estavam todos tristes, naturalmente, por me verem partir, e naturalmente encantados por toda a gente subir um pouco na escala. E chegou a hora do almoço; portanto, adiei o problema do planeta Vénus para a parte da tarde.

Fiz um telefonema, comi num instante na cantina da empresa, apanhei o elevador até cá abaixo ao vaivém para sul, dezasseis quarteirões. Ao sair dei comigo ao ar livre, pela primeira vez naquele dia, e peguei nos tampões antipoluição, mas não os coloquei no nariz. Chovia ligeiramente e o ar clareara um pouco. Estávamos no Verão, e estava calor e abafado; a multidão que enchia os passeios por completo estava tão ansiosa como eu por voltar para dentro de um edifício. Tive de forçar a passagem para atravessar a rua e entrar no edifício.

O elevador levou-me catorze andares acima. Era um edifício antigo, com ar condicionado deficiente, e senti um arrepio. Pensei em usar isso como argumento em vez da história que preparara, mas achei melhor não o fazer.

Uma jovem de uniforme impecável olhou quando entrei na sala. Disse

eu:

— Chamo-me Silver. Walter P. Silver. Tenho uma consulta marcada.

— Ah sim, Sr. Silver — lembrou-se. — Por causa do coração, disse que era uma emergência.

— Exato. É claro que provavelmente será psicossomático, mas senti.

— Com certeza. — Indicou-me uma cadeira. — A Dra. Nevin vai já recebê-lo.

Passaram dez minutos. Do consultório saiu uma mulher jovem, e entrou um homem que já estava à espera quando eu cheguei; quando ele saiu, a enfermeira disse-me:

— Quer fazer o favor de entrar?

Entrei. Kathy, muito bonita e elegante com a sua bata de médica, estava a observar uma ficha na secretária. Quando se chegou para trás exclamou «Oh, Mitch!» com ar aborrecido.

— Só disse uma mentira — adiantei. — Menti acerca do meu nome. Mas é na mesma uma emergência. E o meu coração está envolvido.

Houve um tênue esboço de sorriso, mas que não chegou à superfície.

— Não do ponto de vista médico — retorquiu ela.

— Eu *disse* à enfermeira que provavelmente seria psicossomático. Ela mandou-me entrar na mesma.

— Eu falo com ela sobre isso. Mitch, sabes que não posso ver-te durante as horas de serviço. Agora, se não te importas...

Sentei-me junto à secretária.

— Mas não podes ver-me em altura nenhuma, Kathy. Que é que se passa?

— Não se passa nada. Por favor, Mitch, vai-te embora. Eu sou médica; tenho muito que fazer.

— Nada tão importante como isto. Kathy, tentei telefonar-te durante toda a noite e toda a manhã.

Acendeu um cigarro sem olhar para mim.

— Não estava em casa — respondeu.

— Pois não, não estavas. — Cheguei-me à frente, tirei-lhe o cigarro e dei uma fumadela. Ela hesitou, encolheu os ombros e tirou outro. Continuei: — Penso que me cabe o direito de perguntar à minha mulher onde passa o seu tempo?

Katy irritou-se:

— Bolas, Mitch, sabes...

O telefone tocou. Fechou os olhos um instante. Depois, levantou o auscultador, recostando-se na cadeira e olhando a sala, descontraída, a médica acalmando o paciente. Demorou apenas alguns momentos. Mas quando desligou estava completamente possessa.

— Por favor, vai-te embora — pediu, apagando o cigarro.

— Só quando me disseres quando te poderei ver.

— Eu... Não tenho tempo para te ver, Mitch. Não sou tua mulher. Não

tens o direito de me maçar desta maneira. Podia mandar intimidar-te ou prender-te.

— A minha certidão está depositada — lembrei-lhe.

— A minha não. Nem nunca estará. Mal o ano chegue ao fim, acabamos tudo, Mitch.

— Há uma coisa que te quero dizer. — Kathy sempre fora vulnerável à curiosidade.

Houve uma grande pausa e em vez de repetir: «por favor, vai-te embora», disse:

— Bem, o que é?

Respondi:

— É algo de importante. Que exige uma comemoração. E não estou a aproveitar-me disto como desculpa para passar um bocado contigo logo à noite. Por favor, Kathy, amo-te muito e prometo não fazer cenas.

—... Não.

Mas ela hesitou e eu repeti:

— Por favor?

— Bom... — Enquanto ela pensava, o telefone tocou. — Está bem — exclamou. — Telefona-me para casa. Sete horas. Agora deixa-me tratar dos doentes.

Atendeu o telefone. Saí sozinho do escritório enquanto ela falava e não olhou para mim.

Quando entrei Fowler Schocken estava debruçado sobre a secretária, vendo o último número da *Revista Semanal da Taunton.* A revista brilhava, cheia de cor, à medida que as moléculas ativadas de tinta iam absorvendo fotões aos poucos, refletindo-os em grandes quantidades. Acenou-me com aquelas páginas brilhantes e perguntou:

— Que pensa disto, Mitch?

— Publicidade barata — respondi prontamente. — Se tivéssemos que descer tão baixo ao ponto de sermos responsáveis por uma revista como a da Sociedade Taunton... Bem, acho que pedia demissão. É um truque barato.

— Hum... — Pousou a revista com a capa para baixo; as cores cintilantes piscaram uma última vez e sucumbiram à privação da sua fonte de luz. — Sim, é barato — disse pensativo. — Mas temos de os felicitar pela iniciativa. A Taunton arranja dezasseis milhões e meio de leitores para os *seus* anúncios, todas as semanas. Mais ninguém, somente clientes da Taunton. E espero que estivesses a falar literalmente acerca da demissão. Acabei de dar ao Harvey luz verde para a *Choque.* O primeiro número sai no Outono com uma tiragem de vinte milhões. Não... — Caridosamente levantou a mão para impedir a minha tênue tentativa de lhe dar uma explicação. — Percebi o que quiseste dizer, Mitch. És contra a publicidade *barata.* Eu também sou. Para mim, Taunton é a síntese de tudo o que impede a publicidade de encontrar o lugar que lhe compete por direito, junto do clero, da medicina e da magistratura, no atual modo de vida. Não há um único golpe sujo que ele não

dê, desde subornar um juiz a roubar um funcionário. E, Mitch, é um homem que tens de manter debaixo de olho.

— Porquê? Quero dizer, porquê em especial?

Schocken riu-se.

— Porque lhe roubámos Vénus, só por isso. Eu disse-te que ele tinha alguma na manga. Teve a mesma ideia que eu. Não foi fácil convencer o Governo de que o projeto devia ser nosso.

— Estou a ver — disse eu.

E estava. O nosso Governo de representantes é agora talvez mais representativo do que alguma vez o foi. Não é necessariamente representativo *per capita,* mas é-o seguramente *ad valorem.* Se gosta de problemas filosóficos, aqui tem um: deverão os votos de todos os seres humanos ser igualmente considerados, tal como está consignado por lei e como, segundo alguns dizem, desejavam os fundadores da nossa nação? Ou deverá cada voto ter um peso correspondente à educação, ao poder e à influência, ou seja, ao dinheiro, do eleitor?

Este é um problema filosófico para si, percebe; não para mim. Eu sou um pragmático, e, mais a mais, um pragmático na folha de pagamentos da Fowler Schocken.

Uma coisa me preocupava.

— E o Taunton não irá tentar passar... Bem, à ação direta?

— Oh, vai tentar recuperá-lo — respondeu Fowler com serenidade.

— Não é isso que quero dizer. Lembra-se do que aconteceu à Exploração da Antártida.

— Eu estava lá. Cento e quarenta acidentes do nosso lado. Só Deus sabe o que se perdeu.

— E era apenas um continente. O Taunton leva estas coisas muito a sério. Se desencadeou uma guerra por causa de uma porcaria de um continente gelado, que não fará por causa de um planeta?

Fowler retorquiu, paciente:

— Não, Mitch. Não se atreveria. As guerras saem caras. Além disso não lhe vamos dar quaisquer hipóteses... Pelo menos hipóteses que tenham consistência no Tribunal. E em terceiro lugar... Cortávamos-lhe as pernas.

— Acho que sim — disse eu, e senti-me de novo confiante.

Acredite, eu sou um funcionário leal da Sociedade Fowler Schocken. Desde os meus primeiros dias aqui que tenho tentado viver «para a Empresa e para as Vendas». Mas as guerras industriais, mesmo na nossa profissão, podem ser bastante sujas. Ainda não há muitas décadas, uma pequena mas eficiente agência em Londres entrou em guerra com a filial inglesa do B. B. D. & O. e eliminou toda a gente à exceção de dois Bartons e um Osborn solteiro e novato. E dizem que ainda se podem ver manchas de sangue nas escadarias da Central Geral dos Correios onde a Western Union e a American Railway Express lutaram pela concessão da distribuição do correio.

Schocken pronunciou-se de novo.

— Há uma coisa com que terás de ter muito cuidado; os lunáticos. Este é o tipo de projeto que está condenado a fazê-los aparecer. Todas as organizações com dinheiro, desde os Consies ao G. O. P. vão aparecer a favor ou contra o projeto. Faz com que sejam todos a favor; têm peso.

— Os Consies também? — Perguntei admirado.

— Bem, não, não me referia a esses; esses preocupam-se mais com a lealdade. — O seu cabelo branco brilhava, ao acenar pensativo, com a cabeça. — Mm. Talvez consigas divulgar a ideia de que as viagens espaciais e o conservacionismo são diametralmente opostos. Esgotam demasiadas matérias-primas, prejudicam o padrão de vida, essas coisas. Refere o facto de que o combustível emprega matéria orgânica que os Consies acham que deve ser transformada em fertilizante.

Gosto de ver um perito a trabalhar. Fowler Schocken traçou-me, ali mesmo, toda uma subcampanha; o que eu tinha a fazer era simplesmente preocupar-me com os pormenores. Os conservacionistas não estavam com rodeios; para esses fanáticos de olhos esbugalhados, a civilização moderna estava, de certa forma, a «espoliar» o planeta. Disparates. A ciência está *sempre* um passo à frente de qualquer falha de recursos naturais. Afinal, quando a carne verdadeira começou a escassear, já tínhamos os *hamburgers* de soja. Quando a gasolina começou a faltar, a tecnologia desenvolveu o peditáxi.

Eu estivera exposto à forma de sentir dos consies no meu tempo e os argumentos iam todos dar ao mesmo ponto: a vida no seio da Natureza era o modo de vida *certo.* Idiotice. Se a «Natureza» quisesse que comêssemos vegetais frescos, não nos teria dado a niacina ou o ácido ascórbico.

Durante vinte minutos mais fiquei a ouvir a conversa inspiradora de Fowler Schocken e saí com a descoberta que já fizera várias vezes antes: resumida e efetivamente, ele transmitira-me todos os factos e instruções de que eu precisava.

Os pormenores deixou-os para mim, mas eu sabia do meu trabalho:

Queríamos Vénus colonizado pelos Americanos. Para atingir este objetivo, eram necessárias três coisas: colonos; uma maneira de os levar para Vénus; e algo para fazerem depois de lá chegarem.

A primeira era fácil de conseguir através da publicidade direta. O anúncio de Schocken para a TV era o modelo perfeito que poderia servir de base para o resto da faceta do nosso apelo. E sempre fácil persuadir um consumidor de que, em terras longínquas, a relva é mais verde. Eu esboçava já uma campanha experimental, com um orçamento bastante abaixo de um mega-dólar. Mais teria sido excessivo.

A segunda era apenas em parte um problema nosso. As naves tinham sido concebidas pela Aviação da república, pela Companhia de Telefones Bell e pela Companhia Americana de Aço, penso que sob contrato com o Departamento da Defesa.

A nossa tarefa não era transformar o transporte para Vénus possível

mas sim agradável. Quando a dona de casa descobre que a torradeira avariada não pode ser substituída porque o elemento de cromoníquel, componente da mesma, é empregue na construção da turbina principal de propulsão do foguetão de Vénus, ou quando o congressista inevitavelmente descontente, representante de uma firma pequena e estagnada, acena reivindicativamente um contrato de apropriação e fala de gastos despropositados do Governo em projetos insensatos, aí começa o nosso trabalho: temos de convencer a dona de casa de que os foguetões são mais importantes do que as torradeiras; temos de convencer a firma constituinte do congressista de que a sua política é impopular e lhe custará alguns dividendos.

Pensei por momentos numa campanha de austeridade e rejeitei-a. As nossas outras firmas sofreriam com isso. Talvez um motivo religioso, algo que oferecesse dedicação vicarial aos oitocentos milhões que não iriam pilotar as naves...

Adiei a ideia; Bruner poderia dar-me uma ajuda nesse campo. E passei ao ponto três. Teria de haver algo que mantivesse os colonos ocupados em Vénus.

Era isto, eu sabia, que Fowler Schocken tinha em mente. O subsídio estatal que custaria a campanha inicial era uma agradável adição ao nosso rendimento anual, mas a Fowler Schocken era demasiado grandiosa para empreendimentos efêmeros. O que nós pretendíamos era a segurança, ano após ano, de um complexo industrial de dimensão superior; o que nós queríamos era os colonos e os seus filhos agregados ao nosso complexo de empreendimentos. Fowler, é claro, esperava repetir a uma escala monstruosamente maior o êxito esmagador alcançado com a Indiastries. Ele e os seus administradores organizaram na índia um sistema único e gigantesco, em que desde o cesto de verga ao lingote de irídio e à latinha de ópio aí produzidos, tudo era comercializado através da publicidade da Fowler Schocken. Agora tinha oportunidade de fazer o mesmo em Vénus. Potencialmente, este projeto tinha um valor equivalente à soma de todos os dólares existentes! Um planeta inteiramente novo, do tamanho da Terra, na perspectiva de vir a ser tão rico como a Terra, e cada micron, cada miligrama dele, na nossa posse.

Olhei para o relógio. Eram quatro horas; marcara encontro com a Kathy para as sete. Quase não tinha tempo. Telefonei à Hester e mandei-a reservar-me lugar no avião para Washington, enquanto tentava entrar em contacto com o nome que Fowler me indicara. O nome era Jack O'Shea; tratava-se do único ser humano que já estivera em Vénus, até então. A sua voz parecia jovem e pretensiosa, ao marcar encontro comigo.

***

Demoramos cinco minutos a mais no corredor de aterragem sobre

Washington, e depois houve um contratempo na rampa. Guardas da Brink's Express rodeavam o avião e o tenente estava a pedir a identificação a todos os passageiros que saíam. Quando chegou a minha vez, perguntei-lhe o que se passava. Olhou ponderadamente para o número baixo do meu cartão da Segurança Social e fez-me continência.

— Peço desculpa por incomodar, Sr. Courtenay — disse. — É por causa do atentado dos consies perto de Topeka. Fomos informados de que o homem poderia estar bordo do voo das 4:05 de Nova Iorque. Parece que foi grave.

— Que atentado foi esse?

— Na divisão de Matérias-Primas da Du Pont, temos contrato com eles para a segurança das instalações, sabe. Estavam a abrir um novo filão de carvão sob uns campos de milho que têm para lá. Fizeram uma pequena cerimônia comemorativa do evento, e assim que a máquina começou a remover o solo, alguém de entre a multidão atirou uma bomba. Morreu o maquinista, o ajudante e um vice-presidente. O homem escapou-se por entre a multidão, mas foi identificado. Acabaremos por o apanhar, um dia destes.

— Boa sorte, tenente — disse eu, e dirigi-me apressado para o bar do aeroporto. O'Shea esperava-me numa mesa junto à janela, visivelmente aborrecido, mas sorriu quando lhe apresentei as minhas desculpas.

— Pode acontecer a qualquer um — retorquiu, e, baloiçando as pernas curtas, chamou o criado de mesa com voz estridente. Depois de fazermos os nossos pedidos, recostou-se na cadeira e disse: — Então?

Olhei para ele e, em seguida, através da janela. Mais a sul, no pórtico gigantesco do memorial F. D. R, a lâmpada de sinalização piscava; por trás avistava-se a cúpula minúscula e embotada do Capitólio. Eu, um publicitário por natureza, mal sabia por onde começar. E O'Shea regozijava-se com a minha hesitação.

— Então? — Perguntou, de novo, alegremente, e eu sabia que o que ele queria dizer era: «Agora todos *vocês* têm de vir até *mim,* que tal, para variar?»

Arrisquei.

— Que há em Vénus? — Perguntei.

— Areia e fumo — respondeu prontamente. — Não leu o meu relatório?

— É claro. Mas quero saber mais.

— Está tudo no relatório. Meu Deus, retiveram-me na sala de interrogatórios durante três dias inteiros, quando regressei. Se ficou alguma coisa por dizer, foi-se para sempre.

Retorqui:

— Não é isso o que quero dizer, Jack. Quem é que quer passar a vida a ler relatórios? Tenho quinze homens na Prospecção única e exclusivamente a resumir relatórios, para que eu não tenha de os ler. Quero é saber algo mais. Quero aperceber-me das sensações do planeta. E só num sítio as posso obter,

porque apenas um homem já lá esteve.

— E às vezes quem me dera não ter estado — retorquiu O'Shea, penosamente. — Bem, por onde é que começo? Sabe como eles escolheram... O único anão do mundo com licença de voo. E já sabe tudo acerca da nave. E já viu os relatórios das análises às amostras que eu trouxe. Nem têm grande importância. Só desci à superfície uma única vez e cinco quilômetros mais à frente a geologia podia ser completamente diferente.

— Sei tudo isso. Olhe, Jack, vejamos as coisas desta forma. Suponha que queria mandar uma quantidade de gente para Vénus. Que é que lhes diria acerca do planeta?

Ele riu-se.

— Contava-lhes uma carrada de mentiras. Bom, mas comecemos pelo princípio: qual é a ideia?

Dei-lhe uma ideia geral do que a Schocken pretendia, enquanto os seus olhinhos redondos me fitavam no meio da sua carinha redonda. Há uma qualidade opaca, como a porcelana, em relação às características dos anões: embora o destino os tenha criado pequenos, criou-os mais perfeitos e refinados que os homens vulgares, para demonstrar que a falta de tamanho não significa falta de compleição. Ele saboreava a bebida enquanto eu engolia a minha entre cada parágrafo.

Depois de terminada a minha ofensiva, continuava sem saber se ele estava do meu lado ou não, e neste caso isso era importante. Ele não era nenhum funcionário público que dançasse ao som da música que o Fowler tocava. Nem era um cidadão qualquer que se pudesse comprar a troco de uma fração insignificante do nosso capital. Fowler ajudara-o a granjear fama através de contratos, livros, conferências. Por isso ele devia-nos algum reconhecimento, e mais nada.

Exclamou:

— Quem me dera poder ajudar! — E isso tomou as coisas bem mais fáceis.

— E pode — disse-lhe eu. — E para isso que aqui estou. Diga-me o que Vénus tem para oferecer.

— Muito pouco — respondeu ele, franzindo ligeiramente a testa brilhante. — Por onde hei de começar? Tenho de lhe falar da atmosfera? Há formaldeído no ar, sabe o que é, fluído de embalsamamento. Ou do calor? Que tem uma média acima do ponto de ebulição da água... Se houvesse alguma água em Vénus, coisa que não há. Ou, pelo menos, que seja acessível. Ou dos ventos? Registei rajadas de quinhentos quilômetros por hora.

— Não, não é exatamente isso — retorqui. — Isso sei eu. E, sinceramente, Jack, há respostas para todas essas interrogações. O que me interessa são as sensações do local, o que é que pensou quando se viu lá, as suas reações. Limite-se a falar. Eu digo-lhe quando tiver o que pretendo.

Mordeu o lábio rosado.

— Bem — disse —, vamos começar pelo princípio. Pedimos mais

duas bebidas?

O criado aproximou-se, tomou nota do pedido, e voltou com as bebidas. Jack rufava com os dedos na mesa, provou o seu vinho do Reno com água de Seltzer, e começou a falar.

Começou de trás, o que foi bom. Eu estava interessado em conhecer a alma dos factos, o espírito elusivo e subjetivo subjacente aos relatórios técnicos sobre o planeta Vénus, o sentido básico que conferiria coerção e convicção ao projeto.

Falou-me do pai, um engenheiro químico com um metro e oitenta de altura, e da mãe, uma dona de casa anafada e encapelada. Transmitiu-me o desânimo e o amor generoso que eles sentiam pelo filho de noventa centímetros de altura. Teria onze anos quando o objeto da sua atividade na vida adulta surgiu pela primeira vez. Recordou a infelicidade nos seus rostos quando, pela primeira vez, inevitável e deslocadamente, abordou a questão do circo. Para eles não foi, pois, importante que o assunto não viesse mais à baila. Foi, sim, importante que o desejo de Jack de estudar bastante engenharia e aeronáutica para ser piloto de testes tenha sido garantido, pago e levado a cabo apesar de todos os obstáculos levantados pelo ridículo e pela recusa por parte das escolas.

E evidente que Vénus compensava tudo isso.

Os cientistas que conceberam o foguetão de Vénus tinham enfrentado um problema maior. Fora fácil mandar um foguetão para a Lua, a duzentos e cinquenta mil quilômetros de distância; teoricamente não seria muito mais difícil enviar um através do espaço para o mundo imediatamente mais próximo, Vénus. O problema punha-se em termos de órbitas e de tempo, de comandar a nave e fazê-la regressar. Um dilema. Podiam mandar a nave para Vénus apenas em alguns dias... Mas com um consumo de combustível tão dispendioso que dez naves não chegariam para o transportar. Ou podiam enviá-la para Vénus ao longo das suas órbitas naturais, como se fosse um barco ao sabor da corrente do rio, o que pouparia combustível mas prolongaria a viagem durante meses. Em oitenta dias um homem come o equivalente ao dobro do seu peso, respira o equivalente a nove vezes o seu peso e bebe água em quantidade suficiente para fazer flutuar um bote. Alguém disse: «destila-se a água dos objetos e encaminha-se de novo para circulação; faz-se o mesmo à comida; faz-se o mesmo ao ar»? Desculpe. O equipamento necessário para este ciclo pesa mais do que a comida, o ar e a água. Assim o piloto humano ficava de fora, evidentemente.

Uma equipa de cientistas pôs-se a trabalhar num piloto automático. Depois de construído, funcionou bem. E pesava quatro toneladas e meia, apesar dos circuitos impressos e relés construídos ao microscópio.

O projeto ficou suspenso, até que alguém se lembrou deste servomecanismo perfeito: um anão de trinta quilos. Tendo o terço do peso de um homem, Jack O'Shea comia um terço da comida, respirava um terço do oxigênio. Com um mínimo de peso e purificadores de água e de ar de baixo

rendimento, Jack encaixou-se mesmo à conta e dessa forma conquistou uma fama imortal.

Disse ele, cismando e um pouco abalado pelo impacte de duas bebidas leves na sua fraca estrutura:

— Enfiaram-me dentro do foguetão, como um dedo dentro de uma luva. Você sabe como era o foguetão. Mas sabe que eles me *enfiaram,* dentro da cadeira do piloto? Bom, não era uma cadeira, sabe. Parecia mais um escafandro; o único ar que havia na nave era o que estava dentro daquele fato; a água chegava-me à boca através de um tubo. Para poupar peso...

E os oitenta dias seguintes, passou-os dentro daquele fato. Alimentava-o, dava-lhe de beber, absorvia-lhe a transpiração, escoava-lhe os dejetos. Fora necessário e ter-lhe-ia injetado novocaína num braço partido, estancado uma artéria femoral cortada ou injetado ar num pulmão debilitado. Era como uma placenta, e horrivelmente desconfortável.

Dentro daquele fato trinta e três dias na ida, quarenta e um no regresso. Os seis dias do meio eram a justificação para a viagem.

Jack fizera descer a nave no meio da mais absoluta cegueira: nuvens de gás faziam-no fechar os olhos e confundiam o radar, até tocar a superfície de um mundo desconhecido. Só a menos de mil pés da superfície conseguiu vislumbrar qualquer coisa para além da poeirada amarela. E, em seguida, aterrou e desligou as turbinas de propulsão.

— Bem, é claro que não pude sair — disse ele. — Há quarenta ou cinquenta razões para ser outro o primeiro homem a pôr o pé em Vénus. Um que não se preocupe muito em respirar, acho eu. De qualquer maneira, ali estava eu, a olhar para aquilo. — Encolheu os ombros, fez uma expressão de perplexidade e serenamente disse uma asneira. — Já falei disto uma dúzia de vezes em conferências mas ainda não me restabeleci. Digo-lhes que a coisa que há de mais parecido com aquilo, na Terra, é o Deserto Pintado. Talvez seja; nunca lá estive.

»O vento sopra *forte* em Vénus e faz levantar as pedras. Pedras pequeníssimas levantam voo e provocam as tempestades de poeira. As pedras maiores, bem, essas ficam espetadas para o ar, desenhando formatos e cores curiosos. Algumas são autênticos monumentos. E as colinas e reentrâncias mais entalhadas que se possam imaginar. Algo como o interior de uma gruta, uma espécie... Só que não é escuro. Mas a claridade é estranha. Jamais alguém viu uma luz como aquela na Terra. Uma luz laranja acastanhada, brilhante, muito brilhante, mas assim como que ameaçadora. Tal como o céu se torna ameaçador no Verão ao pôr-do-sol, imediatamente antes do rebentar de uma trovoada. Só que lá nunca há trovoadas, porque não existe uma única gota de água. — Hesitou. — Há relâmpagos. Muitos. Mas chuva... Nunca. Não sei, Mitch — disse abruptamente. — Estou a ajudá-lo nalguma coisa?

Estive bastante tempo a fazer-lhe perguntas. Olhei para o relógio e vi que o jacto estava quase a partir; então baixei-me e desliguei o gravador que tinha na mala.

— Está a ajudar imenso, Jack — respondi. — Mas vou precisar de mais. E agora tenho de me ir embora. Oiça, pode ir a Nova Iorque trabalhar comigo durante uns tempos? Gravei tudo o que me contou, mas quero também imagens. Os nossos artistas podem trabalhar a partir de amostras que você trouxe, mas é preciso mais. E, para o que nós pretendemos, você ajuda muito mais que as fotografias. — Não mencionei o facto de que os artistas iriam desenhar imagens do aspecto que Vénus *teria* se fosse diferente do que era. — Então, que acha?

Jack chegou-se para trás com ar querubínico mas, embora me tenha fatigado com o breve resumo do extenso programa que o seu agente de conferências elaborara para as semanas seguintes, acabou por concordar. A palestra no Shriners podia ser cancelada, decidiu, e os encontros com os escritores de ficção podiam realizar-se tanto em Nova Iorque como em Washington. Marcámos encontro para o dia seguinte, no momento exato em que os altifalantes anunciaram que o meu avião estava pronto para descolar.

— Eu acompanho-o até ao avião — ofereceu-se Jack.

Desceu da cadeira e atirou uma nota para cima da mesa, para o criado. Atravessámos juntos as naves estreitas do bar, até á pista. Jack sorriu e envaideceu-se um pouco ao ouvirem--se alguns ohs e ahs quando foi reconhecido. Na pista estava a ficar escuro e a luminosidade que emanava da cidade de Washington iluminava em contraluz as silhuetas das aeronaves que cruzavam o ar. Voando em nossa direção desde o terminal de cargas vinha um enorme helicóptero, de cinquenta toneladas, cuja carlinga refletia as luzes cá para baixo. Não ia a mais de cinquenta pés de altitude, e até tive de segurar o chapéu para que não voasse com a deslocação do ar provocada pelo rodopiar das hélices.

— Estes condutores de autocarros são doidos — reclamou Jack, olhando para cima. — Deviam pôr estas coisas no G. C. A. Lá porque são manobráveis, estes cavaleiros aéreos julgam que as podem levar para qualquer lado. Se eu pilotasse um avião do mesmo modo que... *Fuja! Fuja!* — De súbito, estava a gritar comigo e a empurrar-me pela cintura com as suas pequenas mãos. Olhei-o sem perceber; passava-se tudo muito de repente e confusamente para fazer qualquer sentido. Atirou o seu corpo miniatura sobre mim e fez-me recuar alguns passos.

— Mas que raio...? — Ia queixar-me, mas deixei de ouvir as minhas próprias palavras. Foram abafadas por um ruído mecânico e uma flutuação no ritmo dos rotores e, em seguida, o maior estrondo que alguma vez ouvira quando o contentor de carga do helicóptero embateu no chão, a um metro do locar onde me encontrava. Partiu-se e espalhou latas de flocos de aveia *Starrzelius Verily* por todo o lado. Um dos cilindros carmesim rolou até junto a mim e, estupidamente, apanhei-o e pus-me a olhar para ele.

Por cima de nós o helicóptero subiu e afastou-se, mas nem dei por isso.

— Por amor de Deus, vamos tirá-los dali! — Gritava Jack, puxando-

me com veemência. Não estávamos sozinhos na pista. De baixo do alumínio amolgado via-se um braço com uma mala na mão, e por entre os ruídos que me enchiam os ouvidos ouvia-se o queixume de dores humanas. Era isso que ele queria dizer. Tirá-los dali. Deixei-me ir atrás dele até junto do metal retorcido e tentámos levantá-lo. Arranhei-me na mão e rasguei o casaco e foi então que o pessoal do aeroporto chegou junto de nós e bruscamente nos mandou afastar.

Não me lembro de ter ido para lá, mas aos poucos fui dando por mim sentado em cima de uma mala de viagem, encostado à parede do terminal, com o Jack O'Shea falando exaltado comigo. Amaldiçoava a classe dos pilotos de helicópteros de carga e resmungava por me ter servido de guarda-costas enquanto eu ali estava especado e ele vira os fechos do contentor abrirem-se e mais uma série de coisas que não consegui perceber. Lembro-me de ele me ter atirado para o chão, impaciente, a caixa encarnada de flocos. Os psicólogos dizem que não sou especialmente sensível ou receoso, mas fiquei num estado de choque tal que perdurou até ao momento em que Jack me ajudava a subir para o avião.

Mais tarde a assistente de bordo contou-me que cinco pessoas haviam ficado debaixo do contentor e que o caso parecia tomar-se no centro das atenções. Mas só quando já íamos a meio da viagem para Nova Iorque. Naquela altura, tudo o que me lembrava, tudo o que parecia importante eram as repetidas exclamações de Jack com amargura e raiva estampadas no seu rosto de porcelana:

— E gente a mais, Mitch. Confusão a mais. Dou-lhe todo o meu apoio. *Precisamos* de Vénus, Mitch, precisamos do espaço...

III

O apartamento de Kathy, na baixa da cidade, em Bensonhurst, não era grande mas era confortável. Estava mobilado com gosto, de uma forma acolhedora e sensata. E quem haveria de o saber melhor do que eu? Carreguei no botão por cima da placa «Dra. Nevin», e sorri-lhe quando abriu a porta.

Não me retribuiu o sorriso. Disse duas coisas:

— Estás atrasado, Mitch. — E: — Pensava que telefonavas primeiro.

Entrei e sentei-me.

Estava atrasado porque quase morrera e não telefonara porque estava atrasado. Será que a justificação é válida? — Fez-me a pergunta que eu queria que fizesse e eu contei-lhe como estivera próximo da morte naquela noite.

Kathy é uma mulher linda, com um rosto quente e simpático, o cabelo sempre imaculadamente penteado em dois tons de louro, os olhos habitualmente sorridentes. Passei muito tempo a olhar para ela mas nunca com tanta atenção como quando lhe contei aquela parte em que o contentor da carga me não acertou por pouco. Foi uma completa desilusão. Estava realmente preocupada comigo, sem dúvida. Mas o coração de Kathy abre-se para uma centena de pessoas e não descortinei nada na sua expressão que me fizesse sentir que se preocupava mais comigo do que com qualquer outra pessoa que conhecera ao longo dos anos.

Então contei-lhe as outras grandes novidades, o projeto de Vénus e a minha posição de chefia. Fui mais bem-sucedido; ficou surpreendida, entusiasmada e feliz, e beijou-me num acesso de alegria. Mas quando a beijei, tal como ansiara durante meses, afastou-se e foi sentar-se na outra ponta da sala, aparentemente para preparar uma bebida.

— Mereces um brinde, Mitch — disse com um sorriso. — Champanhe, no mínimo. Meu querido Mitch, é uma *notícia maravilhosa!*

Avaliei a oportunidade.

— Fazes-me companhia a comemorar? A comemorar a sério?

Os seus olhos castanhos ponderaram.

— Mm — murmurou. E em seguida: — Faço, Mitch. Vamos dar uma volta juntos pela cidade, pago eu e não se fala mais nisso. Só há uma coisa; vou ter de te deixar às 24.00 em ponto. Passo a noite no hospital. Tenho uma histerotomia para fazer amanhã de manhã e não posso deitar-me muito tarde. Nem muito bêbada.

Mas sorriu.

Uma vez mais decidi não abusar da sorte.

— Ótimo — retorqui, e não estava a fingir. Kathy é uma rapariga maravilhosa com quem sair. — Posso fazer um telefonema?

Quando acabámos de tomar as bebidas já eu marcara bilhetes para um espetáculo, uma mesa para jantar, e um local agradável onde tomar qualquer coisa ao fim da noite. Kathy parecia um pouco hesitante.

— É um programa muito preenchido para cinco horas, Mitch — exclamou. — A histerotomia não vai ficar nada contente se as minhas mãos tremerem. — Mas consegui convencê-la a não pensar nisso. Kathy é superior a isso. Uma vez fizera uma trepanação completa numa manhã a seguir a uma noite que passáramos aos berros um com o outro, e correra perfeitamente.

O jantar, para mim, foi um fracasso. Não pretendo ser um gastrônomo que só gosta de proteínas frescas. Mas, decididamente, fico irritado quando pago proteínas regeneradas pelo preço de frescas. O aspecto do *shashlik* que ambos mandámos vir era bom, mas o sabor não se consegue disfarçar... Risquei o restaurante da minha lista, naquele preciso momento, e pedi desculpa a Kathy pelo sucedido. Mas ela até achou graça e o espetáculo que se seguiu foi agradável. O hipnotismo faz-me, muitas vezes, dores de cabeça, mas deixei-me entrar em transe assim que o filme começou e acabei por gostar.

O clube estava apinhado e o chefe de mesa enganara-se na hora da nossa reserva. Tivemos de esperar cinco minutos na sala de entrada, e Kathy abanou ostensivamente a cabeça quando lhe pedi uma prorrogação da nossa hora de regresso. Mas quando o chefe de mesa nos indicou os lugares, no meio das mais inusitadas desculpas e vénias, e nos trouxeram as bebidas, ela chegou-se a mim e beijou-me de novo. Senti-me mesmo bem.

— Obrigado — disse ela. — Foi uma noite maravilhosa, Mitch. Por favor, vê se és promovido muitas vezes. E uma coisa que me agrada.

Acendi um cigarro para ela, outro para mim e ia dizer uma coisa mas detive-me.

Kathy exclamou:

— Vá lá, diz.

— Bem, o que eu ia dizer é que nos divertimos sempre que estamos juntos.

— Eu sabia que era isso. E eu ia dizer que sabia onde querias chegar e a resposta continuava a ser «não».

— Eu sabia que era isso — retorqui, sorumbático. — Vamos mas é embora daqui.

Ela pagou a conta e saímos, colocando os tampões antipoluição ao chegarmos à rua.

— O senhor deseja táxi? — Perguntou o porteiro.

— Sim, se faz favor — respondeu Kathy. — Um tandem.

Ele chamou um peditáxi e Kathy deu o endereço do hospital ao rapaz da frente.

— Se quiseres podes vir, Mitch — disse, e eu subi juntamente com ela. O porteiro deu-nos um empurrão inicial e os dois taxistas soltavam sons ao ganharem velocidade.

Tomei a iniciativa de descer a coberta. Por momentos foi como um regresso aos nossos tempos de namoro: a penumbra acolhedora, o cheiro leve à humidade da coberta da lona, o chiar das molas. Mas só por momentos.

— Tem cuidado, Mitch — afirmou em tom de aviso.

— Por favor, Kathy — retorqui, cauteloso. — Deixa-me dizer-te mesmo assim. É um instante. — Ela não disse que não. — Estávamos casados há oitos meses... Bem sei — exclamei repentinamente, quando ela começou a falar —, não era um casamento absoluto. Mas fizemos os votos interlocutórios. Lembras-te porquê?

Ela aguardou um momento e respondeu pacientemente:

— Estávamos apaixonados.

— Exato — retorquiu. — Eu amava-te e tu amavas-me. E ambos tínhamos o nosso trabalho em que pensar e sabíamos que, às vezes, isso nos dificultava um pouco as coisas. Por esse motivo fizemos um interregno. Tínhamos um ano inteiro para decidir se o queríamos tornar permanente ou não. — Peguei-lhe na mão e ela não a afastou. — Kathy, querida, não achas que sabíamos o que estávamos a fazer, nessa altura? Não podemos, ao menos, levar o ano até ao fim? Ainda faltam quatro meses. Vamos tentar. Se o ano chegar ao fim e não quiseres depositar a tua certidão... Bem, pelo menos, não poderia dizer que não me deste uma oportunidade. No que me diz respeito, não preciso de esperar. A minha certidão está depositada e não a vou alterar.

Passávamos junto de um candeeiro público e pude vê-la morder os lábios numa expressão que não compreendi bem.

— Oh, bolas para isto, Mitch — exclamou aborrecida. — Eu *sei* que não vais mudar. É isso que torna as coisas tão difíceis. Será preciso ficar aqui a chamar-te nomes para que te convenças de que não temos qualquer hipótese? Será preciso dizer-te que és demasiado mau carácter, calculista, maquiavélico e egoísta, para que se possa viver contigo? Dantes pensava que eras amoroso, Mitch. Um idealista que se preocupava com os princípios e a ética, em vez do dinheiro. Tinha todas as razões para pensar assim. Foste tu que mo disseste, de forma bem convincente. Eras também bastante tolerante em relação ao meu trabalho. Interessavas-te pela medicina, vinhas ver-me a operar três vezes por semana, dizias a todos os nossos amigos, quando estávamos juntos em convívio, que te orgulhavas de estar casado com uma cirurgiã. Levei três meses a descobrir o que querias dizer com isso. Qualquer

um podia casar com uma rapariga que fosse dona de casa. Mas foi preciso um Mitchell Courtenay para casar com uma cirurgiã de categoria reconhecida e a *transformar* numa dona de casa. — A sua voz tremia. — Não pude aceitar isso, Mitch. Nunca o poderei aceitar. O choque de mentalidades, o mau humor, as discussões incessantes. Eu sou médica. Há momentos em que uma vida depende de mim. Se estiver arrasada por dentro, por discutir com o meu marido, essa vida não está segura, Mitch. Não percebes?

Pareceu-me ouvi-la soluçar.

Perguntei serenamente:

— Kathy, já não me amas?

Ficou absolutamente calada durante um longo espaço de tempo. Em seguida deu uma gargalhada breve e grosseira.

— Chegámos ao hospital, Mitch — disse. — É meia-noite.

Puxei a coberta para trás e saímos.

— Espere aqui — disse eu ao rapaz da frente, e dirigi-me com ela para a porta. Não me deu um beijo de boas-noites, nem marcou novo encontro comigo. Fiquei vinte minutos na sala de entrada para me certificar de que ela ficava mesmo lá de noite e voltei para o táxi para me dirigir à estação de vaivéns mais próxima. Estava aborrecido. E não melhorei quando o rapaz da frente me perguntou inocentemente, depois de lhe pagar o serviço:

— O senhor diga-me: que quer dizer maq... Maquiavélico?

— Quer dizer «mete-te no raio da tua vida», em espanhol — respondi, mantendo a calma. No vaivém pus-me a pensar, irritado, quanto dinheiro precisaria de ter para comprar a privacidade.

A minha disposição não melhorara quando cheguei ao escritório na manhã seguinte. Hester teve de empregar toda a sua perícia para que eu não lhe arrasasse a cabeça logo nos primeiros minutos, e a divina graça de Deus providenciou para que eu não tivesse marcada qualquer reunião da Administração. Depois de me ter passado o correio e a coleção de memorandos intergabinetes acumulados durante a noite, Hester, inteligentemente, desapareceu por alguns momentos. Quando voltou trazia uma chávena de café, autêntico, cultivado na plantação.

— A encarregada dos lavabos das senhoras fá-lo às escondidas — explicou. — Habitualmente não nos deixa trazer cá para fora, por causa do pessoal do *Coffiest.* Mas agora, como o senhor é da Administração...

Agradeci-lhe e dei-lhe a gravação do Jack O'Shea para dar seguimento. E lancei-me ao trabalho.

Primeiro foi o problema da área de amostra e uma dor de cabeça com Matt Runstead. Ele era da Prospecção de Mercado e eu tinha que trabalhar com e através dele. Mas não mostrava qualquer tendência para trabalhar comigo. Coloquei o mapa da Zona Sul da Califórnia no retroprojetor enquanto Matt e dois dos seus assistentes anônimos espalhavam a cinza dos cigarros pelo chão do meu gabinete.

Com o ponteiro assinalei as áreas de teste e pontos de controlo:

— De San Diego a Tijuana; metade das comunidades na zona de Los Angeles e extremidade sul de Monterrey. Aqui serão os controlos. O resto da Cal-México, de L. A. para baixo, utilizá-lo-emos para os testes. Deverás ter de ir para lá, Matt; vou recomendar os nossos escritórios em Diego para sede de operação. O responsável é o Turner e é um bom homem.

Runstead resmungou.

— Nem um floco de neve do princípio ao fim do ano. Não se consegue vender um sobretudo aí, nem que se ofereça uma escrava como prêmio. Por amor de Deus, homem, por que é que não deixas a prospeção de mercado para alguém que perceba alguma coisa do assunto? Não vês como o clima anula o teu sigma?

O mais jovem dos típicos assistentes padrão começou a apoiar o chefe, mas eu mandei-o calar. Runstead tinha de ser consultado acerca das áreas de teste, era esse o seu trabalho. Mas Vénus era um projeto meu e era eu quem o ia dirigir. Disse-lhes num tom ligeiramente sórdido:

— O rendimento regional e mundial, as idades, a densidade populacional, a saúde, a erosão da psique, a distribuição dos grupos etários e as causas e taxas de mortalidade são sigmas multiplicados por sete, Matt. Cal-Mex foi feita por Deus em pessoa como uma área de teste perfeita. Num universo reduzido de menos de cem milhões, duplica todos os segmentos importantes na América do Norte. O meu projeto não vai ser alterado e nós vamos cingir-nos à área que eu indicar. — Sublinhei a palavra *meu.*

Matt retorquiu:

— Não vai resultar. A temperatura é o fator principal. Qualquer pessoa vê isso.

— Eu não sou qualquer pessoa, Matt. Eu sou o responsável pelo projeto.

Matt Runstead apagou o cigarro e levantou-se.

— Vamos falar com o Fowler — exclamou, e saiu. Não me restava outra solução senão segui-lo. Ao sair, ouvi o assistente mais velho pegar no telefone e avisar a secretária de Fowler Schocken de que íamos a caminho. Tinha uma boa equipa, o Runstead. Pus-me a pensar na maneira de formar para mim uma equipa como aquela, antes de me preocupar com a forma como iria apresentar o problema a Fowler.

Mas Fowler Schocken é possuidor de uma técnica certeira para lidar com as divergências internas. Utilizou-a connosco. Quando entrámos, exclamou exuberante:

— Aí estão eles! Os dois homens que eu queria ver! Matt, podes resolver-me um problema? Trata-se do pessoal do I. A. G. Estão a reclamar que o nosso tratamento da campanha PregNot está a prejudicar-lhes o negócio. Falam em passar-se para a Taunton, a menos que desistamos da PregNot. A faturação deles não é muito elevada, mas um informador disse-me que o Taunton lhes anda a meter a ideia na cabeça. — Continuou a explicar-nos a complexidade do nosso relacionamento com o Instituto Americano de

Ginecologia. Ouvi-o com indiferença; a nossa campanha «Bebês sem reticências» relativa ao seu projeto de determinação sexual, proporcionou-lhes um acréscimo de 20% na taxa de natalidade normal. Na presença deste facto, deviam estar solidamente do nosso lado. Runstead era da mesma opinião.

Afirmou:

— Eles não têm hipótese, Fowler. Nós vendemos tanto bebidas como remédios para a ressaca. Eles não têm negócio em mais nenhum ramo. Aliás, que raio é que a Prospecção de Mercado tem a ver com isso?

Fowler riu satisfeito.

— É isso! — Exultou. — Vamos dar-lhes a volta. Eles vão esperar que os executivos da campanha lhes apresentem a linha habitual, mas, em vez disso, vocês tratam deles diretamente. Vamos assoberbá-los com toda uma linha de tabelas e estatísticas que provem que o PregNot nunca impede o casal de ter um filho; dá-lhe simplesmente a possibilidade de *adiarem* essa decisão até que reúnam as condições necessárias para o ter. Por outras palavras, a unidade de vendas sobe e o volume mantém-se o mesmo. E será um tiro em cheio no Taunton. E os advogados são irradiados por representarem interesses em conflito. Custou muito dinheiro, a muitos deles. Temos de garantir que qualquer tentativa para introduzir o mesmo princípio na nossa profissão seja eliminada logo de início. Achas que podes resolver isso por mim, Matt?

— Com certeza que sim — retorquiu Runstead. — Então e Vénus?

Fowler piscou-me o olho.

— Que achas? Podes dispensar o Matt por uns tempos?

— Para sempre — respondi. — Efetivamente era por causa disso que vinha falar consigo. O Matt está apreensivo em relação ao Sul da Califórnia.

Runstead tirou o cigarro da boca e deixou-o cair, queimando o *nylon* macio da alcatifa de Fowler.

— Que raio... — Começou beligerante.

— Calma — retorquiu Fowler. — Deixa-nos ouvir a história, Matt.

Runstead fitou-me furioso.

— Eu só disse que o Sul da Califórnia é a área de teste indicada. Qual é a grande diferença que existe entre Vénus e a Terra? O calor! Precisamos de uma área de teste com um clima tipicamente continental. Um habitante da Nova Inglaterra poderia ser atraído pelo calor de Vénus; um indivíduo de Tijuana, nunca. Já há calor a mais em Cal-Mex.

— Mm — exclamou Fowler Schocken. — Vou dizer-te uma coisa, Matt. Este assunto requer disponibilidade e tu vais estar ocupado com o caso do I. A. G. Nomeia um tipo bom para te substituir temporariamente no departamento de Vénus enquanto estás fora e resolvemos isso na reunião de amanhã. Entretanto... — Olhou para o relógio da secretária — o senador Danton já está à espera há sete minutos. Está bem?

Definitivamente não estava nada bem no que respeita a Matt, e eu fiquei contente o resto do dia. As coisas corriam bem. O pessoal do Desenvolvimento chegou com um relatório sobre o que tinham apurado da

gravação de O'Shea e de todo o outro material disponível. Ali estavam os tópicos com que trabalhar. Breves, efêmeros, tais como pequenas lembranças de Vénus, feitas a partir da matéria orgânica que paira naquilo a que, no gozo, chamamos o «ar» de Vénus. Tópicos para longo prazo; um ensaio revelara a existência de ferro puro: não 99% puro, nem 99,9% puro, mas ferro absoluto, que seria impossível encontrar ou fazer num planeta oxigenado como a Terra. Os laboratórios haveriam de pagar bem por isso. E o Desenvolvimento não desenvolvera mas descobrira uma coisinha notável chamada Tubo de Hilsch de alta velocidade. Sem necessidade de utilização de energia poderia fazer a refrigeração das habitações dos pioneiros, servindo-se dos tornados quentes de Vénus. Tratava-se de um dispositivo simples que remontava já a 1943. Até agora ninguém tirara proveito dele, porque ninguém, até agora, tivera este tipo de ventos com que lidar.

Tracy Collier, o homem do Desenvolvimento nomeado para o projeto de Vénus, tentou também falar-me dos catalisadores à base de azoto. Acenei com a cabeça, uma vez por outra e fui-me apercebendo de que a platina esponjosa «semeada» por Vénus poderia, juntamente com a iluminação excepcional e contínua, fazer com que «colhessem» nitratos e «apanhassem» hidrocarbonetos... Purgando a atmosfera de formaldeídos e amónia.

— Um bocado dispendioso? — Perguntei cautelosamente.

— Não é mais dispendioso do que o que quisermos que seja — respondeu. — Como sabe, a platina não se gasta. Um grama dura um milhão de anos ou mais. Utilizando mais platina, gastamos menos tempo.

Não percebi muito bem, mas era óbvio que se tratava de uma boa notícia. Bati-lhe amigavelmente nas costas e mandei-o embora.

A Antropologia Industrial criou-me um *impasse.* Ben Winston protestou:

— *Não podemos* obrigar as pessoas a quererem viver em latas de conserva aquecidas a vapor. Todos os nossos hábitos vão contra isso. Quem é que vai percorrer cem milhões de quilómetros para acabar por passar o resto da vida fechado numa prisão de lata, quando pode ficar aqui na Terra e desfrutar de corredores, elevadores, ruas, telhados, todo o espaço livre que um homem pode desejar? E contra a natureza humana, Mitch!

Concordei com ele. Não era muito bom. Continuou a falar-me do modo de vida americano, levou-me até à janela e mostrou-me as centenas de hectares de coberturas sob as quais homens e mulheres se podiam deslocar ao ar livre, usando simples tampões de filtragem da poluição nas narinas, em vez de pesados capacetes de oxigénio.

Acabei por ficar furioso. Exclamei:

— Alguém tem de querer ir para Vénus. Senão, por que compram o livro de Jack O'Shea, desta maneira? Por que ficaram os leitores calados perante um investimento de mais de um bilião, para a construção do foguetão? Deus é testemunha de que eu não te devia obrigar a isto, mas eis o que vais dizer: faz um inquérito aos compradores do livro, aos espectadores assíduos

dos programas de TV de O'Shea, aos que chegam mais cedo às suas palestras e, no fim, ficam a conversar à saída. O'Shea está na ordem do dia, aproveita-te dele para tudo o que conseguires obter. Informa-te sobre a colônia da Lua, descobre que tipos eles lá têm. E, nessa altura, saberemos a quem a destinar os nossos anúncios. Então, e agora, alguma dúvida? — Não houve.

Hester fizera maravilhas na elaboração da agenda para aquele primeiro dia, e eu fiz bastantes progressos com os chefes de todas as secções envolvidas. Mas não teve tempo de me ler o expediente, e à hora da saída eu tinha um maço de papéis empilhados junto ao meu braço direito. Hester ofereceu-se para ficar, mas não havia, na verdade, nada para ela fazer. Deixei-a trazer-me umas sanduíches e outra chávena de café e mandei-a para casa.

Quando acabei já passava das onze. Antes de ir para casa parei num restaurante do décimo quinto andar, aberto toda a noite; era um caixote sem janelas, onde o café cheirava ao fermento de que era feito e no presunto da minha sanduíche se notavam os vestígios da soja. Mas esse era um problema menor que depressa esqueci, pois assim que abri a porta do meu apartamento ouvi um estalido e uma explosão e algo foi projetado contra a porta, perto da minha cabeça. Esquivei-me e gritei. Do lado de fora da janela, uma silhueta pendurada numa escada de corda escapava-se com uma arma na mão.

Fui suficientemente estúpido para me aproximar da janela e espreitar aquela figura que fugia num helicóptero. Teria sido um alvo perfeito, se ele tivesse tido a coragem de disparar de novo, o que não aconteceu.

Surpreendido com a minha calma, telefonei para a Companhia de Proteção Metropolitana.

— O senhor é assinante? — Perguntou a telefonista.

— E claro que sou, irra. Há seis anos. Mandem cá um homem! Mandem cá uma patrulha.

— Um momento Sr. Courtenay... Sr. Mitchell Courtenay? Publicitário, quadro superior?

— Não — respondi com rudeza. — A minha profissão é ser alvo. Quer fazer o favor de mandar cá um homem antes que o indivíduo que acabou de disparar sobre mim volte?

— Peço desculpa, Sr. Courtenay — respondeu a voz doce e imperturbável. — O senhor disse que *não* era publicitário, quadro superior?

Rangi os dentes

— Sou um publicitário, quadro superior — admiti.

— Obrigado. Tenho aqui a ficha do senhor. O senhor desculpe, mas o seu pagamento está em atraso. E que não aceitamos inscrições de quadros superiores à taxa normal, devido ao risco de fraudes industriais. — Pronunciou uma quantia que me deixou os cabelos em pé.

Não me matei por isso; ela não passava de um instrumento.

— Obrigado — disse com voz grave e desliguei. Coloquei no leitor a bobina do *Programa de Impressão de Dispositivos Informativos* do Livro Encarnado e passei-a até às Agências de Proteção. Três ou quatro recusaram-

se a atender-me, mas, por fim, um sonolento detetive particular aceitou ir lá a casa por um preço elevado.

Apareceu passada meia hora, eu paguei-lhe, e tudo o que fez foi aborrecer-me com perguntas sem resposta e procurar impressões digitais inexistentes. Pouco tempo depois foi-se embora, afirmando que ia trabalhar no caso.

IV

Enchi-me de coragem e dirigi-me ao escritório de Fowler Schocken. Precisava de uma resposta e ele podia dar-ma. Podia também pôr-me fora do gabinete por perguntar. Mas precisava de uma resposta.

Parecia não ser a melhor altura para fazer perguntas a Fowler Schocken. A minha frente, a porta do seu gabinete abriu-se explosivamente e Tildy Mathis saiu bruscamente, com a face marcada pela emoção. Olhou para mim, e ainda bem que não sabia o meu nome.

— «Escreve de novo» — exclamou furiosa. — Faço tudo o que posso por aquela ratazana velha de cabelo branco e com que é que ele retribui? «Escreve de novo.» «É um *bom* texto, mas de *ti* quero mais do que bom», diz ele. «Escreve de novo», diz ele. «Quero cor», diz ele. «Quero estímulo e beleza e calor humilde e humano e êxtase, e toda a ternura e emoção do teu doce coração de mulher», diz ele, «e quero tudo isso em quinze palavras.» Eu dou-lhe as quinze palavras — exclamou entre soluços e afastou-me da frente para sair. — Eu dou-lhe, a esse hipócrita, melífluo, hiperbólico, paternalista, fabricante de estrelas, devorador de gênios, Moloch de um... — O estrondo da porta a bater não deixou ouvir o substantivo. Foi pena; deve ter sido um bom substantivo.

Clareei a voz, bati à porta uma vez e entrei no gabinete de Fowler. Não havia qualquer indício da sua discussão com a Tildy, no sorriso que me fez. De facto, o seu rosto rosado e de olhos claros desmentiu as minhas suspeitas, mas... Eu *fora* alvo de um atentado.

— É só um minuto, Fowler — adiantei. — Queria saber se tem estado a fazer jogo duro com a Sociedade Taunton.

— Eu jogo sempre duro — retorquiu. — Duro, mas limpo.

— Quero dizer muitíssimo duro e muitíssimo sujo. Tentou, por acaso, liquidar algum dos homens deles?

— Mitch! Com *franqueza!*

— Eu pergunto — continuei obstinadamente — porque ontem à noite

um atirador especial vindo de helicóptero tentou atingir-me quando cheguei a casa. Não consigo pensar em mais nada, a não ser num ato de retaliação por parte de Taunton.

— Que se lixe o Taunton — afirmou positivamente.

Respirei fundo.

— Fowler — disse —, de homem para homem, não recebeu nenhuma notificação? Posso estar a ir longe de mais, mas tenho de lhe fazer a pergunta. E que não é só por mim. É pelo projeto Vénus.

Não havia qualquer esboço de sorriso no rosto de Fowler naquele momento, e pude ver nos seus olhos que o meu emprego e a minha posição de quadro superior estavam na corda bamba.

Respondeu:

— Mitch, nomeei-te quadro superior porque pensei que podias arcar com as responsabilidades inerentes ao cargo. Não se trata apenas do trabalho. Sei que o podes fazer bem. Pensei que conseguisses viver igualmente para o código comercial.

Aguardei.

— Com certeza — respondi.

Ele sentou-se e acendeu um *Starr.* Após a exata fração de segundo de hesitação, passou-me o maço.

— Mitch, tu és um miúdo, quadro superior há pouco tempo. Mas tens poder. Umas palavras tuas e, num espaço de semanas ou meses, meio milhão de consumidores verão as suas vidas completamente modificadas. Isso é poder, Mitch, poder absoluto. E conheces o velho ditado. O poder enobrece. O poder absoluto enobrece absolutamente.

— Conheço sim — retorquiu. Sabia de todos os velhos ditados. Sabia também que só eventualmente ele responderia à minha pergunta.

— Ah, Mitch — exclamou dissertando e ondulando o cigarro —, nós temos as nossas prerrogativas, os nossos deveres e os nossos riscos particulares. Não se pode ter uns sem ter os outros. Se não fossem os conflitos, todo o sistema de cheques e saldos deixaria de funcionar.

— Fowler — afirmei, atrevendo-me ousadamente —, sabe que eu não tenho quaisquer reclamações a fazer acerca do sistema. Funciona; é tudo o que há a dizer dele. Sei que os conflitos são necessários. E é evidente que se a Taunton declarar um conflito contra nós, teremos de viver de acordo com o código. Não se podem espalhar as informações; qualquer executivo correria a esconder-se em vez de produzir. Mas... O projeto Vénus está na minha cabeça, Fowler. Desta forma coordeno-o melhor. Se tiver de escrever tudo, torno as coisas mais lentas.

— É claro — retorquiu.

— Suponha que *foi* notificado e suponha que a Taunton me elimina... Que acontece ao projeto Vénus?

— Talvez tenhas razão — admitiu. — Posso dizer-te, Mitch. Não houve qualquer notificação.

— Obrigado, Fowler — afirmei sinceramente. — Eu *fui* alvo de um disparo. E aquele acidente em Washington... Talvez não tenha sido um acidente. Não pensa que o Taunton iria tentar qualquer coisa sem o notificar, pois não?

— Não os provoquei a esse ponto e, de qualquer maneira, nunca fariam uma coisa dessas. São mesquinhos, são vigaristas, mas conhecem as regras do jogo. O assassínio no âmbito de um conflito industrial é um delito relativamente leve. O assassínio *sem* notificação prévia é um *delito comercial.* Não tens andado a fazer nada de errado, pois não?

— Não — afirmei. — A minha vida tem sido bastante monótona. Tudo isto é uma loucura. Deve ter havido qualquer engano. Mas dou-me por muito feliz que quem quer que fosse não tenha acertado.

— Também eu, Mitch, também eu! Chega da nossa vida privada. Temos negócios a tratar. Estiveste com o O'Shea? — Apagara já o atentado do seu pensamento.

— Estive. Vem cá hoje. Vai trabalhar em estreita colaboração comigo.

— Esplêndido! Alguma dessa glória passará para a Sociedade Fowler Schocken, se jogarmos as nossas cartas devidamente. Vai ao fundo da questão, Mitch. Não preciso de te dizer como.

Era a ordem para me retirar.

***

O'Shea aguardava na sala de espera do meu escritório. Não era de modo nenhum uma provocação; grande parte das funcionárias acotovelava-se à sua volta, enquanto ele, empoleirado numa secretária, falava brusca e autoritariamente. Os olhares delas não enganavam ninguém. Ele era um anão de noventa centímetros, mas tinha fama e dinheiro, as duas coisas que nós perseguimos e que são perseguidas pela população. O'Shea podia ter escolhido qualquer delas. Interroguei-me sobre quantas já teria escolhido desde o seu regresso à Terra, envolto num manto de glória.

O nosso escritório é disciplinado, mas as raparigas só voltaram para os seus lugares quando lhes fiz notar a minha presença.

— Bom dia, Mitch — disse O'Shea. — Já se recompôs do susto?

— Claro. E já apanhei outro. Tentaram matar-me.

Contei-lhe a história e ele murmurou pensativo.

— Já considerou a hipótese de arranjar um guarda-costas? — Perguntou.

— E claro. Mas não quero. Deve ter sido um engano.

— Como o contentor de carga?

Fiquei calado.

— Jack, *por favor,* podemos deixar este assunto? E que não me

agrada nada.

— Autorização concedida — respondeu num sorriso. — E agora vamos trabalhar, e em quê?

— Em primeiro lugar, palavras. Queremos palavras que tenham a ver com Vénus, palavras que despertem a atenção das pessoas. Que as façam levantar. Que as façam divagar acerca de mudança e de espaço e de outros mundos. Mundos que as façam sentir-se frustradas com aquilo que são e esperançosas em relação àquilo que podem ser. Mundos que as façam sentir-se nobres e não idiotas, sendo o que são. Palavras que provoquem todas estas sensações e que as tornem felizes com a existência da Indiastries e da Starrzelius Verily e da Sociedade Fowler Schocken. Palavras que provoquem todas estas sensações e as tornem infelizes com a existência dos Produtos Universal e da Sociedade Taunton.

Ficou a olhar para mim, de boca aberta.

— Não está a falar a sério — exclamou por fim.

— Agora já sabe o que eu quero — retorqui com simplicidade. — E assim que trabalhamos. Foi assim que o trabalhámos.

— Que quer dizer com isso?

— Você usa roupas e sapatos *Starrzelius Verily,* Jack. Isso significa que o apanhámos. A Taunton e a Universal trabalharam-no, a Starrzelius e a Schocken trabalharam-no... E você escolheu *Starrzelius.* Chegámos até si. Subtilmente, sem sequer se dar conta do que estava a acontecer, deixou-se persuadir de que havia algo de agradável nas roupas e sapatos Universal.

— Nunca leio os anúncios — afirmou em tom de desafio.

Sorri.

— O nosso mais recente triunfo está implícito nessa afirmação— disse eu.

— Juro solenemente — exclamou O'Shea — que assim que voltar ao hotel vou deitar a minha roupa para o incinerador.

— As malas também? — Perguntei. — Malas *Starrzelius?*

Olhou-me pasmado por um momento e, em seguida, recuperou a calma.

— Malas *Starrzelius,* também — respondeu. — E depois pego no telefone e encomendo um conjunto completo de malas e vestuário *Universal.* E você não me pode impedir.

— Jamais tal me ocorreria, Jack! Isso representa mais negócio para a Starrzelius. Eu digo-lhe o que vai fazer: compra um conjunto completo de malas e vestuário *Universal.* Usa as malas e veste as roupas durante uns tempos com ligeira e contida insatisfação. Esta vai atuar sobre a sua libido, porque os nossos anúncios à Starrzelius, embora diga que não os lê, convenceram-no de que comprar outras marcas não é um ato realmente viril. O seu orgulho próprio vai sofrer; lá bem no fundo você *sabe* que não usa o melhor. O seu subconsciente não vai aguentar muito. Dará consigo a «perder» peças de roupa *Universal.* Dará consigo a rasgar «acidentalmente» com o pé

as calças *Universal* ao vesti-las. Dará consigo a encher demasiado as malas *Universal* e a amaldiçoá-las por não serem mais espaçosas. Entrará numa loja e, num momento de amnésia em relação a esta conversa, comprará *Starrzelius,* Deus o abençoe.

O'Shea riu-se, inseguro.

— E fez tudo isso com palavras?

— Palavras e imagens. Visão e som e cheiro e sabor e tato. E o maior de entre todos é a palavra. Costuma ler poesia?

— Meu Deus, claro que não. Quem é que lê?

— Não me refiro à poesia contemporânea; tem toda a razão a esse respeito. Refiro-me a Keats, Swinbum, Wylie... Os grandes líricos.

— Dantes lia — admitiu cauteloso. — Porquê?

— Vou pedir-lhe que passe a manhã e a tarde com uma dessas maiores poetisas líricas do mundo: uma rapariga de nome Tildy Mathis. Ela não sabe que é poetisa; pensa que é uma redatora de publicidade do patrão. Não lho diga. Podia torná-la infeliz.

Ainda que noiva imaculada da quietude,
Ainda que irmã do silêncio e do tempo lento...

Este é o tipo de coisas que ela teria escrito antes do aparecimento da publicidade. A correlação é perfeitamente nítida. Viva a publicidade, abaixo a poesia lírica. E há tanta gente com capacidade para juntar palavras que gritam e comovem e cantam. Quando se tornou possível ganhar bem a vida na publicidade aproveitando esta capacidade, a poesia lírica foi deixada para os excêntricos que precisavam de gritar e de ser extravagantes para chamarem a atenção.

— Por que me conta tudo isto? — Perguntou.

— Já lhe disse que você, agora, está por dentro, Jack. Há uma responsabilidade que deve acompanhar sempre o poder. Nesta profissão entramos na alma dos homens e das mulheres. Fazemo-lo pegando em talento e... Reendereçando-o. Ninguém deverá brincar com as vidas das pessoas do modo que nós o fazemos, a menos que seja motivado pelos mais altos ideais.

— Estou a perceber — disse suavemente. — Não se preocupe com os meus motivos. Não estou metido nisto por dinheiro ou fama. Estou, sim, para que a raça humana possa voltar a ter dignidade e espaço livre.

— E isso — exclamei eu, ligando para a Expressão Um. Mas interiormente fiquei pasmado. O «alto ideal» a que me referia eram as Vendas.

Chamei a Tildy pelo intercomunicador.

— Converse com ela — disse eu. — Responda às perguntas que ela lhe fizer. Faça-lhe algumas. Torne a conversa longa e amigável. Deixe-a partilhar das suas experiências. E, sem dar por isso, ela escreverá fragmentos líricos das suas experiências que irão diretamente ao encontro dos corações e das almas dos leitores. Não tente aproveitar-se dela.

— Claro que não. Hm, Mitch, e ela tentará aproveitar-se dê mim? — A expressão dele era a de uma estatueta de Tanagra, de um jovem e esperançado sátiro.

— Não — prometi-lhe solenemente. Toda a gente conhecia a Tildy.

Nessa tarde e pela primeira vez em quatro meses, a Kathy telefonou-me.

— Há algum problema? — Perguntei bruscamente. — Alguma coisa que eu possa fazer?

Ela riu-se.

— Não há problema nenhum, Mitch. Só queria falar-te e agradecer-te por aquela noite maravilhosa.

— E que tal outra? — Perguntei prontamente.

— Jantar em minha casa logo à noite, agrada-te?

— E claro que me agrada. Oh, se agrada. De que cor é o vestido que vais usar? Vou comprar-te uma flor a sério!

— Oh, Mitch não penses em ser extravagante. Não somos namorados e eu já sei que és mais rico do que Deus. Mas *há* uma coisa que gostaria que trouxesses.

— É só dizeres.

— Jack O'Shea. Consegues? Vi no noticiário que ele chegou hoje à cidade e suponho que está a trabalhar contigo.

Bastante desiludido, respondi:

— Está, sim. Vou falar com ele e depois volto a telefonar-te. Estás no hospital?

— Estou. E agradeço-te imenso. Adorava conhecê-lo.

Entrei em contacto com O'Shea no escritório de Tildy.

— Tem algum compromisso para esta noite? — Perguntei.

— Humm... *Podia* ter — respondeu. O'Shea dava mostras evidentes de começar a conhecer Tildy.

— A minha proposta é a seguinte. Um jantar tranquilo em casa comigo e com a minha mulher, que por acaso é linda, uma ótima cozinheira, uma cirurgia de primeira e uma excelente companhia.

— Aceito.

Assim telefonei a Kathy e disse-lhe que levaria a celebridade social por volta das sete.

Entrou no meu escritório às seis horas, resmungando:

— Espero bem que o jantar seja bom, Mitch. A sua menina Mathis atrai-me. E de que maneira! Será que ela vai ter o bom senso de quebrar aquele distanciamento?

— Não creio — respondi. — Mas Keats foi bem apanhado por uma prostituta sagaz, e Byron não teve o bom senso suficiente para se afastar do âmbito venéreo. Swinburne desgraçou toda a sua vida. Quer que continue?

— Por favor, não. Que tipo de casamento é o seu?

— Interlocutório — respondi, um pouco dolorosamente, apesar do

meu orgulho.

Levantou ligeiramente o sobrolho.

— Talvez seja da educação que levei, mas há qualquer coisa nesses relacionamentos que me põe os nervos em franja.

— A mim também — retorqui —, pelo menos no meu caso. Caso a Tildy não lhe tenha dito, a minha linda e talentosa mulher não o quer levar até ao fim, não vivemos juntos e, a menos que eu consiga fazê-la mudar de opinião nos próximos quatro meses, acabamos tudo.

— Tildy não me disse — afirmou. — Dá-me a ideia de que está bastante preocupado com isso.

Quase tive pena de mim próprio. Quase apelei à sua compaixão. Quase lhe comecei a contar como era terrível para mim, como eu a amava, como ela não me dava sequer a oportunidade, como eu já tentara tudo o que me viera à cabeça e não a conseguira convencer. E então apercebi-me de que o estaria a contar a um anão de noventa centímetros, que, se fosse casado, se poderia tomar, em qualquer momento, no brinquedo indefeso ou objeto do ridículo da mulher.

— Medianamente preocupado — disse. — Vamos, Jack. E só tomar uma bebida e apanhamos o vaivém.

Kathy estava bela como nunca, e lamentei que ela me tivesse dissuadido de gastar uns dias de ordenado num vestido Cartier.

Cumprimentou O'Shea e ele proferiu de imediato, alto e bom som:

— Você agrada-me. Não há um brilhozinho nos olhos. Nenhum brilhozinho do tipo «Oh, como ele é engraçado». Nenhum brilhozinho do tipo «Céus, ele deve ser imediatamente rico e frustrado». Nenhum brilhozinho do tipo «Qualquer rapariga tem o direito de tentar uma vez». Resumindo, gosta de mim e eu gosto de si.

Como deve ter calculado, já estava um pouco bêbado.

— Vou servir-lhe um café, Sr. O'Shea — exclamou ela. — Tive de dar cabo de mim para arranjar salsichas de porco e molho de maçã a sério, e você vai prová-los.

— Café? — Interrogou-se. — Para mim *Coffiest,* m'nha senhora. Beber café seria desleal para com a grande empresa que é a Sociedade Fowler Schocken e à qual estou associado. Não é assim, Mitch?

— Desta vez perdoo-lhe — disse eu. — Aliás a Kathy não é da opinião de que o alcaloide inofensivo contido no *Coffiest* seja inofensivo.

Por sorte ela estava na zona da cozinha e de costas, portanto não ouviu ou fingiu que não ouviu. Passáramos quatro horas numa discussão terrível exatamente sobre isso, enriquecida com epítetos tais como «envenenador de crianças» e outros mais curtos e mais desagradáveis. O café foi servido e cortou o ímpeto inicial de O'Shea. O jantar estava uma delícia. Em seguida, todos nos sentámos mais descontraídos.

— Suponho que já esteve na Lua? — Perguntou Kathy a O'Shea.

— Ainda não. Um dia destes.

— Não há lá nada — exclamei. — É uma perda de tempo. Um dos nossos empreendimentos mais disparatados e infrutíferos. Acho mesmo que só o mantivemos pela experiência que daí nos adviria para o posterior projeto de Vénus. Uns milhares de operários mineiros... E é *tudo.*

— Com licença — exclamou O'Shea, e retirou-se.

Aproveitei a oportunidade.

— Kathy, querida — disse —, foi muito bonito da tua parte teres-me convidado. Isso significa alguma coisa?

Esfregou o polegar e o indicador direitos um ao outro e eu imediatamente soube que tudo o que ela dissesse a seguir seria mentira.

— Pode ser que sim, Mitch — mentiu delicadamente. — Tens de me dar algum tempo.

Arrisquei a minha arma secreta.

— Estás a mentir — afirmei desgostoso. — Fazes sempre isto antes de me mentires... Com os outros não sei. — Mostrei-lhe e ela deixou escapar uma gargalhada.

— De igual para igual — exclamou com um humor amargo. — Quando me mentes suspendes sempre a respiração e fitas-me nos olhos... Com os teus clientes e colegas não sei.

O'Shea regressou e de imediato se apercebeu da tensão.

— Bem, tenho de ir andando — disse. — Mitch, vem também?

Kathy acenou com a cabeça e eu respondi:

— Vou.

Houve a delicadeza habitual à porta e Kathy deu-me um beijo de boas-noites. Foi um beijo longo, caloroso e sonoro; em suma, o tipo de beijo que deveria começar a noite e não acabá-la. Foi um beijo que a estimulou, e eu senti isso, mas fechou a porta friamente ao sairmos.

— Mais alguma vez pensou num guarda-costas? — Perguntou O'Shea.

— Aquilo foi um engano — respondi teimosamente.

— Vamos até sua casa tomar um copo? — Perguntou com ingenuidade.

A situação era quase patética. Jack O'Shea, de noventa centímetros, estava a servir-me de guarda-costas.

— Com certeza — respondi. Subimos para o vaivém.

Ele entrou primeiro, acendeu a luz, e nada aconteceu. Enquanto bebia um uísque muito fraco com soda, vagueava pelo apartamento verificando os fechos das janelas, as dobradiças, etc.

— Esta cadeira ficava melhor ali — exclamou.

«Ali», obviamente, significava fora da linha de fogo da janela. Mudei-a.

— Tome cuidado consigo, Mitch — disse ao sair. — A sua linda mulher e os seus amigos iriam sentir a sua falta, se lhe acontecesse alguma coisa.

A única coisa que aconteceu foi que esfolei a canela a montar a cama, o que acontecia a toda a hora. Até mesmo Kathy, com os movimentos metódicos de uma cirurgiã, trazia as marcas da vida num apartamento da cidade. Monta-se a cama à noite, desmonta-se de manhã, monta-se a mesa para o pequeno-almoço, desmonta-se para dar acesso à porta. Não admira que algumas pessoas de perspectivas limitadas suspirem pelo espaço que havia no passado, pensei, instalando-me luxuosamente para passar a noite.

v

As coisas correram bem na última semana. Com Runstead longe, a trabalhar no caso PregNot-I. A. G., eu podia efetivamente assumir o comando.

Os rapazes e as raparigas da Tildy redigiram os textos — jovens temperamentais, umas vezes escrevendo uma linha por dia na maior angústia, outras escrevendo páginas umas atrás das outras sem se negarem a esforços e de olhos brilhantes como se estivessem possessos. Ela coordenava e editava o material e passava-me o que de melhor surgia: comerciais de nove minutos, frases-chave, artigos sobre a colonização, histórias novas, anúncios à página, tópicos para a campanha de sensibilização, reforços, piadas-versos humorísticos-e-trocadilhos (limpos e sujos), para serem espalhados pelo país.

O Visual estava ao rubro. O pessoal da cenografia e das câmaras divertia-se dando forma a um planeta. Era o último grito na publicidade de «Antes e Depois», e tinham apreendido bem o sentido da história.

O Desenvolvimento continuava a tirar coelhos de dentro de chapéus. Collier explicou-me uma vez, quando lhe dei a entender que poderia estar demasiado otimista:

— E a *energia,* Sr. Courtenay. Vénus tem *energia.* Está mais próximo do Sol. O Sol canaliza toda essa energia para o planeta, na forma de calor, estruturas moleculares e partículas rápidas. Aqui na Terra não temos esse nível de energia derivável. Utilizamos moinhos de vento para extrair a energia cinética da atmosfera. Em Vénus utilizaremos *turbinas.* Se quisermos eletricidade em Vénus, basta construirmos um acumulador, montar um para-raios e afastarmo-nos. Trata-se de um *nível* completamente diferente.

A Prospecção de Mercado-Antropologia Industrial trabalhava em San Diego, fazendo a amostragem da área de Cal-Mex, pondo à prova as edições de Tildy, os filmes e os cenários do Visual e extrapolando e interpolando. Eu tinha uma linha direta para o telefone de Ham Harris, o substituto de Runstead em San Diego.

Um típico dia de trabalho começa com uma reunião do Departamento

de Vénus: introdução feita por mim, relatórios interdepartamentais. Harris, pelo telefone, comunicava a Tildy que a «atmosfera serena» era uma frase que não se ajustava muito bem ao seu universo de amostra, e que iria apresentar uma lista de alternativas. Tildy perguntava a Collier se seria correto dizer «areias de topázio» num artigo sobre a colonização, o que daria a entender a existência em abundância, no planeta Vénus, de pedras preciosas e semipreciosas em estado bruto. Collier dizia ao Visual que teriam de criar a atmosfera mais vermelha numa perspectiva de «Antes». E eu dizia a Collier que largasse tudo porque era hora de descanso.

Depois da pausa todos voltariam à produção e eu passaria o dia desbloqueando situações, coordenando e interpretando as minhas diretivas, desde o topo até ao nível da produção. Antes do fim do dia tínhamos outra reunião que eu limitaria a alguns tópicos específicos, tais como: a integração dos produtos *Starrzelius* na economia de Vénus, ou o nível de rendimentos dos futuros colonos de Vénus para um poder de compra ideal, vinte anos após a chegada.

E, então, chegou a parte melhor do dia. Kathy e eu andávamos outra vez juntos. Continuávamos sob tetos separados, mas eu estava vivamente confiante de que não seria por muito mais tempo. Umas vezes marcava ela encontro, outras marcava eu. Saíamos e divertíamo-nos, comendo bem, bebendo bem, vestindo bem e sentindo-nos duas pessoas elegantes a aproveitar a vida. Não conversávamos muito a sério. Ela não me encorajava e eu não a pressionava. Achava que o tempo estava do meu lado. Jack O'Shea saiu connosco uma vez, antes de ir para Miami dar uma conferência, e também isso me fez sentir bem. Um casal tão bem vestido e tão bem parecido, tão bem na vida que servia de companhia à maior celebridade do mundo. A vida era boa.

Depois de uma semana de progressos sólidos e satisfatórios no escritório, disse a Kathy que estava na altura de visitar as instalações no exterior, a plataforma de lançamento do foguetão, no Arizona, e a sede da área de amostra em San Diego.

— Acho bem, — respondeu. — Também posso ir?

Fiquei felicíssimo com a reação dela; já não faltava muito.

A visita ao foguetão foi de rotina. Eu tinha uns contactos nas Forças Armadas, na Aviação da República, na Companhia de Telefones Bell e na Companhia Americana de Aço. Mostraram-nos, a Kathy e a mim, o monstro, com a naturalidade própria de guias turísticos: «... Uma enorme carapaça de aço... Maior cubagem do que um edifício de escritórios-padrão de Nova Iorque... Água, comida e regeneração do ar em circuito fechado... Um terço para a população, um terço para a carga, um terço para utilização dos passageiros heroicos pioneiros... Isolamento... Potencial habitacional... Aquecimento sol-escuridão... Empreendimento industrial sem precedentes... Sacrifício nacional...». Curiosamente, o que mais me impressionou não foi o foguetão propriamente dito, mas o vazio que o rodeava: nem casas, nem

estufas, nem reservatórios de comida nem placas solares. Em parte segurança, em parte radiação. A areia brilhante entrecortada por sistemas de irrigação tinha um aspecto estranho. Provavelmente não havia outro cenário como este na América do Norte. Foi um problema para os meus olhos. Há anos que não os focava para mais do que uns metros.

— Que estranho — exclamou Kathy a meu lado. — Podemos entrar ali?

— Peço desculpa, Dra. Nevin — disse um dos nossos contactos. — E uma linha de demarcação. Os guardas da torre têm ordens para atirar sobre quem quer que entre ali.

— Consiga ordens em contrário — afirmei. — A Dra. Nevin e eu queremos ir dar um passeio.

— Com certeza, Sr. Courtenay — respondeu o homem, preocupadíssimo. — Farei tudo o que estiver ao meu alcance, mas vai demorar um pouco. Vou ter de participar ao C. I. C., aos Serviços de Informações Navais, à C. I. A., ao F. B. I., às Informações e Segurança do A. E. C. ...

Olhei para Kathy e ela encolheu os ombros numa diversão incontida.

— Deixe estar — concluí.

— Graças a Deus! — Exclamou o homem. — Desculpe, Sr. Courtenay, mas é que isto nunca aconteceu e, portanto, não há procedimentos apropriados. O senhor sabe o que *isso* significa.

— Se sei — retorqui sinceramente. — Diga-me uma coisa: toda esta segurança tem valido a pena?

— Parece que sim, Sr. Courtenay. Que nós saibamos, até à data não houve qualquer ato de sabotagem ou espionagem por parte de estrangeiros ou dos Consies. — Afagou solenemente com a mão direita um belo anel de noivado de madeira de carvalho, que usava no médio da mão esquerda. Tentei lembrar-me de mais tarde verificar a sua folha de despesas. Um homem com um vencimento daqueles não teria possibilidades de usar joias daquelas.

— Os Consies estariam interessados? — Perguntei.

— Sabe-se lá! O C. I. C., a C. I. A., e as I. R. S. A. E. C. dizem que sim. Os serviços de informação Navais, o F. B. I. e os SS dizem que não. Deseja falar com o comandante McDonald? E o chefe local da O. N. I. Um especialista em consies.

— Gostavas de conhecer um especialista em consies, Kathy? — Perguntei.

— Se tivermos tempo — insinuou.

— Se for necessário manda-se o seu avião aguardar — afirmou precipitadamente o delegado, tentando por qualquer meio desfazer a má impressão deixada pelo problema dos guardas da torre. Conduziu- nos através de um labirinto de compartimentos e armazéns até ao edifício da Administração e, passados sete postos de controlo, até ao gabinete do comandante.

McDonald era um daqueles oficiais de carreira que faz uma pessoa orgulhar-se de ser americana; calmo, competente, forte. Deduzi, pelo emblema e insígnias que ostentava, que era Especialista de Controlos, Informações no terceiro ano da Agência de Detetives de Pinkerton. Era do quadro permanente; usava o anel distintivo da Escola Superior de Atividade Detetives e Militares, S. A. R. L. É um pinho com um olho aberto gravado, sem quaisquer inscrições pomposas. Mas é como um certificado de garantia. Assegura-nos qualidade.

— Querem ouvir falar de consies? — Perguntou calmamente. — Vieram ter com o homem indicado. Dediquei a vida a persegui-los.

— Alguma razão especial, comandante? — Perguntei, pensando ouvir uma resposta algo melodramática.

— Não. O brio profissional de antigamente, talvez. Também gosto da emoção da perseguição, mas não há muito disso. Apanham-se consies, armando-lhes ciladas. Ouviram falar no atentado de Topeka? E-claro-que-não-devo-dizer-mal-da-concorrência-mas os guardas deviam ter-se apercebido de que se tratava de uma situação propícia para uma demonstração de força dos consies.

— Porquê, exatamente, comandante? — Perguntou Kathy.

Ele fez um sorriso experiente.

— Intuição — respondeu. — Aquele tipo de coisa que é difícil de explicar por palavras. Os Consies nunca gostaram da exploração hidráulica... Nunca. Dêem-lhes uma oportunidade para manifestar o seu desagrado e só não a aproveitam se não puderem.

— Mas *por que é* que eles não gostam da exploração hidráulica? — Insistiu ela. — Precisamos do carvão e do ferro, não é verdade?

— Está a pedir-me — afirmou ele pretensa e espirituosamente aborrecido — que sonde a mente de um consie. Já os tenho tido na sala de interrogatórios durante seis horas e nunca disseram nada que fizesse sentido. Se eu apanhar o autor do atentado de Topeka, por exemplo, ele falará de livre vontade... Mas só dirá disparates. Dir-me-á que a máquina hidráulica estava a destruir o solo. Eu direi que sim, e qual é o mal? Ele dirá: então não *vê?* Eu direi: vejo o quê? Ele dirá: o solo jamais poderá ser substituído. Eu direi: poderá, sim senhor, desde que seja necessário, e de qualquer forma a exploração condicionada da terra é melhor. Ele dirá qualquer coisa como: a exploração condicionada da terra abrange os animais, e assim sucessivamente. Acaba sempre com ele a dizer-me que o mundo está a caminhar para a destruição e que as pessoas têm de se consciencializar disso, e eu a dizer-lhe que nos temos sempre desenrascado e continuaremos a desenrascar.

Kathy riu-se incrédula e o comandante continuou:

— Eles são idiotas mas são *duros.* São disciplinados. Um sistema por células. Se apanhamos um consie, conseguimos sempre apanhar os dois ou três que pertencem à sua célula, mas dificilmente conseguiremos apanhar mais algum. Não há contacto horizontal entre as células e o contacto vertical com

os elementos superiores é feito por meio de encontros com intermediários. Pois é, penso que os conheço suficientemente bem e é por isso que não estou muito preocupado com uma sabotagem ou coisa do gênero, aqui. Não reúne as condições ideais para isso.

***

Kathy e eu recostámo-nos nas cadeiras, assistindo ao desfile de comerciais que passavam ao nível da vista à volta do compartimento dos passageiros do avião. Passou o velho anúncio do *Kiddiebutt,* que eu fizera há muitos anos, quando era ainda estagiário. Fiz sinal a Kathy e contei-lhe a história do anúncio enquanto este piscava e nos dava a ouvir o tema de Victor Herbert, *Terra dos Brinquedos.*

Os anúncios foram interrompidos e ouviu-se um aviso da empresa sem efeitos especiais de som.

> Ao Abrigo da Lei Federal, Avisamos os Senhores Passageiros de Que Estamos a Sobrevoar a Falha de Santo André, Início da Zona Sísmica, e de Que Quaisquer Perdas ou Danos Sofridos Por Motivo de Um Sismo Deixam de Estar Abrangidos Pelo Seguro, Até Que Deixemos a Zona Sísmica.

Em seguida os anúncios retomaram o desfile.

— Eu suponho — disse Kathy — que em letras pequenas diz que o seguro contra dentadas de iaque é válido em toda a parte, exceto no Tibete.

— Seguro contra dentadas de iaque? — Repeti, pasmado. — Por que carga de água é que andas com isso?

— Uma rapariga nunca sabe quando vai deparar com um iaque antipático, pois não?

— Devo concluir que estás a brincar — afirmei com dignidade. — Devemos aterrar dentro de poucos minutos. Pessoalmente gostava de fazer uma visita de surpresa ao Ham Harris. E um bom moço, mas o Runstead pode tê-lo injetado com derrotismo. E o pior que pode acontecer às nossas fileiras.

— Se me deixares, vou contigo, Mitch.

Espreitámos através das janelas como turistas, quando o avião entrou na via de tráfego sobre San Diego e voou monotonamente em círculo à espera de autorização da torre para aterrar. Kathy nunca estivera lá. Eu estivera lá uma vez, mas há sempre algo de novo para ver, porque estão sempre a deitar abaixo edifícios antigos e a construir novos. E que novos! Parecem mais tendas de plástico ou esqueletos de plástico, do que outra coisa. Este tipo de construção significa que os edifícios vibram e oscilam em vez de racharem e se desmoronarem, quando o Sul da Califórnia é assolado por um terramoto. E se o terramoto for demasiado forte e a estrutura ceder mesmo, que se perde? Umas placas de plástico que racharam ao longo das juntas habituais e uns

pilares de plástico que poderão ser ou não recuperáveis.

Do ponto de vista económico-continental, é igualmente boa política não construir edifícios complexos no Sul da Califórnia. Desde o momento em que os testes da bomba H agravaram a falha de Santo André, aumentaram as possibilidades de toda a área ir deslizando lentamente para o Pacífico qualquer dia... Um dia. Mas quando olhámos para baixo ainda lá estava, e, como toda a gente, sabíamos que provavelmente lá continuaria até ao fim da nossa visita. Antes de eu lá ir, instalara-se um certo pânico quando os abalos de terra se tornaram diários, mas eu atribuía isso às construções antiquadas, pesadas e com grandes empenas. As pessoas acabaram por se habituar, como seria de esperar no Sul da Califórnia, até por se orgulhar disso. Os naturais desta zona poderiam citar pilhas de estatísticas que provam haver maiores possibilidades de se ser atingido por um relâmpago ou meteorito do que morrer num dos seus sismos.

Arranjámos uma veloz limusina de três lugares para nos levar à filial local da Sociedade Fowler Schocken. A minha ligeira desconfiança em relação à Prospecção de Mercado ia ao ponto de considerar a hipótese de Ham Harris ter um informador no aeroporto para lhe dar tempo de preparar tudo para uma inspeção a rigor. E esse tipo de atitude é pior do que inútil.

A recepcionista fez-me esperar. Não me reconheceu, nem reconheceu o meu nome quando lho disse. Afirmou com preguiça:

— Vou ver se o Sr. Harris o pode receber, Sr. Connely.

— Sr. Courtenay, jovem. E sou o patrão do Sr. Harris. — Kathy e eu entrámos e deparámos com uma cena de indolência e negligência que me causou arrepios no couro cabeludo.

Harris, em mangas de camisa, jogava às cartas com dois jovens empregados. Outros dois estavam prostrados de boca aberta e olhos vidrados frente ao hipnotelevisor, obviamente em estado de transe. Outro ainda carregava afetadamente nas teclas de uma calculadora, com um dedo de cada vez.

— Harris! — Berrei.

Todos, à exceção dos dois em transe, se voltaram na minha direção, embasbacados. Dirigi-me ao hipnotelevisor e desliguei-o. Os dois homens acordaram também, estonteados.

— Se-se-se-senhor Courtenay — gaguejou Harris. — Não esperávamos...

— E evidente. Vocês: para os vossos lugares. Harris, vamos para o seu gabinete. — Discretamente, Kathy seguiu-nos.

— Harris — exclamei —, os bons resultados desculpam muita coisa. Temos obtido bastante bons resultados da sua parte neste projeto. Estou desiludido, profundamente desiludido com o ambiente que se vive aqui. Mas isso pode ser corrigido...

O telefone tocou e eu atendi.

Uma voz exclamou excitada:

— Ham? Ele está cá. Despachem-se, ele foi de limusina.

— Obrigado — respondi e desliguei. — Era o seu informador no aeroporto — disse a Harris. Ficou branco. — Mostre-me os registos — ordenei. — Os inquéritos. Os cartões de código. Os planos diretores. As tabelas de progressos sigma. As obras. Em suma, tudo o que não esperava que eu lhe pedisse para ver. *Mostre-mos!*

Ali ficou, largos momentos, sem reagir, até que por fim disse:

— Não há nenhuns.

— Que é que tem para me mostrar?

— Relatórios finais — murmurou. — Composições.

— Fraudes, quer você dizer? Pura ficção, tal como tudo que nos tem enviado pelo telefone?

Confirmou com um aceno de cabeça. Estava pálido.

— Como pôde fazer uma coisa destas, Harris? — Inquiri. — *Como-pôde-fazer-uma-coisa-destas?*

Balbuciou uma torrente de palavras. Que não era sua intenção. Que era o seu primeiro trabalho independente. Que talvez não tivesse mesmo competência. Que tentara manter disciplinado o pessoal subordinado, dando ele próprio o exemplo, mas que não fora possível; que eles se aperceberam disso e começaram a dar-se a umas certas liberdades e que não se atrevera a chamar-lhes a atenção para o facto. O tom de autocompaixão alterou-se; tornou-se ligeiramente beligerante. Que diferença fazia, afinal? Tratava-se apenas de papelada preliminar. Que as conjecturas de uma pessoa eram tão válidas como as de outra. Que de qualquer forma todo o projeto poderia ir por água abaixo. Qual era o problema de ter sido negligente? Tinha a certeza de que havia muitíssima gente negligente e a quem as coisas saíam bem na mesma.

— Não — interrompi. — Você está errado e tem obrigação de saber que está errado. A publicidade é uma arte, mas depende das ciências de amostragem, do teste de áreas e da prospecção de clientes. Você deitou abaixo os esteios do nosso programa. Salvaremos o que for possível e começaremos de novo.

Tomou uma atitude débil.

— Está a perder o seu tempo se pensa fazer isso, Sr. Courtenay. Há muito tempo que trabalho de perto com o Sr. Runstead, ele é tão importante como o senhor. Ele acha que toda esta papelada não passa de um disparate dispendioso.

Eu conhecia o Matt Runstead melhor do que isso. Sabia que ele não pensava assim, aliás como toda a gente.

— Em que baseia essa afirmação? — Perguntei, contundente. — Cartas? Memorandos? Telefonemas gravados?

— Devo ter para aqui algumas coisas dessas — afirmou, mergulhando na secretária. Saltou de cartas para memorandos e destes para excertos de gravações, durante minutos, enquanto a expressão de medo e a frustração ia

aumentando no seu rosto. Por fim afirmou desorientado:

— Parece-me que não consigo encontrar nada... Mas tenho a *certeza*...

Com certeza que ele tinha a certeza. O expoente máximo da nossa arte é convencer o cliente sem deixar que ele se aperceba de que está a ser convencido. Este pobre coitado fora ensinado por Runstead duma forma irrealista e, em seguida, enviado para o meu projeto para o arruinar.

— Está despedido, Harris — exclamei. — Saia e não volte a entrar. Todos vocês. E, depois disto, não o aconselho a tentar arranjar emprego no ramo publicitário.

Passei ao outro escritório e anunciei:

— Estão despedidos. Todos vocês. Arrumem os vossos artigos pessoais e abandonem o escritório. Receberão os cheques pelo correio.

Ficaram de boca aberta. Ao meu lado, Kathy murmurou:

— Mitch, será mesmo necessário?

— Podes ter a certeza de que é necessário. Algum deles teve a coragem de informar a sede do que se estava a passar? Não; limitaram-se a ficar sossegados e deixar-se ir. Eu disse que era uma inspeção, não disse? Pois é mesmo disso que se trata.

Ham Harris passou por nós em direção à porta, com mágoa e desorientação estampadas no rosto. Estivera *tão* seguro de que Runstead o apoiaria. Levava a mala a abarrotar numa mão e a gabardina noutra. Não olhou para mim.

Entrei no gabinete vazio e liguei diretamente para Nova Iorque.

— Hester? Daqui fala Courtenay. Acabei de despedir toda a delegação de San Diego. Participe ao Pessoal e eles que façam o que for necessário no que respeita aos pagamentos. E ligue-me ao Sr. Runstead.

Trotei com os dedos impacientemente na secretária durante um longo minuto e, em seguida, ouvi a voz de Hester:

— Desculpe-me fazê-lo esperar, Sr. Courtenay. A secretária do Sr. Runstead diz que ele partiu para a Pequena América numa das suas viagens habituais. Ela diz que ele tratou do caso do I. A. G. e que lhe apeteceu tirar uns dias para descansar.

— Apeteceu-lhe tirar uns dias para descansar. Valha-me Deus. Hester, reserve-me um lugar de Nova Iorque para a Pequena América. Vou já no próximo avião. Quero seguir de imediato para o Pólo. Entendido?

— Com certeza, Sr. Courtenay.

Desliguei e reparei que Kathy estava a olhar para mim.

— Sabes Mitch — disse —, fui severa contigo no meu tempo. Reclamava por causa do teu mau feitio. Já vi onde o arranjaste, se é que isto foi uma situação típica.

— Típico não é — retorqui. — É o caso mais grave de flagrante obstrucionismo que eu já vi. Mas há muitos casos destes. Todos se tentam prejudicar uns aos outros. Querida, tenho de seguir já para o aeroporto e partir, de imediato, para leste. Queres vir também?

Hesitou.

— Não te importas que eu fique e faça um pouco de turismo sozinha?

— Não, é claro que não. Diverte-te e quando voltares para Nova Iorque já eu lá estarei.

Beijámo-nos e eu parti apressado. Já não havia ninguém nos escritórios e eu disse ao administrador do prédio que, depois de Kathy sair, os fechasse até decisão em contrário.

Olhei da rua e ela disse-me adeus, do alto do edifício estranho e inconsistente.

VI

Desci a rampa em Nova Iorque e Hester já lá estava.

— Linda menina — disse-lhe eu. — Quando é que parte o foguetão para o Pólo?

— Daqui a doze minutos, Sr. Courtenay, da Plataforma Seis. Aqui tem o bilhete e a reserva. E qualquer coisa para comer, no caso de...

— Ótimo. Ainda não comi.

Dirigimo-nos para a Plataforma Seis enquanto eu ia mastigando uma sanduíche de queijo regenerado.

— Como vão as coisas lá no escritório? — Perguntei indiferentemente.

Grande excitação por o senhor ter despedido o pessoal de San Diego. A secção de Pessoal apresentou uma queixa ao Sr. Schocken e ele apoiou-o, aproximadamente Intensidade Quatro.

Não foi nada de especial. A Intensidade Doze, furacão, teria sido uma rajada do seu gabinete, em termos de: «Como se atrevem, seus empregados domésticos, a discutir a decisão de um administrador que conduz o seu próprio projeto? Eu que os apanhe...», etc. A Intensidade Quatro, situação de levante, pequenas embarcações devem fazer-se ao porto, era do tipo: «Meus senhores, estou certo de que o Sr. Courtenay teve razões perfeitamente pertinentes para tomar a atitude que tomou. A Grande Imagem é muitas vezes perdida em favor dos trabalhadores puramente rotineiros da nossa organização...»

Perguntei a Hester:

— A secretária do Runstead é apenas uma funcionária ou é também uma das suas... — Ia a dizer «pindéricas», mas subtilmente inverti o termo —... Uma das suas confidentes?

— Têm uma relação muito estreita.

— Qual foi a reação dela ao caso de San Diego?

— Disseram-me que se fartou de rir, Sr. Courtenay.

Não quis saber mais nada. Tentar descobrir qual a minha imagem perante as más-línguas era legítimo. Pedir-lhe uma ajuda seria pedir-lhe que as traísse. Não que não houvesse raparigas que não o fizessem.

— Espero não me demorar — disse-lhe. — Quero simplesmente esclarecer umas coisas com o Runstead.

— A sua esposa não vai? — Perguntou.

— Não. Ela é médica. Vou partir o Runstead em cinco ou seis bocados; se a Dra. Nevin me acompanhasse poderia tentar juntá-los de novo.

Hester riu delicadamente e disse:

— Faça uma boa viagem, Sr. Courtenay.

Estávamos na rampa da Plataforma Seis.

***

Não foi uma viagem agradável; foi uma viagem desgraçada num foguetão turístico desgraçado e de pequenas dimensões. Voámos baixo e todos os lugares tinham janelas prismáticas, que me fazem sempre enjoar. Olha-se através da janela e vê-se diretamente *para baixo.* Pior do que isso, todos os anúncios eram da Sociedade Taunton. Olha-se através da janela e quando se consegue convencer o estômago de que não há problema, e nós próprios de que lá em baixo há paisagens interessantes, zás: um anúncio fútil e assexuado da Taunton sobre um qualquer produto para mulheres atraentes tapa a janela e uma das suas músicas enervantes entra no ouvido.

Sobrevoando o vale da Amazônia, aproximámo-nos de paisagens interessantes e eu observava a Elétrica Três, que por acaso é a maior barragem hidrelétrica do mundo, quando, zás:

BolsterBra, BolsterBra,
Sou almofadas perfeitas;
Não se enxovalhe, venha cá;
E mantenha-as direitas!

O respectivo acompanhamento, antes e depois, era do pior gosto possível e dei comigo a dar graças a Deus por trabalhar para a Sociedade Fowler Schocken.

Sobre a Terra do Fogo, a mesma coisa. Desviámo-nos da rota do grande círculo para espreitar as indústrias da baleia, vastas zonas marítimas cercadas por diques flutuantes que deixam entrar o plâncton e não deixam sair as baleias. Assistia fascinado ao amamentar de uma cria pela mãe baleia, dava a ideia de uma operação aérea de abastecimento de combustível, quando a janela se ofuscou de novo para outra dose do tratamento de choque Taunton:

Escuta, irmã, cheiras assim ao pé do teu galã!

O olfativo continuou e, então, foi o cúmulo. Tive de recorrer à minha caixa enquanto o anúncio palrava:

Não admira que te ache um frete! Usa Swett!

E um daqueles trios celestiais cantarolava em ritmo de valsa:

Continua a transpirar.
Mas não o faças afastar...

Logo seguido de uma prosa vulgar e de apelo medicinal:

NÃO TENTES DETER A TRANSPIRAÇÃO
É UM SUICÍDIO. OS MÉDICOS ACONSELHAM
UM DESODORIZANTE E NÃO UM ADSTRINGENTE

E de novo o princípio e o olfativo. Desta vez já não me fez diferença, já não me surpreendia.

A Taunton era boa nos apelos medicinais vulgares; até parecia que tinham sido eles que os tinham inventado. O sujeito que estava sentado ao meu lado, um cliente indefinido com roupa da Universal, observava-me com alguma diversão, enquanto eu tentava controlar a náusea.

— É de mais para si, amigo? — Perguntou, evidenciando aquela superioridade arreliadora que quem sofre de enjoo conhece bastante bem.

— Ah — exclamei.

— Há anúncios que também são o suficiente para enjoar qualquer um — afirmou, grandemente motivado pela minha brilhante resposta.

Bem, não pude ignorar a observação.

— Que quer dizer com isso, exatamente? — Perguntei com calma.

Ficou assustado.

— Só quis dizer que o cheiro é um pouco intenso de mais — respondeu apressadamente. — Só este anúncio em particular. Não me refiro a todos nas generalidades. Não sofro de qualquer problema, meu amigo!

— Melhor para si — retorqui e voltei-me no assento.

Ele continuava preocupado e insistiu:

— Sou perfeitamente normal, amigo. Sou de boas famílias, frequentei uma boa escola. Eu próprio estou ligado à produção, sou técnico de matrizes na Philly, mas sei que a mercadoria tem de ser vendida. Canais de distribuição. Criação de mercados. Integração vertical. Como pode ver, sou perfeitamente normal!

— Está bem — resmunguei. — Então cuidadinho com o que diz.

Enroscou-se na sua metade do assento. Não me deu qualquer prazer reprimi-lo, mas tratava-se de uma questão de princípio. Ele devia ter tido cuidado.

Estivemos retidos sobre a Pequena América enquanto outras

aeronaves de turismo aterravam primeiro. Uma delas era indiana e até os olhos se me riram ao vê-la. A nave, de uma ponta a outra, era de concepção Indiastry. A tripulação recebera formação pela Indiastry e era constituída por funcionários da Indiastry. Um tributo prestado pela Indiastry à Sociedade Fowler Schocken.

Um rebocador arrastou-nos para dentro do enorme *doughnut* de duas paredes que é a Pequena América. Havia apenas um posto de controlo. A Pequena América é uma fonte de exploração dissimulada, uma armadilha para os dólares dos turistas de todo o mundo, sem quaisquer aspectos militares. (Existem bases militares polares, mas são pequenas, afastadas e bastante abaixo da superfície de gelo.) Um pequeno reator de tório fornece aquecimento e energia ao local. Mesmo que uma nação obcecada por material cissíparo tentasse apoderar-se dela não encontraria nada de valor militar. Alguns moinhos de vento estão ligados ao reator de tório e há uma bomba de calor cujo funcionamento desconheço e que está ligada aos moinhos de vento.

No posto de controlo perguntei por Runstead. O agente procurou no registo e respondeu:

— Está numa viagem de dois dias vindo de Nova Iorque. Thomas Cook e Filho. As instalações são no III-C-2205. — Abriu um mapa do local e mostrou-me que a designação significava terceiro anel, quarto piso, sector cinco, quarto vinte e dois. — Não tem nada que enganar. Se quiser, posso arranjar-lhe um quarto lá ao pé, Sr. Courtenay.

— Obrigado. Mais tarde. — Abri caminho, empurrando e atropelando por entre uma multidão que conversava numa dúzia de idiomas diferentes, até ao III-C-2205 e toquei à campainha. Ninguém respondeu.

Um jovem simpático dirigiu-se-me:

— O meu nome é Cameron, sou o diretor de viagens. Posso ser-lhe útil?

— Onde se encontra o Sr. Runstead? Tenho de falar com ele em serviço.

— Valha-me Deus. Aqui tentamos esquecer tudo isso... Vou ver no meu registo, se não se importar de esperar um momento.

Conduziu-me ao seu gabinete-quarto-casa de banho mais à frente e desfolhou o registo.

— Escala do Glaciar Starrzelius — disse. — Meu Deus. Foi sozinho. Saiu às 07.00, levou fato elétrico com R. I. D. e rações. Deve voltar dentro de aproximadamente cinco horas. Já tratou do alojamento, Sr....?

— Ainda não. Quero ir atrás do Runstead. É urgente. — E era. Rebentava se não lhe pusesse as mãos em cima.

O diretor de viagens, ligeiramente esvoaçante, passou cerca de cinco minutos tentando convencer-me de que o melhor que eu tinha a fazer seria inscrever-me na viagem, que ele trataria de tudo. Caso contrário, andaria de um lado para o outro, comprando e alugando aos concessionários o equipamento necessário e arriscando-me a ter de voltar para trás sem os

encontrar, enquanto a minha vaga se perdia. Inscrevi-me e ele irradiou alegria. Arranjou um quarto no sector... Bastante luxuoso. Teria uns doze por dezoito se não tivesse sido encurtado nos cantos.

Passados cinco minutos já me estava a fornecer o equipamento.

— Unidade de energia, prenda-a *assim.* É a única coisa que pode falhar; se ocorrer uma falta de energia, tome um comprimido para adormecer e não se preocupe. Ficará gelado, mas nós iremos buscá-lo antes que haja qualquer degradação de tecidos. Botas. Calce-as *assim.* Luvas. Calce-as. Impermeáveis. Capuz, óculos para a neve. R. I. D., rádio indicador de direção. Basta dizer ao guarda no posto «Glaciar Starrzelius» que ele regula-o. Dois simples botões, claramente assimilados com «Fora» e «Dentro». Ao afastar-se do objetivo faz «bip-bip» crescente. Ao aproximar-se do objetivo faz «bip-bip» decrescente. Basta lembrar-se que ao *subir* o glaciar, o tom *sobe.* Ao *descer* o glaciar, o tom *desce.* Pedido de socorro... Esta pega encarnada. Basta puxar e começa imediatamente a emitir. Os aviões estarão no ar em quinze minutos. Terá de pagar a despesa da procura e salvamento, portanto, se fosse a si, não puxaria a pega só para arranjar boleia de volta. E sempre possível descansar um pouco, beber um trago de *Coffiest e* continuar pelo percurso marcado no mapa. Sapatos para a neve. Girobússola. E rações. Sr. Courtenay, está equipado. Vou conduzi-lo ao posto de saída.

O equipamento não era tão pesado como parecia. Já estivera bastante mais cheio de roupa para me proteger contra os ventos frios de um Inverno de Chicago. Os artigos mais pequenos, como a unidade de energia, o R. I. D e as rações, estavam bem distribuídos. Os sapatos para a neve tinham bicos de aço para escalar o gelo, e levava-os numa bolsa, às costas.

A inspeção à saída foi bastante rigorosa. Começaram pelo coração e continuaram por todo o equipamento, com particular ênfase na unidade de energia. Fui aprovado e regularam-me o R. I. D. para o glaciar Starrzelius, com mais uma série de avisos para não abusar dele.

Não estava frio, isto é, dentro do fato. Por escassos momentos abri a viseira. *Zás!* Fechei-a imediatamente. Quarenta negativos, tinham-me dito, um número que parecia disparatado até que o meu nariz o sentiu durante umas frações de segundo. Não precisei dos sapatos para a neve na base do enorme *doughnut* de plástico; era uma camada de gelo o que os bicos das solas dos meus sapatos pisavam. Orientei o mapa com a ajuda da pequena Girobússola e caminhei dificilmente em direção à nívea vastidão, seguindo as coordenadas indicadas.

De vez em quando premia a manga esquerda, apertando o botão do R. I. D., e ouvia dentro do capuz um vivo e tranquilizador «bip-bip. Bip-bip. Bip-bip.»

Passei por uma festa com muita gente divertindo-se, a quem acenei alegremente. Pareciam ser chineses ou indianos. Que aventura devia ser para eles! Mas, tal como nadadores indiferentes abraçados a uma boia de salvação, tinham feito uma festa quase à sombra da Pequena América. Mais ao longe,

outras pessoas jogavam um jogo que desconheço. Tinham uns postes com uns cestos sem fundo em cada extremidade de um campo retangular marcado no chão, e o objetivo era lançar uma grande bola de silicone através dos cestos. Ainda mais longe andava uma numerosa classe de esqui com instrutores de fatos vermelhos.

Olhei para trás após ter caminhado o que pareciam escassos minutos e já não avistei os fatos vermelhos. Já não se via a Pequena América em pormenor, apenas uma mancha acinzentada. «Bip-bip», apitou o R. I. D., e continuei a caminhar. Runstead ia ouvi-las. Em breve.

A solidão era estranha mas não... Desagradável. Lá atrás, a Pequena América já não se avistava, nem mesmo uma mancha acinzentada. Não me preocupei. Teria sido assim que Jack O'Shea se sentira? Teria sido por isso que lhe fora difícil encontrar palavras para descrever Vénus e que nunca ficara satisfeito com as que escolhera?

Os meus pés enterraram-se na neve; tirei da bolsa os sapatos e abri-os. Depois de os calçar e de tropeçar um pouco, lá encontrei uma forma de andar leve e deslizante, que provou ser um modo consideravelmente agradável de avançar bastante. Não era como flutuar. Mas também não era a forte trepidação de uma sola de sapato contra uma superfície pavimentada... O único tipo de andar que eu conhecera em trinta e tal anos.

Orientei a marcha selecionando pontos de referência e dirigindo-me para eles: uma elevação de gelo curiosa, uma mancha azul numa campina de neve. O R. I. D. continuava a confirmar-me a direção. Fui acometido de um acesso de orgulho pelo meu domínio do desconhecido e duas horas mais tarde fiquei subitamente esfomeado.

O que havia a fazer era agachar-me e montar uma tenda de silicone à minha volta. Expondo cautelosamente o nariz, de vez em quando, pareceu-me durante cinco minutos que o ar não estava exageradamente frio, Engoli devoradoramente um guisado autoaquecido, com chá, e tentei fumar um cigarro. A segunda fumadela a tenda estava repleta de fumo e eu tinha os olhos cobertos de lágrimas. Lamentando, apaguei o cigarro contra o sapato, fechei a viseira, arrumei a tenda e estiquei-me, aliviado.

Após outra coordenada, arranquei de novo. «Com os diabos», disse comigo. «Aquele Runstead só tem é um temperamento diferente. Ele não consegue ver os grandes espaços abertos e eu consigo. Não há qualquer mal nisso. Ele pensa que é uma ideia disparatada porque não se apercebe de que há gente que é a favor dela. Basta que lhe *expliquemos isso.»*

Este argumento, fruto da boa vontade, caiu ao primeiro sopro de raciocínio. Runstead também andava no glaciar. Certamente que conseguiria ver os espaços abertos, se, de todos os lugares da Terra para onde poderia ir, escolhia o glaciar Starrzelius. Bem, em breve se saberia. «Bip-bip».

Olhei através da bússola e detive-me num objeto escuro e imóvel no percurso. Não consegui perceber o que era, mas era bem visível e estava imóvel. Desatei a correr atabalhoadamente até ficar ofegante, e contra a minha

vontade tive de abrandar. Era um homem.

Quando estava aí a vinte metros, o homem olhou impacientemente o relógio e eu comecei a correr desajeitadamente mais uma vez.

— Matt — exclamei. — Matt Runstead!

— Acertaste, Mitch — respondeu, antipático como sempre. — Estás bastante perspicaz hoje.

Fitei-o lenta e cuidadosamente, preparando os meus primeiros comentários. Tinha os esquis enfiados na neve, a seu lado.

— Que... Que... — Gaguejei.

— Tenho tempo de sobra — argumentou —, mas tu já perdeste bastante. Adeus, Mitch.

Enquanto ali fiquei especado, ele pegou nos esquis, levantou-os no ar e agrediu-me. Caí para trás magoado, estonteado e com a raiva contida a rebentar-me a cabeça. Senti-o mexer-me no peito e em seguida perdi os sentidos.

Acordei a pensar que me destapara e que estava demasiado frio para princípio de Outono. Então o céu azul gélido da Antártida feriu-me os olhos e senti a neve remexida por baixo de mim. Tudo se acontecera, então. Doía-me a cabeça terrivelmente e tinha frio. Estava gelado. Toquei-me e vi que me faltava a unidade de energia. Não tinha aquecimento para o fato, nem para as luvas, nem para as botas. Não tinha energia para emitir ou receber com o R. I. D. De nada me servia puxar o sinal de emergência.

Pus-me de pé, vacilando, e o frio apoderando-se de mim. Havia pegadas na neve que indicavam uma direção... Qual? Havia o rasto dos sapatos, os meus. Hirto, dei um passo ao longo desse rasto, e depois outro e depois outro.

As rações. Consegui enfiá-las dentro do fato, quebrar os selos de aquecimento e deixá-los encher o fato de um calor efêmero. Penosamente, passo a passo, debatia-me: paro e descanso enquanto ingiro o calor da comida ou continuo a andar? Precisas de descansar, disse para comigo. Algo de impossível sucedera, a cabeça doía-me. Sentir-me-ia melhor se me sentasse um pouco, abrisse uma ração ou duas e depois continuasse.

Não me sentei. Sabia o que isso significaria. Um passo doloroso atrás de outro passo doloroso, tirei atabalhoadamente uma lata de *Coffiest* da bolsa, com os dedos quase sem me obedecerem, e enfiei-a dentro do fato. O polegar não parecia ter força suficiente para quebrar o selo e disse para comigo: «Senta-te um momento e recupera as forças. Não precisas de te deitar, e que bom que seria...» O polegar quebrou o selo e o calor que escorria fez-me doer.

Fez-se uma névoa. Abri mais latas, até que deixei de conseguir tirá-las das bolsas. Sentei-me, pelo menos, uma vez, e voltei a levantar-me. E por fim sentei-me, sentindo-me culpado e envergonhado daquela complacência, convencendo-me de que me levantaria mais um segundo, pela Kathy, mais dois segundos pela Kathy, mais três segundos pela Kathy.

Mas não me levantei.

VII

Adormeci sobre um monte de gelo; acordei num inferno ardente e latejante. Absoluto fogo vermelho e guardado por demônios ameaçadores. Era exatamente aquilo a que eu teria condenado um publicitário da Taunton. Não percebia por que estava ali.

A confusão não durou muito. Um dos demônios abanou-me rudemente pelo ombro e exclamou:

— Dá-me uma ajudinha, preguiçoso. Tenho de arrumar a cama. — Fiquei um pouco mais lúcido e tomou-se evidente que se tratava de um simples consumidor de uma classe inferior... Talvez um auxiliar de hospital?

— Onde estamos? — Perguntei-lhe. — Estamos de volta à Pequena América?

— Chi, falas de uma maneira esquisita — comentou. — Dá-me uma ajudinha, 'tá bem?

— Claro que não! — Retorqui. — Eu sou um quadro superior de publicidade.

Olhou-me cheio de compaixão e exclamou «palerma», desaparecendo nas trevas ardentes.

Levantei-me, vacilante, e agarrei pelo cotovelo alguém que passava apressado no meio da escuridão.

— Desculpe — disse eu. — Onde é que estamos? Isto é um hospital?

O homem era outro consumidor, mais antipático do que o primeiro.

— Larg'o braço! — Resmungou. Eu larguei. — Tás doente, esperas até a gente aterrar — exclamou.

— Aterrar?

— Sim, aterrar. Escuta aqui, palerma, não sabes o que é que assinaste?

— Assinei? Não, não sei. Mas você está a ser demasiado familiar. Eu sou um quadro superior de publicidade...

A sua expressão alterou-se.

— Ahah — exclamou sabiamente. — Eu trato do teu problema. Só um minuto, Palerma. Volto já c'o produto.

— E voltou. O «produto» era um pequeno comprimido verde.

— São só quinhentos — persuadiu-me. — É capaz de ser o último a bordo. Queres aterrar co'os safanões? Nã! Isto orienta-te para a aterragem...

— Aterrar *onde?* — Gritei. — Mas que se passa, afinal? Não conheço nem quero a sua droga. Diga-me só onde é que eu estou e o que devo ter assinado, que depois logo vejo!

Fitou-me de perto e exclamou:

—'Tás mal. Bateste com a cabeça, se calhar? Bem, Palerma, 'tás no compartimento número seis do porta-trabalhadores *Thomas R. Malthus.* Vento e condições atmosféricas, sem relevância. Rota, 273 graus. Velocidade, 300; destino, Costa Rica; carga, escumalha como tu e eu para as plantações Chlorella. — Ou era conversa fiada de um ex-oficial de segurança ou uma imitação irracional disso.

— Você foi... — Hesitei.

— Despromovido — concluiu amargamente, olhando o comprimido verde na palma da mão. De súbito, engoliu-o e continuou: — Mas voltarei atrás. — Os seus olhos brilharam. — Vou introduzir métodos novos e eficientes nas plantações. Serei capataz numa semana. Serei encarregado num mês. Serei diretor num ano. E depois vou comprar as linhas Cunard e revestir todos os foguetões a ouro maciço. Apenas e só instalações de primeira classe. Apenas e só o melhor para os meus passageiros. As coisas sempre me correram de feição. Construo-te uma *suite* imperial forrada a ouro na minha nave principal, Palerma. O melhor não é de mais para o meu amigo Palerma. Se não gostares de ouro, faz-se de platina. Se não gostares de...

Afastei-me sem que ele percebesse. E continuou a balbuciar aquela ladainha. Senti-me bem por nunca ter ficado dependente do produto. Cheguei ao pé de uma divisória e sentei-me no chão, encostando-me a ela desesperado. Alguém se sentou ao meu lado e exclamou «Olá», com uma voz reconfortante.

— Olá — respondi. — Diga-me uma coisa, vamos mesmo rumo à Costa? Como é que eu posso falar com um oficial da nave? Isto é tudo um mal-entendido.

— Oh — exclamou o homem. — Porquê preocupares-te? Vive e deixa viver. Come, bebe e sê feliz, é o meu mote.

— Tira o raio das mãos de cima de mim! — Ordenei-lhe.

Começou a tornar-se desagradável e injurioso, e eu levantei-me e continuei a andar, tropeçando em pernas e troncos.

Ocorreu-me, então, que nunca conhecera realmente quaisquer consumidores, à exceção dos breves períodos em que me serviam. Ocorreu-me que aceitara casualmente a sua componente homossexual e a explorara sem sequer imaginar ao que ela se reduzia na realidade! Queria desesperadamente sair do compartimento número seis. Queria voltar a Nova

Iorque, descobrir qual o número que Runstead preparara e porquê, voltar para a Kathy e para a minha amizade com Jack O'Shea e para o meu grande emprego na Fowler Schocken. Tinha coisas a fazer.

Uma das luzes vermelhas dizia Saída de Emergência. Imaginei aquelas centenas de pessoas apertadas no compartimento tentando fugir através da porta e senti um arrepio.

— Desculpe, amigo — disse alguém com voz rouca. — É melhor sair da frente.

Começou a vomitar e, pelos vistos não havia sacos para esse fim nos porta-trabalhadores. Abri a porta de emergência e atravessei-a.

— Então? — Resmungou um enorme guarda da Agência de Detetives.

— Quero falar com um oficial da nave — afirmei. — Estou aqui devido a qualquer engano. Chamo-me Mitchell Courtenay. Sou publicitário da Sociedade Fowler Schocken.

— O número? — Perguntou grosseiramente.

— 16-155-187 — respondi e, admito, com um pouco de orgulho. Pode-se perder o dinheiro, a saúde, a amizade, mas não nos podem tirar um número baixo da Segurança Social...

Agarrou-me pelo braço sem brutalidade. Logo a seguir rebolei contra a divisória, com a cara a arder de uma forte bofetada.

— Volta lá para dentro, palerma! — Berrou o guarda. — Não 'tás num cruzeiro e não gosto que te armes em engraçado!

Olhei, incrédulo, a marca no braço. A tatuagem dizia: 1340 9974-1416-155-187723. O meu verdadeiro número estava escrito no meio, mas as tatuagens condiziam perfeitamente. Os números não eram exatamente iguais... Mas não o suficiente para que alguém reparasse a não ser eu.

— Qu'é que 'tás à espera? — Retorquiu o guarda. — Nunca viste o teu número?

— Não — respondi calmamente, mas com as pernas a tremer. Estava assustado, terrivelmente assustado. — Nunca vi este número. Foi tatuado à volta do meu verdadeiro número. Chamo-me Courtenay, garanto-lhe. Posso prová-lo. Eu pago-lhe... — Procurei nos bolsos e não encontrei dinheiro nenhum. Apercebi-me, de súbito, que vestia um fato estranho e velho da Universal, com nódoas de comida e outras.

— Então, paga — exclamou o guarda, impaciente.

— Pago-lhe mais tarde — insisti. — Mas leve-me a um responsável.

Um tenente jovem e bem-parecido, com farda da Panagra, espreitou para dentro do corredor.

— Que se passa aqui? — Perguntou ao guarda. — A luz da porta continua acesa. Não és capaz de manter a ordem cá em baixo? Sabes que enviamos um relatório de competência para a tua agência. — Ignorou-me por completo.

— Peço desculpa, Sr. Kobler — disse o guarda, fazendo continência e

desculpando-se. — Este homem parece estar drogado. Veio cá fora e diz que é um quadro superior publicitário, que está a bordo por engano.

— Veja o meu número! — Gritei para o tenente.

Fez uma careta quando lhe pus o cotovelo nu mesmo debaixo do nariz. O guarda agarrou-me e resmungou:

— Não aborreças o tenente.

— Um momento — exclamou o oficial da Panagra. — Eu trato disto. É um número alto, amigo. Que espera provar mostrando-mo?

Foi acrescentado, antes e depois. O meu verdadeiro número é 16-155-187. Está a ver? Antes e depois deste número, os algarismos são diferentes! É uma falsificação!

Sustendo a respiração, o tenente observou muito de perto. Disse:

— Humm. E minimamente possível... Venha comigo. — O guarda apressou-se a abrir a porta para o tenente e eu passarmos. Estava assustado.

O tenente levou-me através de uma ruidosa confusão de salas dos motores, até ao minúsculo gabinete do comissário de bordo. Este era um gnomo de rosto esguio, cujo uniforme da Panagra mais parecia um saco.

— Mostre o número ao comissário — ordenou-me o tenente, e eu assim fiz. Voltando-se para o comissário de bordo perguntou-lhe: — Qual é a história deste homem?

O comissário introduziu uma bobina no leitor e ligou-o.

— 1340-9974-1416-155-187723 — leu, por fim. — Groby, William George; 26 anos; solteiro; criado em lar desfeito (deserção do pai); terceiro de cinco irmãos; equilíbrio H-H, homem 1, saúde 2.9; classe ocupacional 2 durante sete anos; 1,2 durante três meses; educação 9; assinou contrato de trabalho B. — Olhou para o oficial de voo. — Um perfil bastante fraco, tenente. Há alguma razão especial para eu me interessar por este homem?

O tenente respondeu:

— Ele afirma ser um publicitário, e estar aqui por engano. Diz que lhe alteraram o número. E fala num nível ligeiramente superior à sua classe.

— Ah! — Exclamou o comissário. — Não se preocupe com isso. Uma criança de um lar desfeito, em particular um irmão do meio, dos níveis mais baixos, costuma ler e observar incessantemente, na tentativa de melhorar a sua posição social. Mas nota-se a diferença...

— Basta de conversa! — Exclamei irritado para o homenzinho, absolutamente farto. — O meu nome é Mitchell Courtenay. Posso comprar-vos e vender-vos sem sequer mexer nas minhas economias. Sou o responsável pelo Departamento de Vénus da Sociedade Fowler Schocken. Exijo que liguem imediatamente para Nova Iorque e que esta farsa seja esclarecida. E despachem-se, que raio!

O tenente pareceu alarmado e ia pegar no telefone, mas o comissário sorriu e afastou-o do seu alcance.

— Mitchell Courtenay, é? — Perguntou amavelmente. Pegou noutra bobina e introduziu-a no monitor. — Cá estamos — disse após alguma

bobinagem.

O tenente e eu olhámos.

Tratava-se da primeira página do *New York Times.* A primeira página incluía o óbito de Mitchell Courtenay, chefe do Departamento de Vénus da Sociedade Fowler Schocken. Eu fora encontrado gelado no glaciar Starrzelius, perto da Pequena América. Regulara indevidamente a unidade de energia e esta falhara. Continuei a ler depois de o tenente perder o interesse. Matt Runstead assumira a chefia do Departamento de Vénus. Eu era uma perda para a profissão. A minha mulher, a Dra. Nevin, recusara prestar declarações. Fowler era citado num desenvolvido elogio à minha pessoa. Eu era amigo pessoal do pioneiro de Vénus Jack O'Shea, que expressara o seu choque e pesar ao ter conhecimento da ocorrência.

O comissário disse:

— Arranjei isto em Capetown. Tenente, se não se importa, leve este idiota de um filho da mãe de volta para o compartimento.

O guarda chegara. Esbofeteou-me e pontapeou-me durante todo o caminho até chegar ao compartimento número seis.

Deitei alguém ao chão, quando o guarda abriu a porta e me empurrou para dentro da escuridão ardente. Depois do ar relativamente puro do exterior, o cheiro era horrível.

— Que foi que fez? — Perguntou amigavelmente o amortecedor humano, pondo-se em pé.

— Tentei dizer-lhes quem sou... — Era escusado. — Que se passa a seguir? — Perguntei.

— Aterramos. Arranjam-nos alojamento. Metem-nos a trabalhar. Que contrato é o seu?

— Contrato de trabalho B, dizem eles.

Assobiou.

— Parece que foi bem apanhado, hã?

— Que quer dizer com isso? Que é isto, afinal?

— Oh... Estava cego, não? Pior ainda. O contrato B são cinco anos. Para atrasados mentais, refugiados, e todos os que eles conseguirem convencer a assinar. Há uma cláusula de comportamento. Propuseram-me o B, mas disse-lhes que se era o melhor que podiam arranjar, ia-me embora e oferecia-me à Brink's Express. Convenci-os a darem-me um contrato F... Deviam estar mesmo a precisar. É de um ano e posso fazer compras fora dos armazéns da companhia e outras coisas do gênero.

Levei as mãos à cabeça para evitar que explodisse.

— Não pode ser assim um lugar tão mau para se trabalhar — disse eu. — Vida de campo, trabalho de terra, ar puro e sol.

— Humm — exclamou o homem, embaraçado. — É melhor que nos químicos, acho eu. Talvez não tão bom como o trabalho nas minas. Em breve ficará a saber.

Afastou-se e eu acebei por dormitar um pouco quando devia ter

estado a fazer planos.

Não houve qualquer sinal de preparar para aterrar. Batemos subitamente no chão e batemos com força. Uma porta de descarga abriu-se, deixando entrar o ofuscante sol tropical. Era a agonia depois daquele compartimento lúgubre. O que entrou juntamente não foi o ar do campo, mas uma baforada de aerossol desinfetante. Desenleei-me de um emaranhado de trabalhadores, praguejando, e deixei-me ir no meio da confusão em direção à porta.

— Aguenta aí, estúpido! — Exclamou um homem carrancudo, que usava distintivo de segurança das instalações. Enfiou-me ao pescoço um cordão com uma chapa numerada. Todos recebiam um e alinhavam frente a uma mesa, já fora da nave. Estava à sombra da plantação Chlorella, uma estrutura de oitenta andares apontada ao céu. Tinha persianas espelhadas em todos os andares. Em redor do enorme edifício estendiam-se hectares de um brilho ofuscante. Deduzi que se tratava de mais placas espelhadas para captação dos raios solares, para além de mais espelhos no interior dos andares e sobre os tanques de fotossíntese. Era uma imagem espetacular, embora não invulgar, quando vista do ar. Cá em baixo era um verdadeiro inferno. Eu deveria estar a formular um plano, um plano. Mas os canais da minha mente estavam estúpidos: «Das plantações banhadas pelo sol da Costa Rica, cuidadas pelas mãos ágeis de agricultores independentes, orgulhosos do seu trabalho, vem a suculenta riqueza das proteínas Chlorella...» Sim; eu escrevera aquelas palavras.

— Toca a andar! — Berrou um homem da segurança. — Toca a andar, seus escumadores dum raio! Toca a andar! — Pus a mão em pala sobre os olhos e dei um passo em frente ao aproximar-me da mesa. Um homem de óculos escuros, sentado, perguntou-me:

— Nome?

— Mitchell Court...

— E aquele de quem lhe falei — ouviu a voz do comissário de bordo.

— Certo; obrigado. — Para mim: — Groby, já temos tido outros que se tentaram safar do contrato B, sabes. Arrependem-se sempre de tentar. Sabes, por acaso, qual é o orçamento anual da Costa Rica?

— Não — murmurei.

— Cerca de cento e oitenta e três biliões de dólares. E por acaso sabes quais são os impostos anuais da Companhia Chlorella?

— Não. Que raio, homem...

Ele interrompeu-me:

— Cerca de cento e oitenta biliões de dólares. A partir daí, um tipo inteligente como tu concluirá que o Governo *e os Tribunais* da Costa Rica fazem exatamente o que a Chlorella quer ver feito. Se quisermos dar um exemplo de um violador de contrato, eles arranjam-nos um. Podes ter a certeza. Agora, como te chamas, Groby?

— Groby — respondi com voz rouca.

— Primeiro nome! Habilitações! Equilíbrio H-H?

— Não me lembro. Mas se mos escrever num bocado de papel, eu memorizo-os.

Ouvi o comissário dizer, a rir:

— Ele memoriza-os.

— Está bem, Groby — disse o homem de óculos escuros com ar cordial. — Não há problema. Aqui tens o teu perfil e funções. Ainda havemos de fazer de ti um escumador. Mexe-te.

Eu mexi-me. Um homem da segurança tirou-me o contrato da mão e berrou-me:

— Escumadores por ali!

«Por ali» era sob o nível mais baixo do edifício, com uma luz mais ofuscante, por um corredor entre tanques vazios de cheiro ameaçador e, por fim, por uma porta que dava para o pórtico central da estrutura. Era um espaço bem iluminado, que parecia o crepúsculo, em contraste com o sol tropical multirefletido no exterior.

— Escumador? — Perguntou-me um homem. Pestanejei e acenei com a cabeça. — O meu nome é Mullane, distribuição de turnos. Tenho uma pergunta a fazer-te, Groby. — Deu uma vista de olhos à minha ficha de perfil. — Precisamos de um escumador no sexagésimo sétimo nível, e precisamos de outro escumador no quadragésimo primeiro nível. A tua cama vai ser no quadragésimo terceiro nível. Sinceramente, em qual preferirias trabalhar? Devo dizer que não há elevadores para os escumadores e outro pessoal da Classe 2.

— No quadragésimo primeiro nível — respondi, tentando adivinhar a sua expressão.

— Muito sensato — retorquiu. — Muitíssimo sensato.

E ali ficou com os segundos a passar. Por fim acrescentou:

— Gosto de ver um homem sensato agir de forma sensata. — Seguiu-se outra longa pausa.

— Não tenho qualquer dinheiro comigo — disse-lhe.

— Não faz mal — retorquiu. — Eu empresto-te algum. Basta assinares este recibo e acertamos contas no dia de pagamento sem problemas. E um simples empréstimo de cinco dólares.

Li o recibo e assinei-o. Tive de consultar novamente a minha ficha; esquecera-me do primeiro nome. Mullane escrevinhou um «41» e as suas iniciais e afastou-se de imediato sem me emprestar os cinco dólares. Não fui atrás dele.

— Eu sou a Sra. Horrocks, encarregada do alojamento — disse-me uma mulher com voz doce. — Bem-vindo à família Chlorella, Sr. Groby. Espero que fique connosco durante muitos anos. E agora, ao trabalho. O Sr. Mullane disse-lhe que esta carrada de maçaricos, ou seja o atual grupo de contratados, ficarão alojados no quadragésimo terceiro nível. O meu papel é cuidar que fique num grupo de colegas de trabalho da mesma índole.

A sua cara lembrou-me vagamente uma tarântula, ao continuar:

— Temos uma cama vaga na Camarata Sete. Há imensos homens *jovens e simpáticos* na Camarata Sete. Talvez goste de lá ficar. E muito importante estarmos com gente do *nosso tipo.*

Percebi o que ela queria dizer e disse-lhe que não queria ir para a Camarate Sete.

Continuou animadamente:

— Então, temos a Camarata Doze. Receio bem que seja gente mais grosseira, mas os vagabundos não podem escolher, não é? Haviam de gostar de ter um homem como o senhor na Camarata Doze. Oh, se haviam! Mas podia levar uma faca ou coisa parecida. Inscrevo-o na Camarata Doze, Sr. Groby?

— *Não!* — Exclamei. — Tem mais alguma coisa? E, a propósito, será que podia emprestar-me cinco dólares até ao dia do pagamento?

— Vou colocá-lo na Camarata Dez — retorquiu, escrevinhando. — É claro que lhe posso emprestar algum dinheiro. Dez dólares? Assine só aqui e ponha as suas impressões digitais, Sr. Groby. Obrigado. — Afastou-se de imediato à procura do próximo idiota.

Um homem de faces vermelhas agarrou-me pela mão e disse com voz rouca:

— Irmão, quero dar-te as boas-vindas ao seio do Sindicato dos Trabalhadores das Proteínas Vegetais da Panamérica, Independente, Chlorella Costa Rica. Este panfleto elucida-te sobre como o S. T. P. V. P. protege os trabalhadores das inúmeras e triviais pressões que assolam a indústria. A joia e as quotas são descontadas automaticamente do salário, mas este valioso panfleto é um extra.

Perguntei-lhe:

— Irmão, que é o pior que me pode acontecer se eu não o comprar?

— Uma longa queda — respondeu simplesmente.

Emprestou-me cinco dólares para comprar o panfleto.

Não precisei de subir escadas até à Camarata Dez do quadragésimo terceiro nível. Não havia elevadores para o pessoal da Classe 2, mas uma enorme rede de carga em que nos podíamos pendurar. Era preciso um pouco de ousadia para saltar para a rede, e espaço livre era coisa que não havia muito. Se fosse com o rabo espetado, era bem capaz de ficar sem ele. A camarata estava apinhada com cerca de sessenta camas em beliches de três. Uma vez que a produção funcionava apenas durante o dia, não vigorava o sistema da cama quente. A minha cama era só minha, vinte e quatro horas por dia. Grande coisa.

Um velho de rosto carrancudo varria languidamente o corredor central, quando entrei.

— És maçarico? — Perguntou, olhando para a minha senha. — A tua cama é ali. Eu sou o Pine. Não desarrumes nada. Sabes escumar?

— Não — respondi. — Escute, Sr. Pine, como é que eu posso fazer

um telefonema para fora?

— Sala de convívio — exclamou, espetando o polegar. Dirigi-me à sala de convívio anexa. Tinha um telefone, um hipnotelevisor grande, leitores, bobinas e revistas. Rangi os dentes quando a capa da *Revista Semanal da Taunton* cintilou de entre outras. O telefone era a pagar, evidentemente.

Voltei rapidamente para a camarata.

— Sr. Pine — exclamei —, empresta-me aí uns vinte dólares em moedas? Tenho de fazer uma chamada interurbana.

— Vinte e cinco para vinte? — Perguntou, perspicaz.

— Pode ser. Como quiser.

Lentamente escrevinhou um pedaço de papel como recibo e eu assinei e coloquei as minhas impressões digitais. Então ele contou cuidadosamente o dinheiro que tinha nos bolsos largos.

Queria telefonar à Kathy, mas não me atrevi. Podia estar em casa, podia estar no hospital. E eu podia não a apanhar. Marquei os quinze dígitos da Sociedade Fowler Schocken, após ter introduzido uma tilintante série de moedas. Esperei pela resposta da central, que seria: «Sociedade Fowler Schocken, boa tarde; é *sempre* uma boa tarde para a Sociedade Fowler Schocken e seus clientes. Em que podemos servi-lo?»

Mas não foi isso que ouvi. O telefone respondeu:

— Su número de prioridad, por favor'?

Número de prioridade para chamadas interurbanas. Não tinha. Uma firma tinha de faturar biliões e pagar bem, para conseguir um número de prioridade para chamadas interurbanas com quatro algarismos. As linhas mundiais de longa distância estavam tão ocupadas que uma prioridade individual com qualquer número de algarismos era impensável. Naturalmente, nada disso alguma vez me preocupara quando fazia chamadas interurbanas da Fowler Schocken, com o respectivo número de prioridade. Um número de prioridade era um dos pequenos luxos com que teria de me habituar a não viver.

Desliguei lentamente. As moedas não foram devolvidas.

Podia escrever a toda a gente, pensei. Escrever a Kathy e ao Jack O'Shea e ao Fowler e ao Collier e a Tildy. Tentar por todos os meios. Estimada esposa (ou patrão): Deste modo participo que o vosso marido (ou funcionário), que sabeis estar bem morto, não está realmente morto, mas é inexplicavelmente um trabalhador a contrato da Chlorella Costa Riquenha e, por favor, larguem tudo e tirem-no daqui. Assinado, o vosso estimado marido (ou funcionário), Mitchell Courtenay.

Mas havia que pensar na censura.

Voltei num vazio para a camarata. O resto do pessoal da Camarata Dez começava a chegar.

— Um maçarico! — Gritou um deles ao ver-me.

— Ponto de ordem à assembleia! — Entoou outro.

Não os acuso de nenhuma das suas reações. Era tradição, uma quebra

de monotonia, uma oportunidade para mandarem em alguém ainda mais desgraçado do que eles, e algo por que todos já tinham passado. Suponho que na Camarata Sete teria sido uma experiência memoravelmente humilhante e que na Camarata Doze poderia nem ter sobrevivido. A Camarate Dez era simplesmente bem-humorada. Paguei a «multa», mais recibos de empréstimo, levei alguns carolos, fiz um juramento blasfemo, e fiquei, então, membro de pleno direito da camarata.

Não fui jantar com eles ao refeitório. Fiquei estendido na cama, desejando estar tão morto como o resto do mundo pensava que eu estava.

VIII

Escumar não era difícil de aprender. Levantávamo-nos ao romper da aurora. Engolíamos um pequeno-almoço composto por «Galinhazita» e regado com *Coffiest.* Vestíamos os sobretudos e apanhávamos a rede da carga para o nosso nível. De manhã à noite palmilhávamos hectares de tanques pouco profundos incrustados de algas. Se andássemos devagar, mais ou menos de trinta a trinta segundos localizávamos um rebento maduro de hidratos de carbono. Retirávamos o rebento com o escumador e atirávamo-lo para o fosso, onde seria empacotado ou transformado em glucose para alimentar a Galinhazita, que seria cortada às fatias e empacotada para alimentar gente desde a Bafíinlândia à Pequena América. De hora a hora podíamos ir tomar uma bebida à cantina e buscar uma pastilha de sal. Ao pôr-do-sol voltávamos a vestir os casacos e íamos jantar, mais fatias de Galinhazita, e depois fazíamos o que quiséssemos. Podíamos conversar, podíamos ler, podíamos entrar em transe frente ao hipnotelevisor da sala de convívio, podíamos fazer compras, podíamos armar zaragatas, podíamos dar em doidos a pensar no que poderia ser diferente, podíamos dormir.

Na maior parte das vezes íamos dormir.

Escrevi muitas cartas e tentei dormir muito. O dia do pagamento apareceu de surpresa. Não fazia ideia de que já tinham passado duas semanas. Fiquei a dever às Proteínas Chlorella apenas oito dólares e alguns cêntimos. Para além dos vários recibos que assinara havia o Fundo de Assistência dos Empregados (tanto quanto percebi, significava que eu pagava os impostos da Chlorella); quotas do sindicato e pagamentos de joia; taxa de condomínio (desta vez os meus próprios impostos); assistência médica (mas experimentem tê-la, dizem os mais velhos) e seguro de velhice.

Uma das coisas que me consolava debilmente era o pensamento de que quando... *Quando,* afirmava sempre com convicção, saísse dali, estaria mais perto dos consumidores do que qualquer outro publicitário. E óbvio que na Fowler Schocken tínhamos os nosso rapazes vindos das fileiras: bolsistas.

Sabia agora que eles tinham sido demasiado pretensiosos para me darem a verdade dos factos acerca da vida e pensamento dos consumidores. Ou não teriam querido admitir a si próprios o que tinham sido.

Penso que aprendi que a publicidade atua mais fortemente sobre o inconsciente do que até nós próprios pensávamos. Choquei-me repetidas vezes por ouvir referências à publicidade como «aquela porcaria». A princípio fiquei confundido e depois reconhecido por vê-la afundar-se e fazer efeito, na mesma. A resposta dada pelo foguetão de Vénus foi, obviamente, o meu maior interesse. Durante uma semana escutei, sempre que pude, o entusiasmo crescente no seio destes homens que nunca iriam a Vénus, que não conheciam ninguém que alguma vez fosse a Vénus. Ouvi repetidas as frases que lançáramos na Sociedade Fowler Schocken:

Um anão cavaleiro do espaço de seu nome O'Shea
Amava uma rapariga construída como uma Zorra...

Ou

Uma maquinista socialmente inadaptado
Perguntou à sua amada:
«Querida, que se passa connosco?»

Ou qualquer um dos outros com a sua mensagem arquitetada: de que o meio ambiente de Vénus aumentava a potência masculina. A secção de Costumes do Ben Winston, eu sempre o afirmara, constituía um dos mais importantes grupos de talento de toda a empresa Schocken. Eram particularmente bons em adivinhas: «Por que é que chamam a Vénus a Estrela da Melancia?», por exemplo. Bem, não faz sentido por escrito; mas o trocadilho é humor básico, e o instinto básico da raça humana é o sexo. E o que será, na vida, essencialmente mais importante, do que moldar e canalizar o fluxo mais profundo e intenso das emoções humanas nas suas direções apropriadas (não estou a desculpar-me em nome daqueles renegados que falam extravagantemente de um pretenso «Desejo de Morte» para captar a atenção dos seus clientes. Deixo esse tipo de atitude para os Tauntons da nossa profissão; é sujo, é imoral, não quero ter nada a ver com isso. Aliás, no fim de contas, bem vistas as coisas, acaba por atrair menos consumidores).

Pois não restam quaisquer dúvidas de que estabelecer uma ligação entre uma mensagem de vendas e uma das grandes motivações primárias do espírito humano tem mais consequências do que a simples venda de mercadorias; fortalece a motivação, ajuda-a a vir ao de cima, centraliza nela as atenções. E assim asseguramos o forte incremento anual de consumidores, tão essencial à expansão.

A Chlorella, apraz-me ter tido disso conhecimento, cuidava extremamente bem da assistência aos seus trabalhadores, no que respeita, a isso. Havia uma componente hormonal apropriada na comida e uma

esplêndida Sala de Diversão com mil camas, no 50º nível. A única condição imposta pela companhia foi a de que as crianças nascidas na plantação ficassem automaticamente ligadas à Chlorella se um dos pais ainda fosse empregado da mesma, na altura do décimo aniversário da criança.

Mas não tive tempo para a Sala de Diversão. Estava a estudar as saídas, a observar o meio, esperando uma oportunidade. Se a oportunidade não surgisse em breve, criá-la-ia eu; mas primeiro tinha de estudar e aprender.

Entretanto, mantinha os ouvidos bem abertos para os resultados da campanha de Vénus. Tudo correu lindamente... Durante uns tempos. As piadas, as histórias preparadas nas revistas, as canções alegres, tiveram o seu efeito.

Então, algo correu mal.

Deu-se uma tendência decrescente. Levei um dia para reparar nisso e uma semana para acreditar que era verdade. A palavra «Vénus» desapareceu da cavaqueira. Quando o foguetão espacial era mencionado era em termos de «envenenamento por radiação», «impostos», «sacrifício». Havia um material novo e perigoso para os Costumes... «Ouviste aquela do palerma que foi apanhado com o fato espacial?»

Podem não se ter apercebido do que se estava a passar e Fowler Schocken, analisando os seus excertos diários dos sumários dos resumos dos esqueletos dos relatórios dos extratos dos mapas de progressos do Projeto Vénus, nunca teria a possibilidade de pôr em causa ou duvidar do que lhe diziam. Mas eu conhecia o Projeto Vénus. E sabia o que se estava a passar.

Matt Runstead assumira o comando.

***

O aristocrata da Camarata Dez era Herrera. Ao fim de dez anos na Chlorella fora subindo... Topograficamente fora descendo, até chegar a chefe de cortadores. Trabalhava no subterrâneo grande e frio em forma de abóbada onde a Galinhazita se desenvolvia e era cortada por ele e outros artesãos. Baloiçava uma espécie de espada a duas mãos que cortava grandes fatias do tecido, deixando que os empacotadores e tratadores menores e seus ajudantes anônimos as pesassem, retocassem, congelassem, cozinhassem, apaladassem, embalassem e transportassem para fora da área destinada àquele dia.

Tinha mais do que uma função produtiva. Era uma válvula de segurança. A Galinhazita desenvolvia-se cada vez mais e vinha a desenvolver-se há décadas. Desde o início, em que era um simples pedaço de tecido de coração, que não fazia outra coisa senão crescer contra um corpo estranho, envolvendo-o. Não fazia outra coisa senão crescer e encher a abóbada de betão onde se encontrava, crescendo, comprimindo as células, rompendo-as. Desde que fosse alimentada, continuava a crescer. Herrera cuidava que ela crescesse redonda e anafada, que nenhum tecido ficasse velho e duro até ser

cortado, que um lado não fosse negligenciado em relação ao outro.

O vencimento era proporcional à responsabilidade e contudo, Herrera não arranjara mulher nem apartamento num dos níveis superiores do edifício. Fazia viagens que eram objeto de comentários obscenos enquanto estava fora... E que nunca eram referidos sem um cuidado polimento, quando estava presente. Tinha sempre a espada junto de si e não raras vezes afiava a lâmina com uma pedra. Era um homem que eu precisava de conhecer. Era um homem com dinheiro... Ele tem de ter dinheiro ao fim de dez anos, e eu precisava de dinheiro.

Os moldes do contrato de trabalho B tinham-se tomado bastante claros. Estava-se sempre em dívida. O crédito fácil fazia parte do sistema, assim como as circunstâncias que nos obrigavam a recorrer a ele. Se gastasse mais de dez dólares por semana, ficaria a dever mil e cem dólares à Chlorella no fim do contrato, e teria de trabalhar até saldar a dívida. E enquanto trabalhasse, iria acumulando uma nova dívida.

Precisava do dinheiro do Herrera para comprar a minha saída da Chlorella, de volta a Nova Iorque: Kathy, a minha mulher; o Departamento de Vénus; o meu emprego. Runstead estava a fazer coisas que eu não gostava ao Departamento de Vénus. E só Deus sabia o que Kathy andava a fazer, pensando ser viúva. Tentei não pensar numa coisa em particular: Jack O'Shea e Kathy. O homenzinho voltara ao seio do mulherio após anos de desprezo. Até aos 25 anos fora um anão de noventa centímetros e de provocar riso, com um toque de grotesco no facto de persistentemente se ter tornado num piloto de testes.

Aos 26 anos viu-se na pele da maior celebridade do mundo, o primeiro homem a descer com uma nave em Vénus, um nome para a posteridade, mal saído da adolescência. Tinha muito amor a recuperar. O facto é que vinha a estabelecer recordes nas suas conferências. Eu não estava a gostar da história.

Não estava a gostar do modo como ele gostava da Kathy nem do modo como a Kathy gostava dele.

E assim comecei um novo dia, de pé bem cedo, pequeno-almoço, sobretudos e óculos, rede de carga, escumador e poço, hora a hora, sob um sol escaldante, jantar na sala de convívio e, se tivesse oportunidade, um pouco de conversa com Herrera.

— Bela lâmina nesse cutelo, Gus. Há apenas dois tipos de pessoas no mundo: os que se preocupam com as suas ferramentas e os inteligentes.

Um olhar desconfiado surgiu sob as suas sobrancelhas de asteca.

— Compensa fazer as coisas como deve ser. Tu és o maçarico, não és?

— Sou. E a primeira vez que aqui estou. Acha que devo ficar?

Não percebeu.

— *Tens de* ficar. Contrato. — E dirigiu-se para a pilha de revistas.

Outro dia.

— Olá, Gus. Cansado?

— Olá, George. Sim, um bocado. Dez horas a manusear o cutelo. Deixa-me de rastos.

— Calculo. Escumar é fácil, mas não é preciso cabeça para o fazer.

E outro:

— Olá, George. Como vai isso?

— Não me posso queixar, Gus. Pelo menos estou a ficar bronzeado.

— Lá isso estás. Em breve estarás assim escuro como eu. Uau-Uau! Gostas?

— *Porque no, amigo'?*

— Eh? *Tu hablas español! Quando aprendiste la lengua?*

— Tão depressa não, Gus! Só umas palavras aqui e ali. Quem me dera saber mais. Qualquer dia, quando ganhar umas massas, vou até à cidade ver as raparigas.

— Oh, falam todas uma espécie de inglês. Se arranjares uma miúda fixa, era bom falares um b'cado de espanhol. Ela ia gostar. Mas a maior parte delas conhece o «Gimmy-gimmy» e o poemazito inglês sobre aquilo a que tens direito por um dólar. Uau-Uau!

E outro dia... Um dia espantoso.

Recebera novamente e a minha dívida aumentara oito dólares. Dei cabo da cabeça a pensar para onde é que fora o dinheiro, mas eu sabia. Saí do turno, desidratado, como eles queriam que eu saísse. Bebi um golo de *Popsie* da fonte, marcando o meu número; vinte e cinco cêntimos descontados da minha folha de pagamento. O esguicho não foi suficiente, por isso bebi outro; cinquenta cêntimos. O jantar foi a mesma coisa do costume; não consegui comer mais do que uma ou duas dentadas de Galinhazita. Mais tarde estava com fome e lá estava a cantina, onde comprei *Crunchies* a crédito fácil. Os *Crunchies* provocavam uma necessidade só satisfeita fumando um cigarro *Starr,* que davam vontade de comer *Crunchies...* Pensara Fowler Schocken nisto e nestes termos quando organizou a Starrzelius Verily, o primeiro truste esférico? *Popsie-Crunchies-Starrs-Popsie?*

E pagávamos 6% de juros do dinheiro que nos era adiantado.

Tinha de ser em breve. Se não saísse em breve nunca sairia. Sentia a minha iniciativa, a coisa que *me* fazia, a morrer, célula a célula, dentro de mim. As dosagens mínimas de alcaloide debilitavam-me o querer, mas, acima de tudo, era uma sensação de desespero e imobilidade por as coisas serem assim, por irem sempre ser assim, que não era assim tão mau, que sempre se podia estar em transe ou aquecer mesmo com um pouco de *Popsie* ou até experimentar uma daquelas cápsulas verdes que passavam de mão em mão a preços variados; os rapazes ficariam contentes por esperar pelo dinheiro.

Tinha de ser em breve.

— *Como esta Gustavo?*

Sentou-se e fez-me o seu sorriso de asteca.

— *Como esta, amigo Jorge? Se fuma?* — Estendeu-me um maço de

cigarros.

Eram *Greentips.* Exclamei automaticamente:

— Não, obrigado. Eu fumo *Starrs;* têm melhor sabor.

E automaticamente acendi um, como é óbvio. Estava a tomar-me no tipo de consumidor que adorávamos. Pensa em fumar, pensa em *Starrs,* acende um *Starr.* Acende um *Starr,* pensa na *Popsie,* bebe um golo. Bebe um golo, pensa em *Crunchies,* compra uma caixa. Compra uma caixa, pensa em fumar, acende um *Starr.* E em cada caso profere as palavras de elogio que lhe foram incutidas pelos olhos, pelos ouvidos e pelos poros.

— Fumo *Starrs;* têm melhor sabor. Bebo *Popsie;* é mais viva. Como *Crunchies;* estimulam o paladar. Fumo...

Gus disse-me:

— Não pareces muito contente, Jorge.

— Não estou muito contente, amigo. — Foi mesmo assim. — Estou numa situação muito estranha. — Vejamos, agora, a reação.

— Reparei que se passava qualquer coisa. Um tipo inteligente como tu, um tipo experiente. Talvez precises de uma ajudinha?

Ótimo; ótimo.

— Não perdes nada em tentar, Gus. É um risco que corres, mas não perdes nada em tentar. O que se passa é o seguinte...

— Chiu! Aqui não! — Advertiu-me. Em voz mais baixa continuou: — É sempre um risco. Vale sempre a pena quando vejo um jovem inteligente ter bom senso e começar a fazer coisas. Qualquer dia engano-me, *seguro.* Aí eles apanham-me e até são capazes de me queimar o cérebro. Que se lixe, hei de rir-me deles. Cumpri a minha parte. Toma. É escusado dizer-te para teres cuidado ao abrir isso. — Apertou-me a mão e senti um volume pegar-se à palma da mão. Então atravessou a sala até junto do hipnotelevisor, marcou o seu tempo para meia hora e entrou em transe juntamente com outros telespectadores.

Fui até aos lavabos e marquei a ocupação de uma cabina para dez minutos — lá foram mais umas coroas do meu vencimento —, e entrei. O pequeno volume adesivo na palma da mão abriu-se numa pequena folha de papel que dizia:

Nas Tuas Mãos Uma Vida

Esta é a Folha de Contacto Um da Associação Mundial dos Conservacionistas, mais conhecida por «os Consies». Foi-lhe passada por um membro da A. M. C. que o julgou como sendo a) inteligente; b) preocupado com o estado atual do mundo; c) um reforço potencial para as nossas fileiras. A vida dele está nas suas mãos. Pedimos-lhe que continue a ler antes de tomar qualquer decisão.

Factos Acerca da A. M. C.

Os Factos: A A. M. C. é uma organização secreta perseguida

por todos os governos do mundo. Acreditamos que a exploração desmesurada dos recursos naturais originou pobreza e miséria humanas desnecessárias. Pensamos que a continuação desta exploração significará o fim da vida humana sobre a Terra. Pensamos que esta tendência poderá ser invertida se a população da Terra for educada até ao ponto em que exija planeamento da população, rearborização, recuperação do solo, desurbanização e o fim da produção desregrada de dispositivos e alimentos para os quais não há uma procura natural. Este programa educacional está a ser levado a cabo através de propaganda, como esta, demonstrações de força e sabotagem de unidades fabris que produzem supérfluos.

Mentiras Acerca da A. M. C.

Já ouviu provavelmente dizer que «os Consies» são assassinos, psicóticos e incompetentes que matam e destroem com fins irracionais ou por inveja. Nada disto é verdade. Os membros da A. M. C são humanos e equilibrados, muitos dos quais famosos aos olhos do mundo. Os boatos em contrário são zelosamente encorajados por gente que lucra com a exploração que esperamos corrigir. Há gente irracional, desequilibrada e criminosa que comete as maiores afrontas em nome do conservacionismo, quer idealisticamente, quer como encobrimento para a pilhagem. A A. M. C. desvincula-se dessa gente e encara as suas atividades com repugnância.

Que Irá Fazer a Seguir?

Isso é consigo. Pode a) denunciar a pessoa que lhe passou esta folha; *b)* destruir a folha e esquecê-la; c) ir ter com a pessoa que lhe passou a folha e pedir mais informações. Pedimos-lhe que pense bem antes de agir.

Eu pensei... Bastante. Pensei que em traços gerais se tratava a) da publicidade mais estúpida e medíocre que alguma vez já vira; *b)* de uma versão escandalosamente distorcida da realidade; c) de uma possibilidade de fugir da Chlorella e voltar para Kathy.

Então eram estes os malfadados Consies! Apesar de todos os disparates contraditórios... A folha tinha um certo apelo. O anúncio fora trabalhado, inconscientemente, tenho a certeza, do mesmo modo que nós faríamos um folheto farmacêutico só para médicos. Calmos, experientes, aqui somos todos homens de juízo franco e profunda instrução; podemos falar francamente acerca de assuntos difíceis. O seu doente sofre de hiperespasmos, doutor?

Era um apelo à razão e estes são sempre perigosos. Não se pode confiar na razão. Há muito que a afastámos do âmbito da publicidade e nunca lhe senti a falta.

Bem; havia duas maneiras de resolver a questão. Podia dirigir-me ao escritório em frente e acusar Herrera. Talvez granjeasse um pouco de popularidade; talvez me dessem ouvidos; *podiam* acreditar-me o suficiente para investigar. Lembrei-me que os delatores de consies eram, por vezes, executados, na medida em que tinham estado expostos ao vírus e isso podia refletir-se mais tarde, após a primeira reação saudável. Não era nada bom. Mais arriscado mas mais heroico: podia atuar a partir de dentro, fazendo o jogo dos consies. Se fossem uma rede de dimensão mundial como afirmavam ser, não havia razão para eu não chegar a Nova Iorque, pronto e disposto a pô-los a descoberto.

Nem por um momento tive quaisquer dúvidas sobre a minha capacidade de seguir em frente. Os meus dedos ansiavam por um lápis para trabalhar aquela folha, realçando as frases, cortando o que não interessava, acrescentando palavras reveladoras de visão-audição-paladar-sensação, com verdadeiro alcance. Podia servir.

A porta da cabina abriu-se; os dez minutos tinham chegado ao fim. Deitei apressadamente a folha de contacto pela sanita abaixo e dirigi-me à sala de convívio. Herrera continuava em transe em frente ao hipnotelevisor.

Esperei uns vinte minutos. Por fim, mexeu-se, pestanejou e olhou em redor. Viu-me e o seu rosto ficou como granito impávido. Sorri e acenei com a cabeça e ele aproximou-se.

— Tudo bem, *compañero?* — Perguntou calmamente.

— Tudo bem — respondi. — Quando quiseres, Gus.

— Em breve — afirmou. — Sempre que estou numa situação deste tipo, tenho de entrar em transe. Qualquer dia saio de transe e dou com os touros a correrem atrás de mim, não? — Começou a afiar o gume do cutelo com a pedra de bolso.

Olhei o cutelo com uma nova interpretação.

— Para os touros? — Dei a entender.

No seu rosto fez-se uma expressão de choque.

— Não — exclamou. — Tens uma ideia um pouco errada, Jorge, a meu respeito. Pois não tenho qualquer hipótese de fugir.

As suas palavras eram nobres, mesmo numa causa como esta. Odiei as mentes distorcidas que tinham feito uma coisa destas a um bom consumidor como Gus. Era como que um assassínio. Bem podia ter representado o seu papel neste mundo, comprando e usando, dando trabalho e lucros aos seus irmãos pelo mundo fora, aumentando sempre os seus desejos e necessidades, aumentando sempre o trabalho e os lucros de toda a gente do círculo de consumo, educando crianças para, por sua vez, virem a ser consumidores. Era doloroso vê-lo transformado num fanático estéril.

Decidi fazer por ele o que estivesse ao meu alcance, quando os denunciasse. A culpa não era sua. Eram as pessoas que o haviam maltratado, por esse mundo afora, que deviam pagar. Por certo, haveria qualquer espécie de tratamento para consies como Gus, que não passavam de joguetes. Tinha

de me informar... Não; seria melhor não perguntar. As pessoas tirariam conclusões precipitadas. Já os ouvia: «Não digo que Mitch não seja saudável, mas foi uma ideia bastante esquisita.» «Sim. Consie uma vez, consie sempre.» «Toda a gente sabe. Não digo que o Mitch não seja são, atenção, mas...»

Que se lixasse Herrera. Teve tantas oportunidades como os outros. Quem se presta a virar o mundo de pernas para o ar não tem qualquer direito de se queixar se for apanhado nas suas próprias artimanhas.

IX

Passaram-se dias, passaram-se semanas. Herrera pouco falava comigo, até que uma noite na sala de convívio me perguntou de súbito:

— Já alguma vez viste a *Gallina?* — Referia-se à Galinhazita. Eu respondi que não. — Então vem lá abaixo. Entras comigo. É um espanto.

Atravessámos corredores e saltámos para a rede de carga que ia a descer. Fechei resolutamente os olhos. Se olharmos para baixo quando vamos naquela coisa, ficamos perfeitamente aterrados. Quarenta, Trinta, Vinte, Dez, Zero, Menos Dez...

— Salta, Jorge — exclamou Herrera. — Abaixo do Menos Dez ficam as máquinas. — Saltei.

O nível Menos Dez era escuro e escorria água pelas paredes de betão. O teto era suportado por vigas enormes. Um emaranhado de canos entupia o corredor onde entrámos.

— Fluído nutritivo — explicou Herrera.

Interroguei-o acerca do peso aparentemente enorme do teto.

— Betão e chumbo. Protege dos raios cósmicos. A *Gallina* pode ficar cancerosa. — Cuspiu. — Não presta para comer. Temos de a queimar toda se não a apanharmos depressa e... — Cortou o ar num zunido com a sua espada cintilante para me demonstrar o que queria dizer com «apanhar».

Abriu uma porta.

— Isto é o ninho dela — afirmou orgulhoso. Olhei e engoli em seco.

Era uma grande abóbada de betão, com chão também de betão. A Galinhazita ocupava-a quase por completo. Era como um hemisfério esponjoso, cinzento-acastanhado, com cerca de quinze metros de diâmetro. Dezenas de tubos desembocavam na sua carne palpitante. Via-se que estava viva.

Herrera disse-me:

— Durante o dia ando à volta dela. Vejo um bocado que esteja desenvolvido, bom e tenrinho, e corto. — A sua espada a duas mãos zuniu de

novo. Desta vez cortou um espesso bife de Galinhazita. — Os maçaricos que me ajudam levam-no, cortam-no em pedaços e metem-no no transportador.

Viam-se aberturas de túneis em volta da abóbada com correias de transporte.

— Ela não cresce à noite?

— Não. Desligam o nutriente, deixando só o suficiente, deixam-na acumular excessos até ao máximo. Todas as noites ela quase morre. Todas as manhãs volta à vida tal como São Lázaro. Mas nunca ninguém reza pela *póbrecita Gallina,* pois não? — Afagou aquela coisa esponjosa carinhosamente com a parte romba da espada.

— Gostas dela? — Perguntei estupidamente.

— É claro, Jorge. Ela brinca comigo.

Olhou em volta e percorreu o ninho espreitando para dentro de cada túnel. Tirou uma pequena trave de um deles e colocou-a indiferentemente contra a porta do ninho. Ficou encaixada entre um travessão da porta e uma ranhura, no chão de cimento. Servia bem de fecho.

— Vou-te mostrar o truque — disse com um sorriso de asteca.

Com um elaborado gesto de ilusionista tirou do bolso uma espécie de apito. Não tinha boca de sopro. Tinha uma câmara-de-ar com uma pequena bomba.

— Não fui eu que fiz isto — apressou-se a dizer. — Chamam-lhe apito de Galton, mas quem é esse Galton, não sei... Repara... E escuta.

Começou a dar à bomba, apontando o apito intencionalmente na direção da Galinhazita. Não ouvi qualquer som, mas senti um arrepio ao ver o protoplasma esponjoso fazer uma cavidade no sítio de tubo.

— Não te assustes, *compañero* — disse-me ele. — Vê só. — Bombeou mais depressa e passou-me uma lanterna que eu, estupidamente liguei. Herrera soprava um som inaudível contra a Galinhazita como se fosse um tubo. Ela foi reagindo com uma cavidade cada vez maior que, por fim, se tornou numa passagem em arco, cujo chão era o próprio chão de cimento do ninho.

Herrera caminhou para o arco dizendo:

— Segue-me.

Eu segui-o com o coração a bater assustado. Ele continuou a avançar, bombeando o apito, e o arco transformou-se numa abóbada. A entrada para a Galinhazita, atrás de nós, foi-se tomando mais pequena... Mais pequena... Mais pequena...

Estávamos bem lá dentro, numa bolha hemisférica, caminhando devagar através de um enorme pedaço de cem toneladas de carne esponjosa cinzento-acastanhada.

— Ilumina o chão, *compañero* — disse ele, e eu apontei a lanterna para o chão. No cimento estavam marcadas umas linhas que pareciam casuais, mas que guiavam os pés de Herrera. Continuámos em frente e eu pus-me a pensar o que aconteceria se o apito de Galton se rompesse...

Após uma eterna progressão, centímetro a centímetro, a lanterna incidiu num crescente de metal. Herrera apontou o apito na sua direção e o crescente tornou-se num disco. Continuando a dar à bomba, tocou-lhe três vezes. Abriu-se como uma portinhola.

— Entra tu primeiro — disse, e eu entrei deliberadamente, sem saber nem me importar se a aterragem seria suave ou atribulada. Foi suave e ali fiquei a tremer. Logo a seguir Herrera caiu a meu lado e a portinhola fechou-se. Levantou-se, esfregando o braço. — Trabalho ingrato — exclamou. — Continuo a ar à bomba naquela coisa e não oiço nada. Qualquer dia deixa de funcionar e não vou dar por nada até... — Sorriu novamente.

***

— George Groby — apresentou-me Herrera. — Este é Ronnie Bowen. — Era um pequeno e fleumático consumidor com fato de executivo. — E este é Arturo Denzer. — Denzer era bastante jovem e nervoso.

Estávamos num pequeno escritório bem iluminado, todo de cimento, com regeneradores de ar. Havia secretárias e equipamento de telecomunicações. Custava a acreditar que a única entrada ainda fosse barrada por aquela montanha de protoplasma. Custava ainda mais a acreditar que o assobio numa frequência tão alta que não se conseguia ouvir instigava aquele colosso insensível a abrir passagem.

Bowen tomou a iniciativa.

— É um prazer tê-lo connosco, Groby — disse. — Herrera diz que você é inteligente. Não vamos fazer grandes registos, mas quero ficar com o seu perfil.

Dei-lhe o perfil de Groby e ele registou-o. Apertou os lábios desconfiado quando lhe indiquei o baixo nível educacional.

— Vou ser sincero — afirmou. — Você não fala como quem não teve educação.

— Sabe como são alguns miúdos daqui — retorqui. — Passava o tempo a ler revistas e a observar as coisas. É difícil estar mesmo no meio de uma família de cinco. Não somos suficiente crescidos para merecer respeito e não somos suficiente pequenos para ser o menino querido da família. Sentia-me como que perdido e tentei sempre melhorar.

Ele aceitou.

— Faz sentido. Vejamos, que é que sabe fazer?

— Bem... Acho que sei escrever uma folha de contacto melhor do que a que vocês utilizam.

— Sim. E que mais?

— Bem, propaganda na generalidade. Podíamos pôr histórias a circular sem que as pessoas soubessem que era da autoria dos Con... Da nossa autoria. Coisas que as fizessem sentir insatisfeitas, que as fizessem acordar.

— É uma ideia muito interessante. Dê-me um exemplo.

O meu cérebro funcionava com perfeição.

— Lança-se um boato no refeitório dizendo que inventaram uma proteína. Dizem que sabe exatamente a carne assada e que se pode comprar a dois dólares o quilo. Dizem que vai ser lançada dentro de três dias. Depois, quando os três dias chegarem ao fim e não houver qualquer lançamento, põem-se a circular piadas como, por exemplo: «Qual é a diferença entre a carne assada e a Galinhazita?» Resposta: «Cento e cinquenta anos de progresso.» Uma coisa assim, que pegue e os faça recordar com nostalgia os tempos antigos.

Foi fácil. Já não era a primeira vez que eu utilizava o meu talento para promover um produto pelo qual não me interessava pessoalmente.

Bowen registava tudo numa máquina de escrever silenciosa.

— Muito bem — exclamou. — Muito engenhosa, Groby. Vamos experimentar isso. Porquê «três dias»?

É claro que não lhe pude dizer que três dias era o período de tempo ideal para se despoletar um circuito social fechado, com uma frase-chave catalítica; esta era a reposta dos livros. Em vez disso, respondi embaraçado:

— Pareceu-me bem três dias.

— Bom, vamos experimentar assim. Agora, Groby, vai ter um período de estudo. Temos os textos clássicos do conservadorismo e você deve lê-los. Temos publicações especiais de interesse para nós e que você deve seguir: *Problemas de Estatística, Jornal do Espaço, Biometrika, Boletim Agrícola* e muito mais. Se tiver dificuldades, e espero que as tenha, peça ajuda. Pode, eventualmente, escolher um assunto que o atraia em particular e especializar-se nele, numa perspectiva de especialização. Um conservador informado é um conservador eficiente.

— Porquê o *Jornal do Espaço?* — Perguntei, cada vez mais entusiasmado. De súbito pareceu-me ter a resposta: a sabotagem de Runstead, o meu rapto, os atrasos e *impasses* infindáveis do projeto. Seriam estratagemas dos Consies? Pensariam os Consies, nas suas mentes depravadas e ilógicas, que a conquista do espaço era antisobrevivência, ou como lhe queriam chamar?

— Muito importante — respondeu Bowen. — Deve saber tudo o que lhe for possível acerca disso.

Sondei-o.

— Quer dizer, para que nos possamos infiltrar?

— Claro que não! — Explodiu Bowen. — Santo Deus, Groby, pense no que Vénus representa para nós... Um planeta intacto, toda a riqueza de que a raça precisa, todos os campos e alimentos e matérias-primas. Sirva-se da cabeça, homem!

— Ah — retorqui. O nó górdio continuava intacto.

Embrenhei-me em bobinas da *Biometrika* e, de vez em quando, pedia explicações de que não precisava. Falava das alterações da população,

alterações do QI, taxa de mortalidade e causas de morte e tudo mais. Quase todos os números traziam boas notícias para nós... As mesmas notícias que os Consies censuravam. O aumento de população era sempre uma boa notícia para nós. Mais gente, mais vendas. Decréscimo do QI era sempre uma boa notícia para nós. Menos inteligência, mais vendas. Mas estes fanáticos e excêntricos não percebiam isso, e eu tinha de fingir que concordava com eles.

Passado algum tempo, mudei para o *Jornal do Espaço.* Aí as notícias eram más... Todas más. Havia uma indiferença geral da parte do público; havia uma resistência obstinada às restrições que a construção do foguetão de Vénus acarretava; havia o mais absoluto derrotismo relativamente à criação de uma colônia em Vénus; persistiam dúvidas sobre se a colônia conseguiria produzir alguma coisa, se chegasse alguma vez a ser instalada.

Maldito Runstead!

Mas a pior notícia de todas vinha na capa do último número. A legenda dizia: «Jack O'Shea Sorri ao Receber um Beijo de Uma Bela Amiga após Ser Agraciado pelo Presidente com a Medalha de Honra.» A bela amiga era a minha mulher Kathy. Estava mais bela que nunca.

***

Não larguei mais a célula de consies e pressionei-os. Passados três dias sentia-se um gênero de murmúrio de desagrado pelo refeitório. Passada uma semana os consumidores já faziam afirmações como: «Quem me dera ter nascido há cem anos... Quem me dera que a camarata não estivesse tão cheia... Quem me dera poder arranjar um bocado de terra em qualquer lado e trabalhar para mim.»

A pequena célula estava exaltada. Aparentemente eu fizera mais numa semana do que eles tinham feito num ano. Bowen, que se ocupara do Pessoal, disse-me:

— Precisamos de um cérebro como o teu, Groby. Não vais desperdiçar a tua vida como escumador. Um dia destes o encarregado pergunta-te se sabes alguma coisa de química de nutrientes. Responde-lhe que sim. Dou-te um curso rápido sobre tudo o que precisares saber. Ainda te vamos tirar do sol escaldante.

Aconteceu noutra semana, quando já toda a gente dizia coisas como: «Vai ser bom passear na floresta qualquer dia. Imaginas aquelas árvores todas que havia dantes?», e: «Maldito sabão para água salgada!» quando nunca lhes ocorreu que era para «água salgada». O encarregado veio ter comigo e oportuno perguntou:

— Groby! Sabes alguma coisa de química de nutrientes?

— É curioso que me faça essa pergunta — respondi. — Estudei bastante sobre isso. Sei quais as proporções de enxofre-fósforo-carbono-oxigénio-hidrogénio-azoto para fazer a Chlorella sei quais as temperaturas

ideais e essas coisas assim.

E evidente que este pouco era muito mais do que ele conhecia. Resmungou um «sim?» e foi-se embora, impressionado.

Uma semana mais tarde toda a gente contava anedotas porcas sobre o truste da Starrzelius Verily e fui transferido para um lugar de oito horas diárias, dentro do edifício, observando manómetros e rodando válvulas que controlavam o fluido nutriente para os tanques da Chlorella. Era um trabalho mais leve e mais fácil. Passava o tempo debaixo da Galinhazita, conseguia passar através dela com o apito de Galton quase sem tremer, reescrevendo a extraordinariamente tola Folha de Contacto Um dos Consies:

PODE CANDIDATAR-SE
A UM A PROMOÇÃO DE TOPO?

Você e só você pode responder a estas importantes perguntas:

Se é um homem ou uma mulher inteligente, com visão do futuro e idade compreendida entre os 14 e os 50 anos...

Se tem a iniciativa e a ambição necessárias para enfrentar os GRANDES DESAFIOS que o amanhã trará...

Se lhe puder ser confiado, *absolutamente confiado,* o maior e mais esperançoso acontecimento dos nossos dias...

Se não se encontrar em condições de se levantar e gritar SIM! A *cada uma* destas perguntas, por favor, não leia mais!

Mas se *estiver,* então você e os seus amigos ou familiares podem entrar no *rés-do-chão* do...

E assim sucessivamente. Bowen ficou estupefacto.

— Não achas que esse apelo aos QI de nível superior é demasiado limitativo? — Perguntou ansioso.

Não lhe revelei que a única diferença entre isto e o apelo habitual para os trabalhadores da Classe 12 era que os da Classe 12 o recebiam auditivamente... Não sabiam ler. Disse-lhe que não achava. Ele acenou com a cabeça.

— És um publicitário nato, Groby — disse-me com ar solene. — Numa América Conservacionista serias um quadro superior. — Fui humilde como convinha. Ele continuou: — Não te posso reter aqui; tenho de te passar para um escalão superior. Não é justo desperdiçar o teu talento numa célula. Já enviei um relatório a teu respeito... — Gesticulou na direção do comunicador — e espero que sejas chamado. E de toda a justiça. Mas detesto ver-te partir. No entanto já estou a mexer os meus cordelinhos. Aqui tens o Manual de Compradores da Chlorella...

O meu coração bateu forte. Eu sabia que a Chlorella tinha contratos para matérias-primas com uma série de empresas de Nova Iorque.

— Obrigado — murmurei. — É meu desejo servir onde o puder fazer

melhor.

— Eu sei, Groby — disse lisonjeiro. — Ah... Uma coisa antes de ires embora. Isto não é oficial, George, mas... Bom, eu também escrevo umas coisinhas. Tenho algumas aqui, rascunhos, acho que é assim que lhes chamam, e ficava-te muito grato se os levasses contigo e...

Saí, por fim, com o manual e apenas catorze dos rascunhos de Bowen. Não passavam de gatafunhos grosseiros, sem qualquer tipo de apelo comercial que eu pudesse descortinar. Bowen assegurou-me que tinha muitos mais nos quais ele e eu podíamos trabalhar.

Ataquei o livro com determinação.

***

Rodar válvulas deixava-me sentir mais vivo ao fim do dia do que escumar e Bowen providenciava para que os meus trabalhos para a causa fossem os mais ligeiros possíveis... Para me deixar tempo livre para trabalhar nos seus «rascunhos». O resultado foi que, pela primeira vez, tive a disponibilidade para explorar o meu meio. Herrera levou-me com ele à cidade, uma vez, e eu fiquei a saber o que ele fazia naqueles fins de semana não mencionados. Os factos chocaram-me, mas não me repugnaram. Se alguma coisa me ocorreu, foi que o fosso existente entre o executivo e o consumidor não podia ser eliminado por algo tão abstrato e irreal como a «amizade».

Saindo daquele tubo pneumático antiquado para a chuva miudinha da Costa Rica, parámos, em primeiro lugar, num restaurante de terceira classe para comermos. Herrera insistiu em mandar vir uma batata para cada um e insistiu em que eu o deixasse pagar.

— Não, Jorge, digamos que é uma comemoração. Deixaste-me viver depois de eu te ter passado a folha de contacto, não deixaste? Portanto, vamos comemorar.

Herrera brilhou durante a refeição, uma fonte de conversa e brincadeira bilíngue. O brilhozinho nos olhos, a fluência forçada do discurso, a gargalhada fácil e desnecessária não pareciam outra coisa senão a alegria de um jovem num encontro com a namorada.

Um jovem com a namorada. Fez-me lembrar o meu primeiro encontro com a Kathy, naquela longa tarde em Central Park, passeando de mão dada pelos corredores a meia-luz, o salão de dança, aquela hora eterna em que estivemos à porta da casa dela...

Herrera chegou-se a mim e bateu-me no ombro, e eu reparei que ele e o criado se estavam a rir. Ri também, para disfarçar, e as suas gargalhadas aumentaram; era evidente que a piada fora a meu respeito.

— Deixa lá, Jorge — disse Herrera, recuperando a sua sisudez —, vamos embora agora. Vais gostar do que nos reservei a seguir, acho eu. —

Pagou a conta e o criado levantou uma sobrancelha.

— De volta?

— De volta — respondeu Herrera. — Vamos, Jorge.

Passámos por entre os balcões, com o criado à frente. Abriu a porta e disse qualquer coisa rápida em espanhol a Herrera.

— Oh, não te preocupes — respondeu-lhe Herrera. — Não nos demoramos.

«De volta» era afinal uma biblioteca.

Estava consciente de que Herrera me observava, e não me parece ter-lhe revelado o que quer que fosse do que sentia. Até fiquei com ele durante mais ou menos uma hora, enquanto devorava uma coisa chamada *Moby Dick* e eu dava uma vista de olhos por meia dúzia de revistas antigas. Alguns daqueles velhos clássicos aliviaram-me a consciência; havia mesmo um antigo «Dá Erros Destes em Inglês?» e um ótimo «Não Tussa ao Pé dos Outros» que teria ficado bem na parede do meu escritório, na Torre Schocken. Mas não me podia descontrair na presença de tantos livros sem uma única palavra de publicidade. Não sou contra os prazeres solitários, desde que sirvam um objetivo útil. Mas a minha tolerância tem limites.

Acho que Herrera percebeu que eu mentia quando lhe disse que me doía a cabeça. Quando, muito mais tarde, chegou aos tombos à camarata, virei-me para o outro lado. Mal falámos depois disso.

Uma semana depois, após uma briga no refeitório, provocada pelo rumor de que os pastéis de fermento tinham serradura, fui chamado ao escritório principal.

Um executivo da secção de Pessoal recebeu-me depois de uma hora de espera.

— Groby?

— Sim, Sr. Milo.

— Notável recorde o teu. Absolutamente notável. Vejo que a tua escala de eficiência vai sempre a subir.

Era obra do Bowen. Ele tinha recordes. Ele levara cinco anos para se enfiar naquele lugar.

— Obrigado, Sr. Milo.

— De nada, tenho a certeza. Por acaso, hã, vamos ter uma vaga, dentro em pouco. Um dos nossos lá do Norte. O trabalho dele está a decair perigosamente.

Não era o seu trabalho... Era o fantasma do seu trabalho; o espectro no papel do seu trabalho; o espectro cuidadosamente salientado e enunciado por Bowen. Começava a gostar deste poder desproporcionado de que os Consies dispunham.

— Por acaso interessa-se por vendas, Groby?

— É curioso que me faça essa pergunta, Sr. Milo — disse com naturalidade. — Tive sempre um fraquinho por elas. Penso que me sairia bem nas vendas.

Olhou-me cético; era uma resposta típica. Começou a bombardear-me com perguntas e eu, respeitosamente, ripostava com respostas do manual da Chlorella. Ele decorara-o há vinte e tal anos atrás e eu decorara-o apenas há uma semana. Não era parceiro à minha altura. Uma hora depois estava convencido de que George Groby era a única esperança das proteínas Chlorella e de que eu devia ser colocado imediatamente no lugar.

Nessa noite, na célula, contei o que se passara.

— Isso significa que vais para Nova Iorque — afirmou Bowen sem qualquer dúvida. — Isso significa Nova Iorque. — Não pude evitar um grande suspiro. Kathy, pensei. Ele continuou precipitadamente: — Agora, tenho de te contar alguns pormenores. Para começar... Os sinais de reconhecimento.

Aprendi os sinais de reconhecimento. Havia um sinal manual para curta distância. Um acentuado sinal para média distância. Para longa distância havia um código de anúncio de jornal; bastante bom. Fez-me praticar os sinais e memorizar o código. Levámos até de manhã. Quando íamos a sair atravessando a Galinhazita, lembrei-me de que não vira Herrera durante todo o dia. Enquanto subíamos, perguntei o que se passara.

— Pifou — respondeu Bowen, simplesmente.

Eu não retorqui. Era o tipo de conversa estenográfica entre Consies. «Fulano de Tal pifou» significava que: «Fulano de Tal lutou anos a fio pela causa da A. M. C. Privava-se do seu dinheiro e dos poucos prazeres que este lhe poderia comprar. Não casava e não ia para a cama com mulheres porque isso poderia fazer perigar a sua segurança. Deixava-se possuir por dúvidas tão secretas que não as admitia a si próprio nem a nós. As dúvidas e os receios amontoavam-se. Era pressionado de muitas maneiras, pressionava-se a ele próprio e morria.»

— O Herrera pifou — repeti estupidamente.

— Não penses nisso — disse Bowen friamente. — Vais para o Norte. Tens um trabalho a fazer.

E tinha mesmo.

x

Fui para Nova Iorque de uma forma quase respeitosa, com um fato barato de executivo, num foguetão turístico de terceira classe. Acima de mim, os respeitáveis consumidores costa-riquenhos soltavam exclamações de pasmo perante a vista das janelas prismáticas ou contavam ansiosos os tostões na expectativa de até onde estes poderiam levar na compra dos prazeres postos à disposição pelo colosso do Norte.

Cá em baixo éramos um bando mais pobre, mais rude, mas não se tratava exatamente de um porta-trabalhadores. Não tínhamos janelas, mas tínhamos luzes, máquinas de vendas e baldes. Um segurança fizera-nos um breve discurso antes de entrarmos:

— Vocês, seus serventes, vão para o Norte, para fora da jurisdição da Costa Rica. Vão para empregos melhores. Mas não se esqueçam de que não passam de *empregos.* Quero que todos e cada um de vocês se lembre de que estão vinculados à Chlorella e que o penhor da Chlorella sobre vocês é um direito prioritário. Se algum de vocês julga que pode rescindir o contrato, vai descobrir como a extradição por delito comercial pode ser rápida e habilidosa. E se algum de vocês pensa que pode desaparecer, sem mais nem menos, experimente. A Chlorella paga à Agência de Detetives Burns sete milhões por ano e a Burns entrega a mercadoria. Portanto, seus idiotas, se nos quiserem proporcionar um pouco de exercício ligeiro, façam favor; lá estaremos à vossa espera. Estão esclarecidos? — Estavam esclarecidos. — Certo, serventes. Entrem a bordo e boa sorte. Têm os vossos bilhetes. Deem cumprimentos meus à Broadway.

Aterraríamos em Montauk sem incidentes. Continuámos sentados no piso inferior à espera que os consumidores da classe de turismo saíssem com as bagagens. Depois continuámos sentados à espera enquanto os inspetores da Alfândega para a Alimentação, com as suas braçadeiras encarnadas e brancas da A & P, vociferavam com os assistentes de bordo acerca do excedente de rações... Quatro de nós tinham morrido durante a viagem e os assistentes, é

claro, tinham guardado as suas embalagens de Galinhazita, para venderem no mercado negro. E depois continuámos sentados à espera.

Por fim veio a ordem para que saíssemos em grupos de cinquenta. Alinhámo-nos e carimbaram-nos os pulsos com os vistos de entrada; marchámos em pequenos grupos para o metropolitano e seguimos para a cidade. Tive uma pontinha de sorte. O meu grupo calhou num compartimento de carga.

No Centro Coordenador de Trabalho fomos separados e classificados para os respectivos impedimentos. Pairou um certo receio quando se soube que a Chlorella vendera os contratos de vinte de nós à I. G. Farben, ninguém gosta de trabalhar nas minas de urânio, mas eu não me preocupei. O homem ao meu lado olhava seriamente os guardas a separarem os azarados vinte, do resto de nós.

— Tratam-nos como escravos — exclamou amargamente, puxando-me pela manga. — É um crime, não achas, pá? É uma violação da dignidade essencial do trabalho.

Fiz-lhe um olhar de reprovação. O homem era um consie, pura e simplesmente. Então lembrei-me de que também era consie, por enquanto. Considerei o recurso ao aperto de mão, mas recusei a ideia. Podia vir a ser-me útil, se precisasse de ajuda; mas se me revelasse prematuramente, ele podia chamar-me a *mim.*

Deslocámo-nos para as instalações da Chlorella nos subúrbios de Nyack.

***

Não queres, não despejes. Por baixo de Nova Iorque, assim como por baixo de qualquer cidade do mundo, a rede de esgotos originava uma série de combinações de coletores e sifões. Sabia, como qualquer cidade sabe, como os dejetos orgânicos de vinte e três milhões de pessoas circulavam misturados com a água pelo traçado venoso dos esgotos da cidade; como os sais eram neutralizados por meio da permuta iónica, o líquido residual canalizado para as plantações de soda em Long Island Sound, o lodo que era bombardeado para barcos-cisternas com destino à Chlorella. Tinha conhecimento do facto, mas nunca tinha visto.

O meu título era Expedidor Executivo, Classe 9. A minha função era acoplar os tubos flexíveis que canalizavam o lodo. Após o primeiro dia, estoirei o pagamento de uma semana em tampões antipoluição para o nariz; não filtravam totalmente o cheiro, mas permitiam que se vivesse no meio dele.

No terceiro dia, acabei o turno e fui logo tomar um duche. Já imaginara: depois de seis horas nos tanques, onde não havia máquinas de venda, pela simples razão de que seria inconcebível alguém comer, beber ou fumar o que quer que fosse naquela atmosfera, os desejos reprimidos dos

homens deixavam-nos entregues ao ciclo *Popsie-Crunchie-Starr* durante meia hora, antes que o primeiro se lembrasse de tomar um duche. Reprimido severamente o desejo, mais fraco em mim do que na maioria dos outros, porque tivera menos tempo para se instalar, consegui tomar duche quase sozinho. Quando chegava a multidão, *eu* passava para as máquinas de venda. Tratava-se de uma simples aplicação da inteligência, e se não for essa a diferença intelectual essencial entre o consumidor e o publicitário, então qual é? Claro que, como afirmei, os hábitos em mim não eram tão fortes.

Estava outro homem nos chuveiros, mas como éramos só dois, mal nos tocávamos. Passou-me o sabonete quando entrei; ensaboei-me e deixei a água escorrer pelo corpo com a máxima pressão dos acumuladores. Mal dava conta de que ele ali estava. Mas quando lhe devolvi o sabonete, senti o seu dedo médio tocar no meu pulso e o indicador enrolar-se no meu polegar.

— Oh — exclamei, estupidamente, retribuindo o aperto de mão. — É o meu con...

— Chiu! — Exclamou, gesticulando irritado para o microfone *Muzak* suspenso no teto. Voltou-me as costas e ensaboou-se meticulosamente mais uma vez.

Quando me devolveu o sabonete, este trazia um bocado de papel agarrado. No vestiário saquei-o e abri-o. Dizia: «Hoje é dia de saída. Vai ao Museu Metropolitano de Arte, Salão dos Clássicos. Está em frente à escultura Maidenform, exatamente cinco minutos antes da hora de fecho.»

Assim que me vesti, fui juntar-me à bicha, frente à secretária do supervisor. Em menos de meia hora tinha uma licença que me permitiria não comparecer à chamada de recolher. Voltei à camarata a buscar as minhas coisas, avisei o novo ocupante da cama de que o homem da cama de cima falava durante o sono, entreguei a mala na secção de abastecimento e apanhei o vaivém para Bronxville. Mudei para outro, mais para norte, andei uma estação, mudei para sul e saí junto à Torre Schocken. Ninguém parecia seguir-me. Não era que esperasse ser seguido, mas mais vale prevenir.

Faltavam cerca de quatro horas para o meu encontro no Met. Andei por ali, pela entrada, até que um polícia, olhando com desdém para o meu fato barato, se dirigiu a mim. Tinha esperança que a Hester, ou talvez mesmo Fowler Schocken, passassem por ali; não tive essa sorte. Vi muitas caras conhecidas, evidentemente, mas nenhuma em que tivesse a certeza de que podia confiar. E até descobrir o que estava por trás do logro no glaciar Starrzelius, não tinha intenção de revelar a qualquer um que afinal estava vivo.

O Pinkerton abordou-me com voz grave:

— Vens tratar de algum assunto com o pessoal da Schocken, servente? Se calhar, tens um grande negócio a propor-lhes?

— Desculpe — respondi e dirigi-me para a porta.

Não seria provável que se desse ao trabalho de me seguir por entre aquela multidão na entrada do edifício; não seguiu. Vagueei pela sala de

promoções, onde um grupo de consumidores assistia a uma breve história de amor da PregNot no *écran* e obtinha as suas amostras de *Coffiest e* passei-me para os elevadores de serviço.

— Octogésimo — disse ao operador, e de imediato me apercebi de que metera água. A voz do operador fez-se ouvir bruscamente pelo intercomunicador.

— Os elevadores de serviço só vão até ao septuagésimo andar. Está na Cabina Cinco. Que deseja?

— Moço de recados — menti tristemente. — Tenho de ir buscar uma encomenda ao escritório do Sr. Schocken. Eu disse-lhes que não me deixariam ir ao escritório do Sr. Schocken, um indivíduo como eu. Disse-lhes: «Olhem que ele deve ter, pelo menos, vinte e cinco secretárias com quem vou tentar falar antes de chegar até ele!» Disse...

— A secção de correspondência é no quadragésimo quinto — retorquiu o operador, um pouco menos brusco. — Ponha-se em frente à porta para que eu o possa ver.

Coloquei-me ao alcance da câmara. Não queria, mas não vi outra saída. Pareceu-me ouvir um ruído pelo intercomunicador, mas não tive a certeza. Nunca estivera na sala de comando dos elevadores, mil pés abaixo de mim, onde carregavam nos botões que mandavam as cabinas para cima e para baixo através dos dispositivos de tração; dava um ano de ordenado para poder espreitar lá para dentro naquela altura.

Ali fiquei durante meio minuto. Então o operador disse em tom descomprometido.

— Está bem. Pode chegar-se para trás. Quadragésimo quinto andar, primeira passadeira à esquerda.

Os outros passageiros do elevador olharam-me sob o efeito negligente dos alcaloides do *Coffiest,* até eu sair. Subi para a passadeira do lado esquerdo, passei pela porta assinalada «Secção de Correspondência», e segui até ao fundo do corredor onde terminava a passadeira rolante. Demorei um pouco a encontrar as escadas, mas não me fez diferença. Precisava de tempo para praguejar. Não me atrevi a utilizar os elevadores novamente.

Já alguma vez subiu trinta e cinco lanços de escadas?

***

Para o fim a coisa tomou-se feia. Não era o facto de me doerem as pernas, ou de estar a perder tempo, do qual não tinha muito. Aproximava-se as dez horas e os consumidores cujas camas eram nas escadas começavam a chegar para passar a noite. Tive todo o cuidado possível, mas quase me envolvi à pancada no septuagésimo quarto andar, onde o homem do terceiro degrau tinha umas pernas mais compridas do que eu pensava.

Felizmente não havia gente a dormir acima do septuagésimo oitavo;

estava no sector dos executivos.

Fui-me escondendo ao longo dos corredores, plenamente consciente de que a primeira pessoa que me avistasse ou me reconheceria ou correria comigo. Pelos corredores andavam apenas funcionários, e nenhum que eu conhecesse bem; a sorte estava do meu lado.

Mas não o suficiente. O gabinete de Fowler Schocken estava fechado.

Esquivei-me para dentro do gabinete da sua secretária nº 3, onde não se encontrava ninguém, e assentei as ideias. Fowler costumava dar umas tacadas de golfe no clube de campo, após o trabalho. Já era bastante tarde para que ainda lá estivesse, mas também não perdia nada em arriscar... Eram apenas mais quatro andares até ao clube.

Decidi-me e fui até lá. O clube de campo é um ótimo espaço, e o mais agradável é que os direitos também são ótimos. Para além de sectores de golfe, do campo de tênis e de outras instalações desportivas, toda a extremidade do salão é composta por floresta... Mais de uma dúzia de belas imitações de árvores, e tem, pelo menos, vinte cabinas de diversão para leitura, filmes e outros prazeres do espectador.

Dois pares mistos jogavam golfe. Aproximei-me dos seus lugares o mais sub-repticiamente possível. Estavam concentrados nos seus botões e marcadores, comandando os bonecos-jogadores na zona do décimo segundo buraco. Li as pontuações no marcador, desiludido; estavam todos nos noventa e tais. Parasitas. Fowler Schocken fazia pontuações na ordem dos oitocentos em todo o campo. Não podia estar num grupo daqueles, e quando me aproximei vi que ambos os homens me eram estranhos.

Hesitei antes de me retirar, tentando decidir o que fazer em seguida. Schocken não se encontrava no clube. Eventualmente poderia estar numa das cabinas de diversão, mas não podia ir abrir as portas todas para ver; seria posto na rua assim que desse com uma ocupada, a menos que Deus me sorrisse e o ocupante fosse Fowler.

Um murmúrio da conversa dos golfistas prendeu-me a atenção. Uma das raparigas acabara de fazer um *putt* de dez centímetros para acabar o buraco; sorrindo contente ao ser felicitada pelos outros, chegou-se para a frente para puxar a alavanca que fazia regressar os bonecos ao ponto inicial e vi-lhe a cara por instantes. Era Hester, a minha secretária.

— O caso tornou-se muito mais simples. Não sabia o que estava Hester a fazer ali no clube de campo, mas sabia tudo o mais acerca dela. Retirei-me para um recanto junto à entrada dos lavabos das senhoras; esperei apenas dez minutos até ela aparecer.

***

Desmaiou, como é óbvio. Praguejei e levei-a para um recanto. Havia aí um sofá; deitei-a. Havia uma porta; fechei-a.

Pestanejou ao ver-me, quando recuperou os sentidos.

— Mitch — exclamou num tom entre o suspiro e o grito.

— Não morri — disse-lhe eu. — Alguém morreu e trocaram os corpos. Não sei quem são «eles»; mas não estou morto. Sim, sou mesmo eu. Mitchell Courtenay, o teu patrão, posso prová-lo. Por exemplo, lembras-te da festa do Natal do ano passado, em que estavas tão preocupada com...

— Deixe lá — exclamou precipitadamente. — Meu Deus, Mitch... Quero dizer, Sr. Courtenay.

— Mitch serve — retorqui. Larguei a mão que estivera a acariciar e ela endireitou-se para me ver melhor. — Escuta — disse eu —, estou vivo, sim senhor, mas estou numa situação um bocado esquisita. Tenho de entrar em contacto com o Fowler Schocken. Podes arranjar-me isso... Para já?

— Hã. — Engoliu em seco e procurou um cigarro, recompondo-se. Eu, automaticamente tirei um *Starr.* — Hã, não, Mitch. O Sr. Schocken está na Lua. É um grande segredo, mas acho que lho posso contar. Tem a ver com o Projeto Vénus. Depois de o senhor ter morrido... Bem, percebe o que eu quero dizer... Depois disso do senhor, quando ele entregou o projeto ao Sr. Runstead e as coisas começaram a correr mal, decidiu tomar, ele próprio, conta de todos os assuntos. Dei-lhe todos os seus apontamentos. Num deles dizia qualquer coisa sobre a Lua, parece-me; de qualquer forma, partiu há uns dias.

— Bolas! — Exclamei. — Bom, quem deixou ele a substituí-lo? Harvey Bruner? Podes chamá...

Hester abanava a cabeça.

— Não, não é o Sr. Bruner, Mitch. É o Sr. Runstead. O Sr. Schocken teve de partir tão à pressa, que não havia ninguém disponível para o substituir a não ser o Sr. Runstead. Mas posso telefonar-lhe imediatamente.

— Não — retorqui. Olhei para o relógio e resmunguei. Já só tinha tempo para ir para o Met. — Olha — disse-lhe. — Tenho de me ir embora. Não digas nada a *ninguém.,* está bem? Vou pensar em qualquer coisa e depois telefono-te. Vejamos, quando telefonar digo que sou... Como se chama o médico da tua mãe? O Dr. Gallant. E arranjarei maneira de me encontrar contigo e de te dizer o que vamos fazer. Posso contar contigo, não posso, Hester?

— Claro, Mitch — respondeu ansiosa.

— Ótimo — retorqui. — Agora tens de me levar para baixo no elevador. Não tenho tempo para ir a pé e estou tramado se for apanhado no andar do clube. — Parei e olhei-a de cima a baixo. — A propósito — afirmei —, que estás tu aqui a fazer?

Hester corou.

— Oh, o senhor sabe como é — disse com ar triste. — Depois de se ter ido embora deixou de haver trabalho de secretariado; os outros executivos tinham as suas raparigas, e eu não podia voltar a ser uma consumidora, Mitch, com as contas para pagar e tudo o mais. E, bem, abriu aqui esta vaga,

percebe...

— Oh — exclamei.

Espero que não se tenha notado na minha expressão; Deus sabe como tentei. Raios te partam, Runstead, disse para comigo, pensando na mãe e no namorado de Hester, com quem poderia vir a casar, um dia, e na absoluta e nojenta injustiça de um homem como o Runstead, pondo e dispondo a seu bel-prazer, a destroçar a vida dos executivos... A minha, e as dos funcionários, a da Hester... E a rebaixá-los até ao nível dos consumidores.

— Não te preocupes, Hester — afirmei afetuosamente. — Fico a dever-te um favor por isto. E podes crer que não precisarás de mo lembrar. Recompensar-te-ei por tudo.

E sabia como fazê-lo. Muitas das raparigas, com contrato ZZ conseguiam evitar a renovação e despromoção automática anual. Sair-me-ia muito dispendioso comprar o contrato dela antes de terminar o ano, portanto, isso estava fora de questão; mas algumas raparigas saem-se bastante bem com executivos solteiros, após o primeiro ano. E eu tinha influência bastante para que, se fizesse a sugestão a um chefe de delegação ou a um chefe de escritório, ele não a ignorasse, nem tratasse Hester mal.

Sou contra a intromissão de assuntos sentimentais nos negócios, mas como pode ver sou um autêntico perdido por isso em qualquer relação pessoal.

***

Hester insistiu em emprestar-me algum dinheiro; assim, cheguei ao Met com tempo de sobra, apanhando um táxi. Embora tenha pago adiantado ao motorista, este não se poupou a um comentário desagradável acerca do alto nível de alguns consumidores, quando saí; se não tivesse coisas mais importantes em que pensar, tinha-lhe dado uma lição, mesmo ali.

Tive sempre um fraquinho pelo Met. Não sou muito religioso, em parte, suponho, porque é um negócio da Taunton, mas há algo de grave e enobrecedor nas antigas obras de arte do Met, que me transmite uma sensação de paz e reverência. Disse que estava uns minutos adiantado. Passei esses minutos em silêncio, defronte do busto de George Washington Hill, e foi o momento em que me senti mais descontraído, desde aquela primeira tarde no Pólo Sul.

Precisamente cinco minutos antes da meia-noite, estava em frente à grande Maidenform do último período, número trinta e cinco do catálogo: «Sonhei que pescava no gelo só com o meu *soutien* Maidenform»... Quando me apercebi de alguém assobiando no corredor atrás de mim. As notas eram irrelevantes; a cadência formava um dos sinais de reconhecimento que se aprendera no esconderijo debaixo da Galinhazita.

Um dos guardas afastava-se. Ela olhou para mim por cima do ombro

e sorriu.

Para todos os efeitos, tratava-se de um engate casual. Demos o braço, e eu senti a pressão em código dos seus dedos no meu pulso: «N-Ã-O F-A-L-E-S Q-U-A-N-D-O E-U S-A-I-R V-A-I PARA O FUNDO DA SALA S-E-N-T-A-T-E E E-S-P-E-R-A.

Acenei com a cabeça. Ela levou-me até à porta de plástico, abriu-a e apontou lá para dentro. Entrei sozinho.

Havia dez ou quinze consumidores sentados em cadeiras de costas direitas, escutando um consumidor mais idoso com uma barbicha de professor. Encontrei um lugar no fundo da sala e sentei-me. Ninguém me prestou atenção em particular.

O conferencista abordou os pontos-alvo de um qualquer período pré-comercial, particularmente enfadonho. Ouvi com metade da atenção, tentando captar qualquer ponto de coincidência entre os variados tipos à minha volta. Todos eram consies, disso tinha quase a certeza... Senão, por que estaria eu ali? Mas o estigma básico, a marca superficial do fanatismo latente e que devia ser aparente, escapava-me. Eram todos consumidores com o aspecto atormentado inevitavelmente provocado pelos *hamburgers* de soja e pelos *Yeasties;* mas poderia passar por qualquer um deles na rua sem desconfiar de nada. Além disso... Estávamos em Nova Iorque e Bowen falara como se os consies que eu viria encontrar aqui ocupassem lugares destacados na hierarquia, os Trotskys e Tom Paines do movimento.

E esta era também uma coisa a ter em consideração. Quando saísse desta confusão, quando conseguisse falar com Fowler Schocken e esclarecesse a minha situação, poderia desmascarar toda esta conspiração, se jogasse as minhas cartas acertadamente. Observei com mais atenção as pessoas que estavam na sala, memorizando as suas feições. Não queria deixar de os reconhecer, da próxima vez que nos encontrássemos.

Deve ter havido qualquer sinal de que não me apercebi. O orador deteve-se quase a meio da frase, e um homenzinho anafado, com uma barbicha, levantou-se na primeira fila.

— Ora bem — disse num tom vulgar —, estamos cá todos, e não faz sentido perdermos mais tempo. Somos contra o desperdício; é por isso que estamos aqui. — Fez um riso abafado. — Nem barulho — avisou — nem nomes. Nesta reunião usaremos números; podem chamar-me «Um», a ti «Dois» — apontou para o homem no lugar do lado — e assim sucessivamente por filas até ao fundo da sala. Alguma dúvida? Muito bem, agora oiçam com atenção. Juntámos-vos aqui porque todos vocês são novos nesta zona. Estão nas altas esferas, agora. Este é o comando operacional mundial, aqui mesmo em Nova Iorque; não podem subir mais. Cada um de vocês foi escolhido por uma razão especial... Que sabem qual é. Todos vão receber missões aqui, esta noite. Mas antes de as conhecerem, quero salientar uma coisa. Vocês não me conhecem nem eu vos conheço; cada um de vocês recebeu completa instrução na célula de onde provém, mas por vezes os homens de campo entusiasmam-

se em demasia. Se se tiverem enganado a vosso respeito... Bem, sabem como são estas coisas, não é?

Houve um aceno de cabeças generalizado. Eu acenei também, mas preocupei-me particularmente em memorizar o gorducho da barbicha. Um a um, os números foram sendo chamados, e um a um os novos recrutas foram-se levantando, conferenciando brevemente com o barbichas e saindo aos pares e em trios, com destinos não revelados. Fui quase o último a ser chamado; além de mim, apenas continuava na sala uma rapariga muito jovem de cabelo laranja e um pouco estrábica.

— Muito bem, vocês dois — disse o homem da barbicha. — Vocês os dois vão formar uma equipa, portanto podem saber os vossos nomes. Groby, apresento-te a Corwin. O Groby é um gênero de publicitário. A Célia é uma artista.

— Tudo bem — exclamou ela acendendo um *Starr* na beata de outro, originando uma chama de fósforo. Um tipo perfeito de consumidor, não fora corrompida por estes fanáticos; reparei que mascava pastilha elástica, mesmo enquanto fumava cigarros uns atrás dos outros.

— Havemos de nos dar bem — disse eu em tom de aprovação.

— Hão de, com certeza — retorquiu o barbicha. — Têm de se dar bem. Percebes estas coisas, Groby. Para te darmos uma oportunidade de mostrares as tuas capacidades, temos de te dar a conhecer uma quantidade de material que não queremos ver publicado no jornal de amanhã. Se não obtiveres resultados positivo, Groby — disse, simpático —, estás a ver o problema que nos arranjas; teremos de te arranjar outra coisa qualquer.

Bateu com uma garrafinha cheia de um líquido incolor no tampo da mesa. O barulho agudo no tampo de alumínio não foi mais agudo do que a minha voz ao responder, «Sim, senhor», porque sabia o que as garrafinhas com líquido incolor provavelmente continham.

Acabou, no entanto, por não ser um grande problema. Passei três horas difíceis naquela pequena sala, até que chamei a atenção para o facto de que, se não voltasse para as instalações, faltaria à chamada matinal e seria um problema para o justificar. Então, deixaram-me ir embora.

Mas faltei, na mesma, à chamada matinal. Saí do Museu com uma perfeita alvorada de Primavera, sentindo-me, bem vistas as coisas, bastante satisfeito com a vida. Um vulto saiu da bruma, fitando-me face a face. Reconheci-lhe o rosto trocista como sendo o do taxista que me levara ao Museu. Exclamou vivamente:

— Olá, Sr. Courtenay.

E em seguida, o obelisco das traseiras do Museu, ou outra coisa muito parecida, caiu-me em cima da cabeça.

XI

—... Acordar dentro de poucos minutos — ouvi alguém dizer.

— Está preparado para a Hedy?

— *Deus do Céu, não!*

— Só estava a perguntar.

— Já devias saber. Primeiro dás-lhe anfetaminas, plasma, se calhar uma unidade reforçada de niacina. *Então fi*cam prontos para a Hedy. Ela não gosta quando eles começam a ter lapsos de memória. Fica de mau-humor.

Uma gargalhada nervosa e gelada.

Abri os olhos e exclamei:

— Graças a Deus!

Tanto quanto pude ver, havia um teto cinzento-cérebro, do tom que só é possível encontrar-se na sala dos pensadores de uma agência publicitária. Estava salvo, nos braços da Sociedade Fowler Schocken — ou estaria? Não reconheci o rosto que se debruçava sobre mim.

— Tão contente porquê, Courtenay? — Perguntou o rosto. — Não sabes onde estás?

Depois disto foi fácil adivinhar.

— Na Taunton — resmunguei.

— Acertaste.

Tentei mexer os braços e as pernas mas não reagiram. Não consegui perceber se era devido a drogas ou a uma bolsa de plástico.

— Escutem — afirmei com segurança. — Não sei que pensam vocês que estão a fazer, mas aconselho-os a pararem. Aparentemente trata-se de um rapto com fins negociais. Ou me libertam ou me matam. Se me matarem sem notificação apanham com a *cerebrina,* portanto, é evidente que não me vão matar. Acabam por me libertar, por isso sugiro que o façam agora.

— Matar-te, Courtenay? — Interrogou o rosto, num pasmo trocista. — Como é que íamos fazer isso? Tu já estás morto. Toda a gente sabe disso. Morreste no glaciar Starrzelius; não te lembras?

Tentei libertar-me novamente, em vão.

— Eles queimam-vos o cérebro — adverti. — Vocês são doidos? Quem é que quer que lhe queimem o cérebro?

O rosto afirmou, indiferente:

— Ficarias surpreendido. — E num aparte para outra pessoa: — Diz à Hedy que ele estará pronto em breve.

Umas mãos fizeram qualquer coisa, ouviu-se um estalido e ajudaram-me a sentar. O aperto nas articulações indicou-me que se tratava de uma bolsa de plástico e que eu escusava de me esforçar. Não ganhava nada em tentar libertar-me.

Soou uma campainha e disseram-me com rudeza:

— Cuidadinho com a língua, Courtenay. Vem aí o Sr. Taunton.

B. J. Taunton entrou, arrastando-se, bêbado. Tinha exatamente o mesmo aspecto com que sempre o vira de longe na mesa dos oradores, em centenas de banquetes: cara vermelha, grosseiro, cheio de roupa — e bêbado.

Interrogou-me, de pernas afastadas e mãos nas ancas, ligeiramente desequilibrado.

— Courtenay — disse. — Tiveste azar. Podias ter sido alguém, se não te tivesses juntado àquele vigarista dum filho da mãe do Schocken. Tiveste azar.

Era um bêbado, era uma vergonha para a profissão e era responsável por crimes uns atrás dos outros, mas eu não podia deixar de mostrar respeito por um empresário.

— Sr. Taunton — disse com serenidade —, deve ser um mal-entendido. Não houve qualquer provocação à Sociedade Taunton que justifique o assassínio comercial... Pois não?

— Não — respondeu por entre dentes e cambaleando um pouco. — Não no sentido em que a lei a considera provocação. Tudo o que o pulha do Schocken me fez foi roubar o meu trabalho, controlar os meus senadores, subornar as minhas testemunhas na comissão e *roubar-me Vénus!* — A sua voz tornara-se num grito abrupto. Em voz normal, continuou: — Não, não é provocação. Ele evitou cautelosamente matar qualquer dos meus funcionários. O sagaz Schocken; o ético Schocken; o maldito Schocken! — Entoou.

Os seus olhos vidrados fitaram-me:

— Estupor! — Exclamou. — De todos os truques baixos, sujos, antiéticos e baratos que já me fizeram o teu foi o pior. *Eu...* — Bateu no peito, pondo em risco, por momentos, o equilíbrio. — Eu idealizei uma forma de cometer um assassínio comercial seguro, e tu escondeste-te como um rato assustado. Fugiste como um coelho, cão.

— Sr. Taunton — afirmei desesperado —, garanto-lhe que não sei onde quer chegar. — Todos aqueles anos de embriaguez, pensei por momentos, acabaram por o afetar. As palavras que pronunciava só podiam vir de um cérebro encharcado.

Sentou-se descuidadamente; um dos seus homens correu a buscar

uma cadeira e num piscar de olhos ali estava o assento pronto a receber o seu grande traseiro. Com um gesto expansivo, B. J. Taunton disse-me:

— Courtenay, eu sou essencialmente um artista.

As palavras saíram-me automaticamente:

— Com certeza, Sr. ... — Quase disse «Schocken». Foi um reflexo bem condicionado. — Com certeza, Sr. Taunton — retorqui.

— Essencialmente — matutou —, essencialmente um artista. Um sonhador; um tecelão de visões. — Deu-me uma sensação sinistra de dupla visão. Parecia-me ver Fowler Schocken ali sentado em vez do seu rival, o homem que era contra tudo o que Fowler Schocken defendia. — Eu queria Vénus, Courtenay, e tê-lo-ei. Schocken roubou-mo e eu vou recuperá-lo. A gestão de Fowler Schocken do projeto Vénus vai tresandar para trás do sol-posto. Nenhum foguetão sob a gestão de Schocken será alguma vez lançado, nem que eu tenha de comprar todos os seus subordinados e matar todos os chefes de secção. Porque eu sou essencialmente um artista.

— Sr. Taunton — afirmei determinado —, o senhor não pode matar chefes de secção assim sem mais nem menos. Acaba por ser condenado. Queimam-lhe o cérebro com *cerebrina.* Não encontrará ninguém que corra esse risco por si. Ninguém quer vinte anos de inferno.

Respondeu, divagando:

— Arranjei um mecânico para te largar em cima o contentor do helicóptero, não arranjei? Arranjei um traste para te rebentar o apartamento, não arranjei? Infelizmente ambos falharam. E, em seguida, enganaste-nos com aquela fuga cobarde no glaciar.

Não me pronunciei. A fuga no glaciar não fora ideia minha. Só Deus sabia de quem fora aquela ideia de o Runstead me agredir, me fazer desmaiar e deixar outro corpo no meu lugar.

— Quase escapaste — divagou Taunton. — Se não fossem alguns humildes e leais servos, um taxista e pouco mais, nunca mais te apanhávamos. Mas eu tenho os meus instrumentos, Courtenay. Podiam ser melhores, podiam ser piores, mas é meu destino sonhar e tecer visões. A grandeza de um artista está na sua simplicidade, Courtenay. E vens dizer-me «Ninguém quer que lhe queimem o cérebro.» Isso é porque és medíocre. *Eu* digo: *«Descubram* quem queira que lhe queimem o cérebro e *usem-no.»* Isso é porque sou grandioso.

— Quer que lhe queimem o cérebro — repeti estupidamente. — Quer que lhe queimem o cérebro.

— Explica — mandou Taunton a um dos seus lacaios. — Quero que ele se convença sinceramente de que estamos a falar a sério.

Um dos homens disse-me friamente:

— É uma questão de população, Courtenay. Já ouviste falar de Albert Fish?

— Não.

— Foi um fenômeno dos primórdios; dos primeiros tempos da Idade da Razão, 1920 ou à volta disso. Albert Fish espetava agulhas nele próprio,

queimava-se com pedaços de algodão embebido em álcool, açoitava-se a si próprio, *gostava* disso. Havia de gostar que lhe queimassem o cérebro, aposto. Teriam sido vinte maravilhosos anos de tortura, sufoco, estrangulações e náuseas. Teria sido a realização do sonho de Albert Fish.

«Houve apenas um Albert Fish no seu tempo. São necessárias pressões e correntes de grande intensidade para produzir um Albert Fish. Seria disparatado esperar que surgisse mais do que um entre a escassa e disseminada população da altura, menos de três biliões. Com a nossa população atual, largamente mais numerosa, há por aí muitos Albert Fishes. Só temos de os descobrir. A nossa incomparável capacidade de pesquisa, aqui na Taunton, desencantou vários. Aparecem nos hospitais, por vezes em estado bastante grotesco. Trata-se de ansiosos e potenciais assassinos; aspiram aos prazeres do castigo. Um tipo como tu diz que não conseguimos contratar assassinos porque eles temem o castigo. Mas agora o Sr. Taunton diz que *podemos* contratar um assassino, se encontrarmos um que *goste* de ser castigado. E o mais engraçado no meio disto tudo é que os que gostam de ser maltratados são os que adoram maltratar os outros. Maltratar-te, por exemplo... A ti.

Havia uma verdade arrepiante naquelas palavras. A nossa geração deve habituar-se ao pasmo. As crônicas sobre heroísmo fantástico e incrível malvadez que invadem os noticiários; tive conhecimento, através de estudos, que os antigos não eram tão corajosos nem tão depravados. Esse facto intrigava-me. Temos gente como o Malone, que foi escavando calmamente os túneis durante seis anos e, de repente, num domingo de manhã, fez ir pelos ares o Red Bank de Nova Jérsia. Qualquer polícia de trânsito da Brink ter-lhe-ia deitado a mão.

Por outro lado, temos James Revere, herói da catástrofe da *Nuvem Branca.* Um assistente de bordo da classe turística, tímido e franzino, que salvara às costas setenta e seis passageiros, voltando sempre para o meio das chamas, com a carne queimada, às cegas, avançando às apalpadelas por entre destroços ao rubro, com as mãos em chaga. Era verdade. Desde que houvesse gente *suficiente,* encontrar-se-ia sempre quem pudesse fazer e fizesse o que quer que se lhe pedisse. Taunton era um artista. Pegara nesta verdade crua e simples e usara-a. Isso significava que eu de morto não passava. *Kathy,* pensei. *Minha Kathy.*

A voz grave de Taunton interrompeu as minhas reflexões.

— Estás a ver a ideia? — Perguntou. — O grande quadro? O tema, a mensagem, aquilo a que eu chamaria o suco é o facto de que vou recuperar Vénus. Agora, começando pelo princípio, fala-nos da Agência Schocken. Todos os segredos, as fraquezas, os poderosos e os outros, os empregados corruptos, as propriedades, os contactos em Washington, *tu* sabem.

Era um homem morto, sem nada a perder, pensei.

— Não — respondi.

Um dos homens de Taunton afirmou bruscamente:

— Estás pronto para a Hedy. — Levantou-se e saiu.

Taunton disse:

— Estudaste pré-história, Courtenay. Talvez o nome Gilles de Rais te diga alguma coisa. — Dizia e senti um aperto na cabeça como se se tratasse de um capacete de aço a encolher lentamente na cabeça. — Todas as gerações da pré-história juntas constituíam uma população estimada em cinco biliões de habitantes — divagou Taunton. — Todas as gerações da pré-história produziram apenas um Gilles de Rais, que talvez recordes como sendo o Barba-Azul. Hoje em dia temos vários à escolha. De entre todos os que poderia ter escolhido para me fazerem este trabalho especial, escolhi a Hedy. Já vais ver porquê.

A porta abriu-se, revelando uma rapariga pálida e adenoidal, com cabelo louro, escorrido. Tinha um sorriso idiota; os lábios era finos e lívidos. Numa das mãos segurava uma agulha de quinze centímetros com uma seringa de plástico.

Fitei-a nos olhos e comecei a gritar. Não consegui deixar de gritar até que a levaram e fecharam a porta. Estava destroçado.

— Taunton — suspirei, por fim. — Por favor...

Ele recostou-se confortavelmente e disse:

— Fala.

Tentei mas não fui capaz. A minha voz não reagia devidamente nem, tão-pouco, a minha memória. Não conseguia lembrar-me se a minha firma se chamava Fowler Schocken ou Schocken Fowler, por exemplo.

Taunton acabou por se levantar e disse:

— Vamos deixar-te descansar um bocado, Courtenay, para que te restabeleças. Até eu preciso de uma bebida. — Arrepiou-se sem querer e voltou a sorrir. — Não penses nisso — disse, e retirou-se cambaleante.

Dois dos homens levaram-me da sala de tratamento psicológico, através de um corredor, para um cubículo vazio com uma porta bastante sólida. Parecia ser de noite, no sector dos executivos. Não havia ninguém nos gabinetes por onde passámos, as luzes estavam reduzidas e apenas um guarda no corredor bocejava sentado à secretária.

Perguntei, inseguro:

— Podem tirar-me da bolsa? Daqui a bocado estou um nojo, se não me tirarem daqui.

— Não temos ordens nesse sentido — respondeu um deles sumariamente.

Bateram com a porta e fecharam-na. Rebolei-me pelo chão na tentativa de encontrar qualquer coisa pontiaguda para romper a película e me dar, ao menos, uma possibilidade de rasgar o plástico, mas não havia nada. Após incríveis contorcionismos e uma dúzia de quedas contundentes, concluí que nunca conseguiria pôr-me de pé. O manípulo da porta oferecia uma tênue réstia de esperança, mas bem podia estar a um milhão de quilômetros de distância.

Mitchell Courtenay, publicitário. Mitchell Courtenay, homem-chave do Departamento de Vénus. Mitchell Courtenay, pretenso destruidor dos Consies. Mitchell Courtenay, rebolando no chão de uma cela de escritórios da agência mais fútil e desonesta que alguma vez manchou o nome da nossa profissão, sem qualquer perspectiva que não seja a traição e, com um pouco de sorte, uma morte misericordiosa. Pelo menos, Kathy nunca viria a saber. Pensaria sempre que eu morrera como um louco no glaciar, às voltas com a unidade de energia, quando não tinha nada que...

O fecho da porta fez barulho. Vinham buscar-me.

Mas quando a porta se abriu, da minha perspectiva no chão, vi não uma floresta de pernas com calças, mas um único par de ancas, bem-feitas, vestidas de *nylon.*

— Amo-te — exclamou a voz estranha e mortiça de uma mulher. — Eles disseram-me que tinha de esperar, mas não pude. — Era Hedy. Trazia a sua seringa.

Tentei gritar por socorro, mas o meu peito parecia paralisado quando ela se ajoelhou junto a mim com os olhos brilhantes. A temperatura da sala pareceu descer dez graus. Colou os seus lábios lívidos aos meus; eram como ferro em brasa. E então pareceu-me que o lado esquerdo da minha face era despedaçado. Durou alguns segundos e transformou-se numa bruma ardente e num estado de inconsciência.

— Acorda — dizia a voz mortiça. — Eu quero-te. Acorda. — Um clarão incidiu sobre o meu cotovelo direito e dei um safanão com o braço. O braço mexeu-se...

Mexeu-se.

Os lábios lívidos voltaram a cair sobre os meus, de novo a seringa atacou o meu maxilar, procurando exatamente a saliência do trigémeo e encontrando-o. Lutei contra a bruma ardente que tentava engolir-me. O meu braço mexera-se. Ela perfurara a membrana da bolsa e eu podia agora rasgá-la. A seringa continuou à procura e, de certo modo, a dor foi canalisada para o meu braço direito. Com um safanão ficou livre.

Acho que lhe agarrei a parte de trás do pescoço e apertei.

Não tenho a certeza. Não quero ter a certeza. Mas, cinco minutos depois, ela e o seu amor já não importavam. Rasguei e arranquei o plástico que me envolvia e pus-me em pé, andando vagarosamente e lastimando-me pela rigidez dos músculos.

O guarda do corredor já não interessava. Se não acorrera aos meus gritos, já não acorreria a nada. Saí da sala e vi o guarda aparentemente a dormir, com a cabeça sobre a secretária. Quando me aproximei, vi uma pequena gota de sangue e soro coagulando na cavidade formada pelos dois tendões do seu pescoço contraído. Um golpe a trespassar a medula fora suficiente para Hedy. Pude confirmar que o seu conhecimento do sistema nervoso era completo.

O guarda tinha uma arma que eu, por momentos, hesitei em apanhar e

que acabei por rejeitar. Nos bolsos tinha alguns dólares que seriam bem mais úteis. Precipitei-me para as escadas. O relógio sobre a secretária marcava 06:05.

Já sabia como subir escadas. Agora aprendi a descê-las. Desde que o coração esteja em boa forma, pouca diferença há entre os dois casos. Calculei em trinta minutos, no meu estado, o tempo para descer as escadas do sector dos executivos até chegar às escadas apinhadas. Os primeiros bulícios insociáveis dos consumidores trabalhadores já se faziam sentir. Passei por meia dúzia de renhidas cenas de pugilato e uma de facada. Os ocupantes noturnos do Edifício Taunton eram uma cambada porca e mesquinha, a quem nunca seria concedido um degrau da Torre Schocken, mas tudo isso acabou por me favorecer. Não atraí qualquer tipo de atenção com a minha roupa imunda e ostentando um golpe recente na cara. Algumas raparigas até me assobiaram, mas mais nada. O tipo de gente que frequenta os edifícios velhos dos bairros pobres, como o R. C. A. e o Empire State, teriam dado cabo de mim se lhes atraísse a atenção.

Fiz um bom tempo. Deixei o edifício no meio de uma multidão comprimida que se precipitava pela porta fora para o vaivém que a levaria aos malditos empregos. Pareceu-me ver uns duros à paisana perscrutar a multidão, a partir das janelas do segundo andar, mas não olhei para cima e entrei na estação do vaivém.

Na cabina de trocos troquei todas as notas e fui à casa de banho.

— Um duche a meias, parceiro? — Perguntaram-me. Ansiava terrivelmente por um duche, e sozinho, mas não me atrevi a comprometer os costumes de empregado de escritório. Ela e eu metemos moedas para cinco minutos de água salgada, trinta segundos de água doce e sabonete. Dei comigo a esfregar continuamente a mão direita. Apercebi-me de que quando a água fria me batia na face esquerda a dor era estonteante.

A seguir ao duche, enfiei-me à força dentro de um vaivém e passei duas horas ziguezagueando pelo subsolo da cidade. A última paragem foi em Times Square, no coração da zona comercial. Era acima de tudo uma estação de mercadorias. Enquanto consumidores praguejando engatavam nas correias de tração caixas de proteínas endereçadas a diversos pontos da cidade, tentei, mais uma vez, telefonar a Kathy. Mais uma vez não estava ninguém em casa.

Apanhei Hester na Torre Schocken. Disse-lhe:

— Quero que levantes todo o dinheiro que puderes, pede emprestado, as tuas poupanças, compras-me um conjunto de roupa *Starrzelius* para mim e vais ter comigo, o mais depressa possível, ao local onde a tua mãe partiu a perna, há dois anos. O local exato, lembras-te.

— Mitch — exclamou. — Sim, lembro-me. Mas o meu contrato...

— Não me faças implorar, Hester — pedi-lhe. — Confia em mim. Vemo-nos lá. Por amor de Deus, despacha-te. E... Se chegares aqui e eu estiver nas mãos dos guardas, finge que não me conheces. Agora, à ação.

Desliguei e continuei dentro da cabina telefônica até o utente seguinte

bater indignadamente na porta. Vagueei lentamente pela estação, tomei um *Coffiest,* comi uma sanduíche e aluguei um matutino na máquina dos jornais. A história a meu respeito constituía um pequeno artigo na página três de quatro possíveis: PROCURADO POR VIOLAÇÃO DE CONTRATO & FEMICÍDIO. Dizia que George Groby não regressara de licença ao seu emprego na Chlorella e utilizara o tempo livre para assaltar o sector dos executivos do Edifício Taunton. Matara uma secretária que o surpreendera e pusera-se em fuga.

Hester veio ter comigo meia hora mais tarde, através da plataforma de carregamento de onde, uma vez, um caixote partira uma perna à sua mãe. Parecia extremamente preocupada; do ponto de vista técnico legal era tão culpada de violação de contrato como «George Groby».

Peguei na caixa de roupas e perguntei-lhe:

— Tens mil e quinhentos dólares que me emprestes?

— A volta disso. A minha mãe ficou histérica...

— Marca-nos lugares na próxima nave para a Lua; hoje ainda, se possível. Vem ter comigo aqui; vou vestir estas roupas.

— Nós? A Lua? — Balbuciou.

— Sim, nós. Tenho De deixar a Terra antes que me matem. E desta vez é a sério.

XII

A minha Hester meteu mãos à obra e começou a fazer milagres.

Dez horas mais tarde resmungávamos lado a lado sob a aceleração da descolagem da nave lunar *David Ricardo.* Corajosamente, identificara-se como empregada da Schocken em viagem de trabalho à Lua e a mim como Groby, um analista de vendas 6. Naturalmente a operação de busca de Groby, grau de ação 9, não abrangera o espaçoporto de Astoria. Os trabalhadores menores, procurados por violação de contrato e femícidio, não teriam dinheiro para andar de foguetão, como é óbvio. Tivemos direito a um compartimento e à ração max. A *David Ricardo* estava construída de modo a que a maior parte dos passageiros tivessem compartimentos e rações max. Não se tratava de um passeio para curiosos ociosos nem para os desprivilegiados da população. A Lua destinava-se exclusivamente a negócios, negócios de exploração de minas, e um pouco de paisagem. Os nossos companheiros de viagem, os que vimos na rampa, eram engenheiros com ar reservado, alguns operários na reduzida terceira classe e homens e mulheres podres de ricos que queriam poder dizer que já lá tinham estado.

Após a descolagem, Hester ficou histericamente contente, por momentos, e de repente quebrou. Soluçou no meu ombro, assustada com a responsabilidade do que fizera. Fora educada no seio de uma família com profunda moral e temente às vendas, e não se poderia esperar que cometesse o enorme crime comercial de violar um contrato sem sofrer um terrível choque emocional.

Lamuriava-se:

— Sr. Courtenay, Mitch, se ao menos eu tivesse a *certeza* de que o que fiz foi o correto! Bem sei que o senhor sempre foi bom para mim e sei que o senhor não faria nada de errado, mas estou tão assustada e confusa!

Sequei-lhe as lágrimas e tomei uma decisão.

— Vou contar-te tudo, Hester — afirmei. — Logo farás o teu juízo. O Taunton descobriu algo de terrível. Descobriu que há gente que não se

intimida perante a ameaça da *cerebrina* como castigo para um assassínio comercial não provocado. Pensa que o Sr. Schocken lhe tirou o projeto Vénus de forma desonesta e nada o impedirá de o reaver. Tentou matar-me pelo menos duas vezes. Eu pensava que o Sr. Runstead era um dos seus agentes com a missão de arruinar o empreendimento de Vénus sob a gestão da Schocken. Agora, não sei. O Sr. Runstead agrediu-me quando fui atrás dele no Pólo Sul, meteu-me no porta-trabalhadores com uma identidade falsa e deixou outro corpo no lugar do meu. E — afirmei cautelosamente — há consies metidos nisto.

Ela deixou escapar um pequeno grito.

— Não sei como eles atuam — continuei. — Mas já estive numa célula de consies...

— Se-se-senhor *Courtenay!*

— Estritamente como se não soubesse de nada — apressei-me a explicar. — Mandaram-me para a Chlorella Costa Rica e o único caminho para norte pareceu-me ser através da rede dos consies. Tinham uma célula na fábrica, aderi, pus o talento a funcionar e fui transferido para Nova Iorque. O resto já sabes.

Ela esperou um bom bocado e, em seguida, perguntou:

— Tem a certeza do que o que fazemos está correto?

Desejando desesperadamente que estivesse, afirmei com segurança:

— Com certeza, Hester.

Fez-me um sorriso furtivo.

— Vou buscar as nossas rações — disse, desapertando o cinto. — E melhor ficar aqui.

Quarenta horas mais tarde exclamei para Hester:

— O malvado do assistente de bordo está a ir longe de mais com o seu mercado negro! Olha para isto! — Mostrei-lhe o meu copo de água e a minha embalagem da ração. O selo fora claramente violado em ambas as embalagens e via-se nitidamente que já faltava água. — As rações max — continuei em tom de oratória — devem ser à prova de violação, mas isto é uma perfeita roubalheira. Como está a tua?

— Está na mesma — respondeu indiferente. — Não há nada a fazer. Não vamos comer já, Sr. Courtenay. — Fez uma tentativa nítida para se mostrar animada. — Há parceiro para o tênis?

— Está bem — resmunguei, e montámos o campo que requisitáramos na secção de recreio da nave. Ela era melhor do que eu no tênis, mas ganhei-lhe em *sets* limpos. A sua coordenação estava um bocado em baixo. Em vez de uma direita, cortava cruzado, quando não falhava totalmente a bola; isto se não atirasse a bola para a rede por não dar força suficiente com a mão esquerda no reóstato. Meia hora de exercício pareceu fazer-nos bem a ambos. Ela ficou mais animada, comeu as suas rações e eu comi as minhas.

A partida de tênis antes das refeições tornou-se num hábito. Havia pouco para fazer no nosso espaço limitado. De oito em oito horas ela ia buscar

as rações que nos estavam reservadas, eu resmungava por causa da escassez e da adulteração das mesmas, jogávamos um pouco de tênis, e em seguida comíamos. O resto do tempo passávamo-lo de qualquer maneira, a ver os anúncios, todos da Schocken, nas paredes. Não está mal, pensei. O Schocken está na Lua e aí não me impedirão de o ver. As coisas não estavam assim tão apertadas. Da Lua para o Schocken, para a Kathy... Uma pontada sentimental. Podia ter perguntado casualmente a Hester o que sabia de Jack O'Shea, mas não perguntei. Tive receio de não gostar do que ela soubesse acerca daquele herói anão e do seu cortejo triunfal de cidade em cidade e de mulher em mulher.

Um monótono aviso de serviço interrompeu, por fim, o desfile de anúncios: COZINHEIROS À COZINHA (a *David Ricardo* era uma nave britânica, por isso usaram o calão britânico) PARA A ÚLTIMA REFEIÇÃO LÍQUIDA. ESTA É H-8 E MAIS NENHUM ALIMENTO SÓLIDO OU LÍQUIDO DEVERÁ SER CONSUMIDO ATÉ À ALUNAGEM.

Hester sorriu e lá foi com a nossa bandeja.

Como de costume demorou-se dez minutos. Já estávamos a receber alguma atração da Lua: a suficiente para desinquietar o meu estômago. Arrotei indisposto enquanto esperava.

Ela voltou com dois copos de *Coffiest* e repreendeu-me alegremente:

— Mitch, por que não montou o campo de tênis?

— Não me apeteceu. Vamos comer. — Estendi a mão para o meu copo. Ela não mo deu. — Então?

— Só um *set*?— Insistiu.

— Bolas rapariga, ouviste o que eu disse — ripostei. — Vamos a não esquecer quem manda aqui.

Creio que nunca teria dito isto se não fosse por causa do *Coffiest.* O copo vermelho-Starrzelius provocava-me, censurando os fantasmas dos sintomas de afastamento. Há muito que não tomava daquilo, mas uma pessoa nunca pode esquecer o *Coffiest.*

Ela retraiu-se.

— Desculpe, Sr. Courtenay. — E recostou-se violentamente na sua metade do assento, com uma expressão contraída. Espantado, agarrei-a. Estava sem força e branca como a cal; gemia de dor.

— Hester— exclamei —, que tens? Que...?

— Não beba — exclamou com dificuldade, com a mão apertando a barriga. — O *Coffiest.* Veneno. As rações. Provei-as. — As suas unhas rasgavam o *nylon* sobre o diafragma e depois a pele, ao contrair-se com a dor.

— Chamem um médico! — Gritei para o intercomunicador do compartimento — 'tá aqui uma mulher a morrer!

O assistente de bordo respondeu-me:

— E para já. O médico da nave vai já para aí.

O rosto contraído de Hester começou a descontrair-se, assustando-me terrivelmente. Exclamou, serena:

— Cabra de Kathy. Fugiu de ti. Mitch e a cabra. Tem piada. És bom de mais para ela. *Ela* não teria. Minha vida. Tua. — Outro espasmo percorreu-lhe o rosto. — Mulher contra secretária. Boa piada. Foi sempre. Nunca me beijaste, sequer...

Não tive oportunidade. Morreu e o médico da nave avançava precipitadamente ao longo do corrimão. Olhou para baixo. Arrastou-a para a sala de cuidados médicos e colocou-a num reanimador cardíaco, que lhe pôs o coração a bater novamente. O seu peito começou a subir e a descer e abriu os olhos.

— Onde... Está? — Perguntou o médico em voz alta. Ela mexeu ligeiramente a cabeça e um impulso de esperança percorreu-me o corpo.

— Reage? — Perguntei ao médico.

— Mal — respondeu com frieza profissional. Tinha razão. Fez mais movimentos ligeiros com a cabeça e um tremor nervoso das pestanas, que reagiam descoordenadas. Continuou a fazer perguntas. — Quem... É... Você? — Provocou uma ruga entre os olhos e um tremor do lábio, mas nada mais. Estava morta, para além de uma réstia de vida escassa e ambígua.

De forma suficientemente delicada, o médico começou a explicar-me:

— Vou desligá-lo. Não vale a pena pensar que há qualquer esperança. Como é óbvio, ocorrera morte clínica irreversível.

— É, muitas vezes, difícil uma pessoa com laços emocionais fortes acreditar...

Vi as pestanas dela tremerem, uma em compasso binário, outra em compasso temário.

— Desligue isso — exclamei com voz rouca. Com «isso» queria dizer Hester e não a máquina. Ele desligou a energia e retirou a agulha.

— Teve náuseas? — Perguntou. Confirmei. Era o primeiro voo espacial? — Confirmei. — Dores abdominais? — Confirmei. — Tensão prévia? — Neguei. — Precedentes de vertigens? — Confirmei, embora não soubesse. Estava a chegar a uma conclusão. Continuou a fazer perguntas e as respostas que queria eram tão óbvias como a carta forçada de um ilusionista. Alergias, hemorragias, dores de cabeça, menstruação dolorosa, cansaço ao fim do dia; por fim disse em jeito de conclusão: — Penso que se trata da Doença de Fleischman. Não sabemos muito acerca desta doença. Pensamos que é causada por um desarranjo de funções nos corpos adrenocorticotrópicos em ação livre. Provoca uma reação em cadeia de incompatibilidade de tecidos que afeta o fluído cerebrospinhal...

Olhou para mim e mudou de tom.

— Tenho um pouco de álcool no armário — disse. — É servido...

Peguei no copo e lembrei-me.

— Bebam comigo — convidei.

Ele aceitou e sem hesitar bebeu de um dos gargalos de uma garrafa dupla. Vi a sua maçã-de-adão mexer-se.

— Não muito — preveniu-me. — A alunagem é em breve.

Fiquei na conversa durante alguns minutos, olhando para ele, e acabei por beber um quartilho de uma bebida fortíssima. Mal consegui arrastar-me até ao compartimento.

***

Ressaca, dor, receio e a imagem ardente do desembarque na Lua. Devo ter-me portado de forma bastante ridícula. Por mais de uma vez ouvi elementos da tripulação dizerem ao pessoal do espaçoporto qualquer coisa como:

— Tenham paciência com ele. Perdeu a namorada durante o voo.

A atitude que tomei na sala de recepção apinhada dos intermináveis questionários foi a de afirmar que não sabia nada acerca da missão. Chamava-me Groby, era um 6, e a melhor coisa a fazer seria enviar-me a Fowler Schocken. Percebi que nos devíamos apresentar a ele. Ridicularizaram essa hipótese e mandaram-me sentar e esperar enquanto pediam esclarecimento à delegação da Schocken em Luna City.

Esperei, observei o que se passa à minha volta e tentei pensar. Não era fácil. A Recepção estava cheia de gente ocupada que ia de um lado para o outro com tarefas específicas. Eu não me enquadrava na cena; não passava de um funcionário sem importância, vexado. Eles iam apanhar-me...

Um mostrador por cima de uma secretária, lá ao longe deu sinal e piscou. Com os olhos semifechados li: S-C-H-O-C-K-E-N P-A-R-A R-E-C-E-P-Ç-Ã-O N-E-N-H-U-M-A M-I-S-S-Ã-O N-E-S-T-E V-O-O N-E-N-H-U-M G-R-O-B-Y D-A F-O-W-L-L-E-R S-C-H-O-C-K-E-N M-A-S I-M-P-O-S-S-Í-V-E-L P-E-S-S-O-A-L A-B-A-I-X-O DE Q-U-A-D-R-O S-U-P-E-R-I-O-R A-P-R-E-S-E-N-T-A-R-S-E A E-L-E A-G-I-R C-O-M D-I-S-C-R-I-Ç-Ã-O Ó-B-V-I-O N-Ã-O N-O-S-S-O H-O-M-E-M FIM.

Fim mesmo. Olharam-me da secretária e falaram em voz baixa. Iam fazer sinal aos guardas da Burns Detetives espalhados pela sala.

Levantei-me e misturei-me com a multidão, tendo apenas uma alternativa possível e, por sinal, assustadora. Fiz o gesto casual que pela sua ordem e tempo constitui o Grande Sinal de Aflição dos Consies.

Um guarda da Bums abriu caminho por entre a multidão e deitou-me a mão.

— Vais arranjar problemas? — Interrogou.

— Não — respondi com determinação. — Indique o caminho.

Acenou confiante para a secretária e eles acenaram também, sorrindo. Empurrou-me com o bastão nas costas por entre a multidão surpreendida. Sem reagir, deixei-o levar-me da recepção para uma rua comercial em forma de túnel.

RECORDAÇÕES DE LUNA
AS MAIS BARATAS DA CIDADE

A LOJINHA MAIS GOSTOSA DA LUA

FATOS LUNARES ALUGAM-SE
50 Anos Sem Uma Reclamação

COMPANHIA DE ALUGUER DE FATOS LUNARES
DE CONFIANÇA
73 Anos Sem Uma Reclamação

MODAS DONZELA DA LUA
Esplêndidos Excertos de Conversas
Prove Que Esteve Aqui

Warren Astron, Astrólogo
Leituras só por marcação

Piscavam e cintilavam nas fachadas das lojas, enquanto transeuntes acabados de chegar passeavam embasbacados.

— Para — ordenou o guardo. Parámos em frente do letreiro *'Warren Astron.* Murmurou: — Desvia-me o bastão. Bate-me com ele na cabeça. Dispara contra o candeeiro da rua. Safa-te para o Astron e faz-lhe o sinal. Boa sorte; e vê lá se não me partes a cabeça.

— Tu és... Tu és... — Gaguejei.

— Sou — respondeu de esguelha. — Quem me dera não ter visto o sinal. Isto vai custar-me dois galões e um aumento. Põe-te a mexer.

E pus-me. Deixou-me tirar-lhe o bastão e tentou não facilitar nem dificultar as coisas quando o agredi. O bastão disparou, estilhaçando o candeeiro por cima de nós e provocando gritos de aflição entre os transeuntes. Foi um estrondo no interior da rua. Precipitei-me para a porta do Astron, ornamentada com um Adão branco e casto, numa escuridão súbita, e pisquei o olho a um homem alto e magro com uma barbicha.

— Que significa isto? — Perguntou. — Só faço leituras com marcação... — Fiz-lhe o sinal, agarrando-lhe o braço. — Refugiado? — Interrogou-se num tom abruptamente inquieto e profissional.

— Sim. Depressa.

Levou-me para um pequeno observatório com uma cúpula transparente, um telescópio refrator, cartas estelares hindus, relógios e mesas. Levantou uma das mesas com força e encostou-a para trás. Havia um alçapão com corrimãos.

— Desça — ordenou.

Eu desci na escuridão.

Tinha cerca de um metro e oitenta de profundidade e seis por quatro de área. Tinha um aspecto grosseiro e inacabado. Havia uma pá e uma picareta encostadas à parede e dois baldes cheios de pedras lunares. Obviamente, um trabalho em desenvolvimento.

Virei um dos baldes ao contrário e sentei-me nele, às escuras. Após quinhentas e setenta e seis pulsações, sentei-me no chão e deixei de contar.

Quando já me doía o rabo, afastei as pedras em volta e deitei-me. Depois de ter percorrido o mesmo ciclo cinco vezes, ouvi vozes mesmo por cima. Uma era a voz espalhafatosa e profissional do Astron. A outra era a voz intensa e petulante de uma mulher anafada. Pareciam estar sentados à mesa que cobria o meu esconderijo.

—... Realmente parece-me demasiado caro, doutor.

Como a senhora desejar. E se me dá licença, vou voltar para as minhas efemérides...

— Mas, Dr. Astron, eu não queria dizer...

A senhora vai desculpar-me por tirar precipitadamente a conclusão de que não estava disposta a conceder-me os meus honorários habituais... O que está correto. Agora, se não se importa, a data e a hora de nascimento?

Ela murmurou-os e eu pensei, por momentos, nos problemas que Astron devia ter com as mulheres que tentavam esconder a idade.

— Então... Vénus na casa de Marte... Mercúrio ascendente em trígono.

— Que é isso? — Perguntou ela em esganiçada suspeita. — Conheço bastante da Grande Arte e nunca ouvi falar disso.

Maliciosamente:

— A senhora deve compreender que um observatório lunar possibilita muitas coisas das quais nunca ouviu falar. É possível através das observações lunares refinar a Grande Arte de uma forma considerada inatingível no tempo em que as observações eram feitas necessariamente através da atmosfera espessa e revolta da Terra.

— Oh, oh, com certeza. Já ouvi falar disso, é claro. Por favor, continue, Dr. Astron. Poderei espreitar pelo seu telescópio para avistar os meus planetas?

— Mais tarde, minha senhora. Portanto... Mercúrio ascendente em trígono, o planeta dos conflitos e da perdição, embora na casa de Júpiter, o dador da felicidade, assim...

A «leitura» demorou talvez meia hora, seguiram-se mais duas semelhantes e depois fez-se silêncio. Acabei mesmo por dormitar, até que uma voz me chamou. A mesa fora novamente encostada para trás e a cabeça de Astron apareceu em contra- luz na cobertura retangular.

— Saia — exclamou. — Durante doze horas não há problema.

Subi entorpecido e reparei que a cúpula do observatório fora tapada.

— Você é o Groby — afirmou.

— Sou — respondi, indiferente.

— Recebemos um relatório a seu respeito por mensageiro a bordo da *Ricardo.* Só Deus sabe o que você anda a tramar; é de mais para mim. — Reparei que ele tinha a mão no bolso. — Aparece na Chlorella, revela-se um publicitário nato, é transferido para Nova Iorque, raptam-no em frente ao Met, involuntária ou premeditadamente, mata uma rapariga e desaparece, e agora está na Lua. Só Deus sabe o que você anda a tramar. É de mais para mim. Um

membro do Comitê Central virá aqui, dentro em pouco, para falar consigo e o avaliar. Tem alguma coisa a dizer? Como, por exemplo, confessar que é um *agent provocateur!* Ou que sofre de uma psicose maníaco-depressiva?

Não respondi.

— Muito bem — concluiu. Algures uma porta abriu-se e fechou-se. — Deve ser ela — adiantou.

E a minha mulher, Kathy, entrou no observatório.

XIII

— Mitch! — Exclamou, pasmada. — Meu Deus, Mitch. — Deu umas gargalhadas roçando a histeria. — Não podias esperar, pois não? Não podias ficar quieto.

O astrólogo tirou uma pistola do bolso e perguntou-lhe:

— Há algum?...

— Não, Warren. Não faz mal. Eu conheço-o. Pode deixar-nos a sós. Se não se importa.

Deixou-nos a sós. Kathy deixou-se cair em cima de uma cadeira, a tremer. Eu não me conseguia mexer. A minha mulher era uma destacada consie. Pensara que a conhecia mas enganara-me. Ela mentira-me permanentemente e eu nunca desconfiara.

— Não dizes nada? — Perguntei com frieza.

— Ela controlou-se nitidamente.

— Chocado? — Perguntou. — Tu, um publicitário, quadro superior, casado com uma consie? Tens medo que se venha a saber e te estrague a tua imagem de homem de negócios? — Forçou um sorriso trocista, que se desvaneceu quando a olhei nos olhos. — Bolas — irritou-se —, tudo o que te pedi, desde que tomei consciência das coisas, foi que saísses da minha vida e não voltasses. O meu maior erro foi impedir que o Taunton te matasse.

— Foste tu que mandaste o Runstead meter-me no porta-trabalhadores?

— Desesperadamente. Por amor de Deus, que estás aqui a fazer? Que significam todos estes truques irracionais? Por que não me deixas? — Já estava a gritar.

Kathy uma consie. Runstead um consie. Decidindo o que seria melhor para o pobre do Mitch e pondo-o em prática. Deslocando-me para um lado e para o outro no tabuleiro.

— Peão come Rainha — exclamei, e levantei-a e dei-lhe uma bofetada. Os seus olhos perderam aquela intensidade acutilante, parecendo

meramente surpreendidos. — Vai chamar o não-sei-o-quê — ordenei.

— Mitch, que vais fazer? — Já parecia ela.

— Vai chamá-lo.

— Não me dás ordens...

— Tu! — Gritei. — Ó doutor feiticeiro!

Ele veio a correr, mesmo direito ao meu punho. Kathy, como uma fera, fincava-me as unhas nas costas, enquanto eu lhe revistava os bolsos. Tirei a arma, uma perigosa pistola automática *UHV .25,* e empurrei Kathy para o chão. Ela olhou-me espantada, esfregando automaticamente a anca dorida.

— És mesmo um reles filho da mãe — exclamou, surpreendida.

— Tudo isso e muito mais — concordei. — O Fowler Schocken sabe que estás na Lua?

— Não — respondeu, esfregando o polegar no indicador.

— Estás a mentir.

— Meu detectorzinho de mentiras — retorquiu, trocista. — Meu publicitariozinho comedor de fogo...

— Deixa-te de brincadeiras — ameacei — ou estoiro-te os miolos.

— Santo Deus — exclamou. — Estás a falar a sério! — Levou a mão lentamente à cara, fixando a pistola.

— Ainda bem que percebes. O Fowler Schocken sabe que estás na Lua?

— Não propriamente — respondeu sem tirar os olhos da pistola. — Aconselhou-me a fazer a viagem; para me ajudar a recompor-me da minha perda.

— Telefona-lhe. Trá-lo cá.

Não reagiu nem pegou no telefone.

— Escuta — disse-lhe. — E o Groby que te está a falar. O Groby foi pisado, esfaqueado, assaltado e raptado. Viu a única amiga que tinha no mundo ser envenenada há poucas horas atrás. Foi gozado por uma dama sádica que sabia as suas lições de anatomia. Matou-a por isso e ficou contente por isso. Está tão empenhado na Chlorella que nunca mais de lá sai. E procurado por femicídio e violação de contrato. A mulher por quem pensava estar apaixonado revelou-se uma fanática mentirosa e uma cabra. Groby não tem nada a perder. Posso fazer um buraco no teto e seremos todos sugados para o espaço. Posso sair daqui, ir entregar-me e contar tudo o que sei. Não vão acreditar em mim, mas investigam para ter a certeza e, mais cedo ou mais tarde, acabam por confirmar... Depois de me terem queimado o cérebro, mas isso não importa. Não tenho nada a perder.

— E — perguntou friamente — que tens a ganhar?

— Basta de conversas. Telefona ao Schocken.

— Não antes de tentar mais uma vez, Mitch. Uma palavra magoou-me especialmente: «fanática». Houve duas razões pelas quais pedi ao Runstead que te metesse no porta-trabalhadores. Queria-te fora do alcance dos

assassinos do Taunton. E queria que experimentasses a vida do consumidor. Pensei... Não sei. Pensei que verias como as coisas estão erradas. E difícil de ver quando se é quadro superior. É mais fácil de ver de baixo para cima. Pensei que conseguiria convencer-te, depois de te trazermos de regresso à vida, e que poderíamos trabalhar juntos na única coisa que vale a pena. Mas não resultou. Esse teu cérebro, tão bom e tão deformado. Tudo o que desejas é voltar a ser quadro superior e comer, beber e dormir um pouco melhor do que as outras pessoas. Lamento que não sejas também um fanático. És sempre o mesmo Mitch. Bem, eu tentei.

»Vá, faz o que achas que deves fazer. Não te preocupes se isso me magoa. Não há de magoar-me mais do que as noites que passámos a gritar um com o outro. Ou do que as vezes em que eu estava fora em trabalhos dos consies e não te podia contar e te via ficar com ciúmes. Ou do que mandar-te para a Chlorella para tentar fazer de ti um homem inteiramente são, apesar do que a publicidade te fez. Ou do que nunca ser capaz de te amar absolutamente, nunca ser capaz de me entregar a ti inteiramente, de corpo e alma, por causa deste segredo. Tenho sofrido. Um tiro de pistola é uma brincadeira comparado com o que tenho sofrido.

Fez uma pausa que parecia interminável.

— Telefona ao Schocken — disse, inseguro. — Diz-lhe que venha cá. Depois vai-te embora e leva o astrólogo contigo. Eu... Não sei o que lhe vou dizer. Mas vou dar-te, a ti e aos teus amigos, dois dias de tréguas. O tempo para mudarem de sítio e de sinais e de toda a vossa fantochada. Telefona ao Schocken e desaparece daqui. Não quero voltar a ver-te nunca mais.

Não consegui ver a sua expressão quando levantou o auscultador e marcou o número.

— Secretária 3 do Sr. Schocken, por favor — disse. — Fala a Dra. Nevin... Viúva do Sr. Courtenay. O meu nome está na lista de acesso, parece-me... Obrigada. Secretária 2 do Sr. Schocken, por favor. Fala a Dra. Nevin, viúva do Sr. Courtenay. Posso falar com a secretária do Sr. Schocken? Estou na lista... Obrigada... Olá, menina Grice; fala a Dra. Nevin. Posso falar com o Sr. Schocken? Com certeza... obrigada... — Voltou-se para mim e disse: — Tenho que esperar uns momentos. Que se passaram em silêncio, e em seguida, continuou: — Está, Sr. Schocken... Bem, obrigada. Será que poderia vir falar comigo acerca de um assunto de importância... Profissional e pessoal... Quanto mais depressa melhor, creio... Rua Comercial Um, à saída da Recepção, no Dr. Astron... Não, nada disso. E só porque se trata de um ponto de encontro conveniente. Muito obrigada, Sr. Schocken.

Tirei-lhe o telefone e ainda ouvi a voz de Fowler Schocken:

— Muito bem, cara amiga. O mistério é intrigante. Até já.

Click. Ela era suficientemente esperta para ter improvisado um diálogo falso, mas não. Aquela voz era inconfundível.

As recordações que me trouxe das manhãs na Administração, com o seu brilho de uma conjugação dialética, horas atarefadas e gratificantes

concluídas com um «Bom trabalho!» e uma liderança perspicaz por entre as complicações da profissão, encheram-me de nostalgia. Estava quase em casa.

Em silêncio e com eficiência, Kathy carregava o corpo inerte do astrólogo. Sem uma palavra deixou o observatório. Uma porta abriu-se e fechou-se.

Pro diabo...

Passaram-se alguns minutos até que um jovial «ó de casa» se fez ouvir na voz de Fowler Schocken.

— Kathy! Está alguém em casa?

— Aqui dentro — respondi.

Dois dos nossos homens da Brink e Fowler Schocken entraram. Corou de perplexidade.

— Onde está... — Começou. E depois: — Você parece... *Tu és o Mitch!* — Abraçou-me e rodopiou comigo hilariante pela sala, enquanto os guardas ficavam de boca aberta. — Isso é partida que se faça a um velho? Como foi isso, rapaz? Onde está a Kathy? — Parou ofegante, mesmo na ausência de gravidade da Lua.

— Tenho andado a fazer uns trabalhos secretos — respondi. — Receio, que esteja metido em apuros. Pode chamar mais guardas? É que podemos ter de enfrentar os homens da Burns de Luna City. — Os nossos homens da Brink, que tinham um orgulho de artesão no seu trabalho, sorriram alegremente com a ideia.

— Com certeza, Mitch. Trate disso — ordenou ao sargento, que se dirigiu bem-disposto para o telefone. — Agora, que vem a ser tudo isto?

— Para já — expliquei —, digamos que foi uma viagem de trabalho que correu mal. Digamos que me despromovi temporária e voluntariamente para ter acesso à reação dos consumidores ao Departamento de Vénus; e que fui apanhado. Fowler, por favor, poupe-me a mais pormenores. Sinto-me mal. Com fome, cansado, assustado, sujo.

— Está bem, Mitch. Conhece a minha política. Descobre um bom valor, dá-lhe iniciativa e apoia-o até ao fim. Nunca me deixaste ficar mal, e Deus sabe como estou contente por te ver aqui outra vez. O Departamento pode servir-se de ti. Nada vai bem. Os índices estão abaixo do composto 3.77 para a América do Norte, quando deviam estar a 4.0 e a subir. E os espalhanços? Meu Deus! Estou aqui à procura de gente, sabias: uma pequena volta pela empresa de Luna City, minas lunares e outros empreendimentos para executivos com experiência espacial.

Era bom estar em casa.

— Quem está à frente do projeto? — Perguntei.

— Estou eu. Rodámos alguns administradores pelo lugar. Mas nenhum provou. Apesar das minhas outras funções, tive de assumir a chefia direta do Departamento de Vénus. Como *estou* contente por te ver.

— Runstead?

— Está a substituir-me, coitado. Que problema é esse em que estás

metido com os guardas? Onde está a Kathy?

— Por favor, mais tarde... Sou procurado por femicídio e violação de contrato na Terra. Aqui sou uma personagem suspeita sem visto de entrada. Além disso, resisti à prisão, agredi um guarda e causei danos em propriedade de Luna City.

Ele fez uma expressão grave.

— Sabes que não gosto de ouvir falar em violação de contrato — afirmou. — Suponho que havia alguma falha no contrato?

— Várias — assegurei-lhe.

Ficou mais descansado.

— Nesse caso pagamos as multas do resto das infrações e vamos com a violação de contrato até à Câmara do Comércio, se necessário for. Qual é a firma?

— Chlorella Costa Rica.

— Hmmm. Média dimensão, mas sólida. Boa gente, todos. É um prazer trabalhar com eles.

Não de baixo para cima, pensei, mas não disse.

— Tenho a certeza de que serão razoáveis. E se não forem, de qualquer forma, tenho no bolso a maioria da Câmara do Comércio. Tenho o direito de receber qualquer coisa em troca dos meus pagamentos, não é? — Deu-me um toque, ao de leve, nas costelas. O alívio que sentia ao libertar-se do Departamento de Vénus era bem evidente.

Uma dúzia dos nossos rapazes da Brink entraram.

— Devem chegar — disse Fowler Schocken, com um sorriso. — Tenente, os homens da Burns de Luna City podem tentar tirar-nos o Sr. Courtenay. E nós não queremos que isso aconteça, pois não?

— Não, senhor — respondeu o tenente, friamente.

— Então vamos embora.

Descemos a Rua Comercial Um, espantando alguns turistas noturnos. A Comercial Um ia dar à Residencial Um, Dois e Três e, em seguida, à Administrativos Um.

— Eh, tu! — Gritou um guarda isolado da Burns. Íamos mais ou menos à vontade. Obviamente nunca pensou que os homens da Brink fossem a minha escolta.

— Vai jogar ao berlinde, Palerma — retorquiu-lhe um sargento.

Ficou pálido, mas deu o alarme, e submergiu num amontoado de punhos e botas.

Patrulhas da Bums apareceram dos dois lados da rua em passo alargado. Caras espreitaram às portas. O chefe da nossa patrulha deu a voz: «Hup!», e os rapazes começaram a tirar canos, culatras, carregadores e dispositivos mecânicos de dentro dos uniformes. Trac-trac-trac-trac-trac, e apareceram duas metralhadoras pesadas montadas em tripés, prontas a cobrir os dois lados da rua. Os homens da Bums travaram atabalhoadamente, a muitos metros de nós, baloiçando os bastões com ar infeliz.

O nosso tenente perguntou:

— Qual vem a ser o problema, meus senhores?

Um deles respondeu:

— Esse homem é George Groby?

— Você é George Groby? — Perguntou-me o tenente.

— Não. Sou Mitchell Courtenay.

— Ouviu o que ele disse — respondeu o tenente. Os atiradores engatilharam as armas a um sinal do chefe de patrulha. Os dois estalidos ecoaram no interior da rua e os curiosos mais persistentes que espreitavam às portas desapareceram.

— Oh — exclamou o Burns em voz baixa. — Então está bem. Podem seguir. — Voltou-se para o resto dos seus homens. — Então? De que estão à espera, seus paspalhos? Não ouviram o que eu disse?

Retiraram-se e nós seguimos para a Administrativos Um, com as metralhadoras ao colo dos atiradores. A delegação de Luna City da Sociedade Fowler Schocken era no 75 da Administrativos Um e nós entrámos assobiando. Os atiradores montaram as metralhadoras à entrada.

Foi uma intervenção fantástica. Nunca vira nada assim. Fowler Schocken explicou-me enquanto me acompanhava ao centro motor da agência.

— É a lei da fronteira, Mitch. Uma coisa de que deves tomar nota. «O Equalizador», é como lhe chamam. O estatuto de um homem não tem grande importância aqui. Uma patrulha bem armada é a lei do lado de cima da estratosfera. E o regresso às situações primárias da vida, onde um homem é homem, não importa se o seu número da Segurança Social é alto ou baixo.

Passámos por uma porta.

— A sala de O'Shea — indicou-me. — Ainda não veio, como é evidente. O homenzinho anda por fora a recolher os louvores enquanto pode; e não vai ser por muito mais tempo. O único astronauta a descer em Vénus. Nós vamos tratar disso, não vamos, Mitch?

Entrámos para um cubículo e ele próprio baixou a cama.

— Vai-te entretendo com isto — disse, tirando um bloco de apontamentos do bolso interior do casaco. — São só uns rabiscos para tu analisares. Mando trazer-te qualquer coisa para comer e um pouco de Coffiest. Uma ou duas boas horas de trabalho e depois o sono profundo dos justos, hã?

— Sim, Sr. Schocken.

Sorriu e deixou-me, correndo a cortina. Olhei para os rabiscos, pasmado.

— Transportadores duplos de seis cores. Omitir voos anteriores falhados. Citar Learoyd, 1959, Holden, 1961, McGrill, 2002, e todos pioneiros heroicos supremo sacrifício, etc., etc. Não mencionar acidente Myers-White, 2010, nave explodiu visivelmente antes de sair da órbita da Lua. Tentar tirar M-W dos arquivos sobre LH & McG. Devem ser loiro, moreno & ruivo. Nave em fundo. Indefinida. Mulher ansiosa mas pioneiros

heroicos não interessados sua expressão. Instintos maliciosos indiferentes...

Previdentemente, havia lápis e papel na sala. Comecei a escrever com dificuldade:

— Éramos pessoas vulgares. Gostávamos da Terra e das coisas boas que nos oferecia. O cheiro matinal do *Coffiest...* A primeira fumadela de um *Starr...* A sensação de vestir um fato *Verily* novinho... O sorriso quente de uma rapariga com um alegre vestido de Primavera... Mas não eram suficientes. Havia lugares longínquos que tínhamos de ver, coisas que tínhamos de conhecer. O pequeno é Learoyd. Mil novecentos e cinquenta e nove. Eu sou Holden. Mil novecentos e sessenta e um. O ruivo de ombros largos é McGrill, dois mil e dois. Sim, estamos mortos. Mas vimos esses lugares recônditos e aprendemos o que tínhamos a aprender, antes de morrer. Não tenham pena de nós; fizemo-lo por vós. Os astrônomos de longos cabelos não faziam mais do que conjeturar acerca de Vénus. Gás venenoso, diziam. Ventos tão quentes que nos largariam fogo ao cabelo e tão forte que nos arrastariam pelo ar. Mas não tinham a certeza. Que se faz quando não se tem a certeza? Vai-se lá ver.

Um guarda entrou, trazendo sanduíches e *Coffiest.* Eu comia e bebia com uma mão, enquanto escrevia com outra.

— Tínhamos boas naves para aquele tempo. Transportavam-nos a nós e ao combustível suficiente para lá chegarmos. Não tinham era combustível suficiente para nos trazer de volta. Mas não tenham pena de nós; nós tínhamos de saber. Havia sempre a possibilidade de os cabelos compridos estarem enganados, de ser possível sairmos, respirar ar puro, nadar em águas frias... E, depois, produzir combustível para a viagem de regresso com as botas novas. Não; não foi assim que se passou. O que se passou foi que os cabelos compridos sabiam do seu trabalho. Learoyd não esteve com mais delongas; abriu a escotilha da cápsula e respirou o metano após ter feito o registo no diário de bordo. A minha cápsula era mais leve. O vento levantou-a no ar e destruiu-a... Comigo lá dentro. McGrill tinha rações e uma nave mais pesada. Pousou e escreveu durante uma semana e depois... Bem; concluímos facilmente após duas chamadas sem retomo. Levara cianeto consigo. Mas não tenham pena de nós. Fomos lá, vimos e, de certo modo, enviámos informações através do facto de nós próprios não regressarmos. Agora vocês, amigos, sabem o que fazer e como o fazer. Sabem que os cabelos compridos não estavam a adivinhar à toa. Vénus é uma dama matreira e vocês têm de levar o saber e o material para a dominar. Então ela tratar-vos-á bem. Quando nos encontrarem, a nós e às nossas cápsulas, não tenham pena de nós. Fizemo-lo por vós. Sabíamos que não nos iriam abandonar.

Estava novamente em casa.

XIV

— Por favor, Fowler — pedi. — Amanhã. Hoje não.

Olhou-me nos olhos.

— Vou também, Mitch — respondeu. — Nunca fiz de copiloto. — Demonstrou uma das capacidades que fizeram dele um patrão. Varreu da sua mente a curiosidade ardente acerca de onde eu estivera e do que andara a fazer. — É um bom texto — afirmou batendo na secretária com as folhas do meu trabalho da noite anterior. — Revês isto com O'Shea, está bem? Ele poderá dar-lhe mais alguma visão-sabor-cheiro-audição-sensação, se é que é possível. E faz as malas para regressares a bordo da *Vilfredo Pareto;* já me esquecia. Não tens malas para fazer. Aqui tens uns trocos e faz compras quando tiveres tempo. Leva uns rapazes contigo, é claro. O Equalizador; lembras-te? — Piscou-me o olho.

Fui à procura de O'Shea e encontrei-o enrolado como um gato em cima da sua enorme cama, no cubículo ao lado do meu. O homenzinho tinha um aspecto de arrasado quando se voltou na cama e me olhou vagamente.

— Mitch — disse inconsciente. — Outro maldito pesadelo.

— Jack — chamei, persuasivo. — Acorda, Jack.

Endireitou-se num salto e ficou a olhar para mim.

— Que vem a ser...? Olá, Mitch. Já me lembro. Disseram-me qualquer coisa quando cheguei, esta manhã. — Deixou cair a cabeça. — Estou a morrer — continuou com voz fraca. — Arranja-me qualquer coisa, se não te importas? O meu conselho no leito de morte: nunca sejas herói. És um tipo demasiado porreiro.

O anão tombou entorpecido, vacilando um pouco a cada batida do coração. Fui à cozinha e trouxe *Coffiest, Thiamax* e uma fatia de *Bredd.* A meio caminho, voltei para trás, fui ao bar e juntei duas medidas de *bourbon.*

O'Shea olhou para a bandeja e deu um soluço.

— Que raio é isso? — Exclamou em voz baixa, referindo-se ao *Coffiest,* ao *Thiamax* e ao *Bredd.* Engoliu o *bourbon* e arrepiou-se todo.

— Há muito que não te via, Jack — disse eu.

— Ooh — resmungou. — Era mesmo disto que eu estava a precisar. Por que será que os clichês juntam sempre mais qualquer coisa a uma ressaca? — Tentou pôr-se em pé, com os seus noventa centímetros de altura, mas caiu para trás em cima da cama, ficando com as pernas penduradas. — As minhas costas — exclamou. — Acho que vou entrar para um convento. Estou a viver em função da minha reputação e isso está a matar-me aos poucos. Ooh, aquela turista da Nova Escócia! Estamos na Primavera, não estamos? Achas que isso explica alguma coisa? Talvez tenha sangue de esquimó.

— Estamos no fim do Outono — emendei.

— OK. Talvez ela não tenha calendário... Passa-me o *Coffiest.* — Nem «Por favor». Nem «Obrigado». Apenas uma certeza fria de que bastava pedir e o mundo seria seu. Ele estava diferente.

— Achas que consegues fazer alguma coisa de manhã? — Perguntei com alguma aspereza.

— É possível — respondeu com indiferença. — Afinal isto é tudo do Schocken. Diz-me cá, que raio se passou contigo?

— Andei a investigar — respondi.

— Viste a Kathy? — Perguntou. — Tens ali uma bela rapariga, Mitch.

O seu sorriso bem podia ter lembrado cenas passadas. Só sei que não gostei; mesmo nada.

— Ainda bem que gostaste dela — afirmei, indiferente. — Aparece sempre que quiseres.

Bebeu sofregamente o *Coffiest* e disse, pousando-o com cuidado:

— A que «trabalho» te referias?

Mostrei-lhe o meu texto. Engoliu o *Thiamax* e começou a acalmar à medida que foi lendo.

— Tens isto tudo mal — disse por fim com desdém. — Não conheço assim tão bem estes Learoyd, Holden e McGrill, mas o diabo é que eles eram exploradores desinteressados. Não se é *puxado* para Vénus. É-se *empurrado.* — Sentou-se a cismar, de perna traçada.

— Vamos supor que foram puxados — insisti. — Caso estejas interessado, vamos tentar convencer as pessoas de que foram puxados. O que queremos de ti são as impressões que sentiste, para espalhar pelo texto. Como se estivesse na tua frente; como reagirias?

— Com náuseas — disse, enjoado. — Marcas-me um duche, Mitch? Dez minutos doce, 37 graus. Que se dane o preço. Tu também podes ser uma celebridade. Só tens de ter sorte como eu. — Baloiçava as pernas sentado na cama e contemplava os dedos, a quinze centímetros do chão. — Bem — suspirou —, é aproveitar enquanto vale a pena.

— Então e o meu texto? — Perguntei.

— Procura nos meus relatórios — respondeu. — Então e o meu duche?

— Procura o teu criado — retorqui e retirei-me em brasa.

No meu cubículo transmiti impressões ao texto durante algumas horas e, em seguida, chamei uma escolta para ir às compras. Não houve qualquer problema com a patrulha. Reparei que na montra do estabelecimento de Warren Astron se podia ler um aviso discreto:

O Dr. Astron Pede Desculpa
Aos Estimados Clientes
Mas Assuntos Imprevistos Exigiram
A Sua Presença Na Terra

Perguntei a um dos rapazes:

— A *Ricardo* já partiu?

— Há algumas horas, Sr. Courtenay. A próxima a sair é a *Pareto,* amanhã.

Portanto, já podia falar.

Portanto, contei toda a verdade a Fowler Schocken.

E Fowler Schocken não acreditou numa única palavra do que eu disse.

Foi suficientemente simpático para tentar não me magoar.

— Ninguém te está a censurar, Mitch — disse, generosamente. — Estiveste sob grande tensão. Acontece a todos nesta luta com a realidade. Não penses que estás sozinho, rapaz. Ajudo-te em tudo o que for preciso. Há alturas em que todos precisamos de... Ajuda. O meu psicanalista...

Parece-me que lhe gritei.

— Bom, bom — continuou igualmente generoso e compreensivo. — Só para passar o tempo; bem sei que os leigos não se devem pronunciar sobre a matéria, mas penso que sei alguma coisa sobre o assunto e posso discuti-la objetivamente; deixa-me tentar explicar...

— Explicar *isto?!* — Gritei, mostrando a tatuagem alterada do meu número da Segurança Social, mesmo debaixo do nariz dele.

— Por exemplo — respondeu com serenidade. — Faz parte do todo das tuas... Chamemos-lhes férias da realidade. Sofres-te um desdobramento psicológico. Afastaste-te de ti próprio. Assumiste uma nova identidade e escolheste logo uma o mais afastada possível do teu ser normal, trabalhador e imensamente competente. Escolheste a vida fácil e indolente de um escumador preguiçando ao sol tropical...

Nessa altura fiquei a saber quem estava fora da realidade.

— As tuas acusações horríveis contra Taunton são evidentes para, hã, uma pessoa com alguns conhecimentos dos nossos impulsos inconscientes. Fiquei contente por as teres referido. Isso significa que já estás a meio caminho do teu verdadeiro ego. Qual é o teu problema fulcral, o problema fulcral do verdadeiro Mitchell Courtenay, publicitário? Bater a oposição! Esmagar a concorrência! Destruí-la! A tua fantasia acerca da Taunton indica, hã, a uma pessoa minimamente informada que estás a lutar por regressar ao

verdadeiro Mitchell Courtenay, publicitário. Dissimulada em símbolos, obscurecida por atitudes ambivalentes, a fantasia Taunton é, todavia, clara. O teu encontro fictício com «Hedy» pode ser um exemplo textual!

— Bolas pra isto! — Gritei. — Olhe para o meu maxilar! Vê o buraco? Ainda me dói!

Ele limitou-se a sorrir e disse:

— Alegremo-nos por não teres magoado mais, Mitch. O Id, compreendes...

— Então e Kathy? — Perguntei rouco. — Então e todas as informações que eu lhe dei sobre os Consies? Os sinais, as senhas de encontro?

— Mitch — disse com ar sério —, como digo, não devia estar a intrometer-me, mas não são reais. A hostilidade sexual provocada pela dissociação da tua personalidade em «Groby» Courtenay identificou a tua mulher com um objeto temido e odiado, os Consies. E o «Groby» arranjou maneira de as tuas informações sobre os Consies serem inconformáveis e, logo, irrefutáveis. «Groby» arranjou maneira de tu, o *verdadeiro* tu, esconderes as «informações» imaginárias até que os Consies tivessem oportunidade de as alterar. «Groby» agia em defesa própria. Courtenay estava de volta e ele sabia-o; «Groby» sentiu-se ser «expulso». Muito bem; ele não tem pressa. Arranjou maneira de proporcionar o seu regresso...

— Eu não estou louco!

— O meu psicanalista...

— Tem de acreditar em mim!

— Estes conflitos do inconsciente...

— Estou a dizer-lhe que o Taunton tem assassinos!

— Sabes o que me convenceu, Mitch?

— Que foi? — Perguntei de forma áspera.

— A fantasia de uma célula consie implantada na Galinhazita. O simbolismo... — Corou um pouco —... Bem, é perfeitamente indubitável.

Cedi apenas num ponto:

— Ainda é costume fazerem-se as vontades aos loucos, Sr. Schocken?

— Tu *não* és louco, meu rapaz. Precisas é de... Ajuda; como muita...

— Vou ser mais direto. Era capaz de me fazer uma vontade?

— Com certeza — sorriu, fazendo-me a vontade.

— Arranje guarda-costas para si e também para mim. O Taunton tem assassinos; está bem, eu penso, ou o Groby pensa, ou o raio de um tipo qualquer pensa que o Taunton tem assassinos. Se me fizer a vontade ao ponto de arranjar guarda-costas para si e para mim, prometo não me pendurar nos candeeiros e não dizer disparates. Até vou ao seu psicanalista.

— Está bem — sorriu, fazendo-me a vontade.

Pobre Fowler. Quem o podia censurar? Todo o seu mundo era atacado pelas palavras que eu tinha para lhe dizer. A minha história era uma blasfêmia contra o Deus das Vendas. Ele não acreditava, nem acreditava que eu, o

verdadeiro eu, acreditasse. Como seria possível que o Mitchell Courtenay, publicitário estivesse ali, à sua frente, a fazer afirmações tão ameaçadoras como:

Os interesses dos produtores e dos consumidores não são os mesmos;

A maior parte do mundo é infeliz;

Os trabalhadores não arranjam automaticamente o trabalho que desempenham melhor;

Os empresários não fazem um jogo limpo, que respeite as regras;

Os Consies são equilibrados, inteligentes e bem organizados.

Representavam autênticas marteladas para ele, mas Fowler Schocken recuperava rapidamente. O martelo saltava logo e as marcas que deixava passavam depressa. Para tudo havia uma explicação e as Vendas eram infalíveis. Assim sendo, não era Mitchell Courtenay, publicitário, que estava ali a dizer-lhe aquelas coisas. Era, sim, o malvado e desenfreado Id de Mitchell Courtenay ou o diabólico «George Groby» ou outro qualquer; todos menos o Courtenay.

De um modo desdobrado, que teria feito as delícias de Fowler Schocken e do seu psicanalista, disse para comigo:

— Sabes, Mitch, estás a falar como um consie.

Respondi:

— E depois? E o que eu sou. É terrível.

— Bem — retorqui —, não sei bem. Talvez...

— Pois — conclui pensativo. — Talvez...

É axioma da minha profissão que as coisas só se tornam visíveis em contraste com o fundo. Como, por exemplo, as opiniões e atitudes de Fowler Schocken.

Faz-me a vontade, Fowler, pensei. *Arranja-me guarda-costas. Não quero voltar a incorrer numa fantasia ambivalente como a Hedy, nunca mais. O simbolismo pode ter sido óbvio, mas ela magoou-me a sério com a sua agulha simbólica.*

XV

Runstead não estava presente quando o nosso pequeno cortejo chegou ao sector dos executivos na Torre Schocken. Éramos o Fowler, eu, o Jack O'Shea, as secretárias... E a escolta armada que eu exigira.

A secretária de Runstead informou que ele fora lá abaixo e nós esperámos... Esperámos... Esperámos. Passada uma hora, adiantei que ele não deveria regressar. Passada outra hora chegou até nós a informação que fora encontrado um corpo esmagado no primeiro piso da Torre, dezenas de metros abaixo de nós. Foi extremamente difícil de identificar.

A secretária chorava histericamente e abriu o cofre e as gavetas de Runstead. Encontrámos, por acaso, um diário que registava os últimos meses da vida de Runstead. Misturadas com pormenores do seu trabalho, os seus amores, notas para campanhas futuras, apontamentos sobre restaurantes bons e diferentes, havia passagens que dizia: «Ele esteve cá outra vez, ontem à noite. Disse-me para insistir mais no apelo de choque. Mete-me medo... Diz que para a campanha da Starrzelius é preciso coragem. Mete-me um medo dos *diabos.* Compreende que nós costumássemos assustar toda a gente nos velhos tempos, quando ele era vivo... GWH outra vez, ontem à noite... *Vi-o à luz do dia,* pela primeira vez. Pulei e gritei mas ninguém deu por isso. Quem me dera que ele se fosse embora... Os dentes de GWH parecem maiores e mais aguçados, hoje. Tenho de pedir ajuda... Ele disse que eu não presto, que sou uma vergonha para a profissão...»

Em pouco tempo deduzimos que «ele» era o fantasma de George Washington Hill, patrono da nossa profissão, criador do comercial-musical, do valor-choque e sabe Deus que mais.

— Pobre coitado — exclamou Schocken, pálido. — Pobre coitado. Se, ao menos, eu soubesse. Se, ao menos, ele tivesse vindo ter comigo a tempo.

A última passagem dizia destroçadamente: «Disse-me que não presto. Eu sei que não presto. Indigno da profissão. Todos sabem isso. Vejo-o nas

suas caras. Toda a gente sabe. Ele disse-lhes. Maldito seja. Maldito seja mais os seus dentes. Maldito...»

— Pobre coitado — continuou Schocken, quase a chorar. Voltou-se para mim e disse: — Vês? As pressões da nossa profissão...

Claro que vi. Um diário prefabricado e uma mancha de protoplasma. Devem ter sido uns 90 quilos de Galinhazita e caírem lá em baixo no primeiro piso. Mas seria cansar-me em vão. Acenei com a cabeça sensatamente, para lhe fazer a vontade.

Voltei ao meu lugar, à frente do Departamento de Vénus. Visitei diariamente o psicanalista de Fowler. E conservei a minha escolta armada. Em sessões de tristeza dizia-me o velho:

— Tens de renunciar a esse símbolo. É tudo o que resta entre ti e a realidade, Mitch. O Dr. Lawer disse-me...

O Dr. Lawer dissera a Fowler Schocken aquilo que eu dissera ao Dr. Lawer. E este era o processo lento da minha «integração». Contratei um estudante de medicina para me elaborar uns traumas anteriores à suposição de que o meu tempo de consumidor fora uma fuga psicótica, e ele apresentou-me alguns resultados, magníficos. Tive de rejeitar alguns por não serem dignos do meu estatuto, mas havia-os em quantidade suficiente para fazer o Dr. Lawer deixar cair a caneta a todo o momento. Fomos analisando os traumas um a um, e eu nunca estivera tão embrenhado na minha vida.

Mas de uma coisa não desistiria; era de continuar a insistir em que a minha vida e a vida de Fowler Schocken corriam perigo.

Fowler e eu fomos ficando cada vez mais próximos, uma coisa em que eu já reparara. Ele pensava que me transformara. Tive vergonha de o continuar a enganar. Estava a ser muito bom para mim. Mas era uma questão de vida ou de morte. O resto não importava.

Até que, um dia, Fowler Schocken me disse educadamente:

— Mitch, acho que já chega de medidas heroicas. Não te peço que acabes com essa barreira entre ti e a realidade. Mas eu vou dispensar os *meus* guardas.

— Eles matam-no, Fowler! — Disse-lhe eu.

Abanou serenamente a cabeça.

— Vais ver. Não tenho medo.

Os argumentos não serviram de nada. Depois de uma curta conversa e baseado em princípios de sã psicologia, dirigiu-se ao tenente da sua escolta:

— Não vou precisar mais dos vossos serviços. Pode apresentar-se com os seus homens no Centro de Segurança das Instalações para novas funções. Agradeço-vos muito pela vossa lealdade e atenção nas patrulhas durante estas semanas.

O tenente fez continência, mas tanto ele como os seus homens não se mostravam muito contentes. De um trabalho fácil no sector dos executivos, iam passar para o patrulhamento da entrada do edifício, ou para rondas noturnas, ou escoltas de correio, ou serviços de mensageiro a horas terríveis.

Retiraram-se e eu sabia que Fowler Schocken tinha as horas contadas.

Nessa noite foi estrangulado a caminho de casa por um homem que matara o seu *chauffeur* e o substituíra ao volante do *Cadillac* de Fowler Schocken. O assassino, com aparência de atrasado mental, ofereceu resistência à prisão e foi espancado até à morte sem parar de rir. O seu número fora-lhe tirado; não foi possível identificá-lo.

***

Pode facilmente imaginar-se o trabalho que foi naqueles escritórios no dia seguinte. Realizou-se uma reunião da Administração em memória de Fowler Schocken e foram aprovadas conclusões lamentando o facto, que era uma vergonha, que uma profissão grandiosa nunca poderia esquecer, etc. Foram recebidas mensagens de condolências das outras agências, entre as quais a do Taunton. Alguns olhares caíram sobre mim quando amachuquei a mensagem da Taunton proferindo expressões nada convenientes. Rivalidade comercial, afinal de contas, resume-se a isto. Aqui todos somos cavalheiros, como é evidente. Uma luta renhida e honesta e que ganhe a melhor agência.

Mas nenhum membro da Administração se preocupava muito com isso. Pensavam todos numa única coisa: o bloco de ações votantes de Schocken.

A Sociedade Fowler Schocken estava capitalizada em 7×10^{12} megadólares, ações votantes com valor facial de M$20.1, num total de 7×10^{13} ações. Destas, $3.5 \times 10^{13} + 1$ ações eram transacionáveis apenas por empregados com contrato de trabalho AAAA ou superior; por outras palavras, quadros superiores. As restantes ações, por ordem da CEB, eram transacionadas no mercado público, de modo a conferir interesse público à Sociedade Fowler Schocken. Como de costume, o próprio Fowler, através de identidades fictícias, apoderara-se destas nas bolsas de valores obscuras onde tinham sido transacionadas.

Em seu nome estavam umas modestas 75×10^{13} ações, enquanto distribuía as outras com mão generosa. Eu próprio, relativamente novo apesar de ocupar, talvez, o segundo lugar na organização, acumulara, através de bonificações e créditos, apenas cerca de 0.857×10^{12} ações. O diretor mais bem colocado era provavelmente Harvey Bruner. Era o sócio mais antigo de Schocken e adquirira 0.83×10^{13} ações ao longo dos anos. (Nominalmente este valor dava-lhe vantagem em relação a Fowler; mas ele sabia, evidentemente, que, num caso de concorrência, as outras $3.5 \times 10^{13} + 1$ ações apareceriam em bloco a favor de Fowler, numa unanimidade misteriosa. Além disso era leal. Parecia ser ele o provável sucessor e alguns dos elementos mais ingênuos da Prospecção e do Desenvolvimento começavam já a lisonjeá-lo hipocritamente. Era um mouro de trabalho extremamente pouco criativo e extramente honesto. Sob o comando da sua mão pesada, a estrutura delicada

que era a Sociedade Fowler Schocken desintegrar-se-ia num ano.

Se isto fosse uma corrida, apostaria em Sillery, o chefe da Comunicação Social, para ficar com o bloco de Schocken, e a seguir, por ordem decrescente, apostaria em mim... E forte, bem forte. Era esta, obviamente, a opinião da maior parte deles, excetuando-se o enfatuado Bruner e um ou outro idiota. Via-se nitidamente. Sillery estava rodeado de uma respeitosa corte em miniatura que não se cansava de lhe lembrar algumas máximas de Fowler, tais como: «A Comunicação Social, meus senhores, é um fator básico-básico!» e: «A Comunicação Social para os cérebros e os textos para os talentosos!» Eu era, praticamente, um leproso ao fundo da mesa, com os meus guardas observando em silêncio o que se passava. Sillery olhou para eles e eu li-o como um livro: *«Isto* já dura há bastante tempo; vamos começar por acabar com essa extravagância.»

Por fim aconteceu o que estávamos à espera.

— Estão aqui os senhores do Departamento de Sucessões da Associação Americana de Arbitramento.

Eram do tipo funerário, como era tradição. Devido a embrutecimento natural ou precário sentido de humor, abstiveram-se dos sorrisinhos habituais enquanto Sillery fazia um peque no discurso de boas-vindas acerca do seu triste ofício e de como desejaria que nos conhecêssemos em circunstâncias mais alegres, e essas coisas.

Leram o testamento num murmúrio rápido e distribuíram cópias. A parte que li em primeiro lugar dizia: «Ao meu querido amigo e sócio Mitchell Courtenay lego o meu anel de carvalho com incrustações de marfim (número de inventário 56 987) e as minhas setenta e cinco ações na Bolsa dos Patrocinadores do Instituto para a Difusão do Conhecimento Psicanalítico, uma sociedade sem fins lucrativos de Nova Iorque, com a condição de que ele dedique os seus tempos livres à participação ativa nesta organização e à prossecução do seu nobre objetivo.» Bem, Mitch, disse para comigo, estás arrumado. Atirei a cópia para cima da mesa e recostei-me na cadeira para fazer um breve apanhado dos meus bens líquidos.

— Linhas ingratas, Sr. Courtenay — disse-me um sujeito simpático e corajoso da Prospecção, que eu mal conhecia. — O Sr. Sillery parece ter ficado contente.

Dei uma vista de olhos à parte que cabia a Sillery, no parágrafo um. Obviamente ficara com as ações pessoais de Fowler e com enormes blocos do Sindicato do Investimento Empresarial, da Sociedade Seguradora de Ações e de outras empresas.

O homem da Prospecção analisou a minha cópia do testamento.

— Se me permite que lhe diga, Sr. Courtenay — disse —, o velhote podia tê-lo tratado melhor. Nunca ouvi falar desta instituição e estou bastante familiarizado com o campo psicanalítico.

Pareceu-me ouvir o riso abafado de Fowler e endireitei-me prontamente

— O raio do velho! — Exclamei. Assentava como chave em fechadura, com o seu bizarro sentido de humor para lubrificar o movimento.

Sillery preparava-se para falar e num repente fez-se silêncio na sala da Administração.

O grande homem falou.

— Isto está um pouco apertado aqui dentro, meus senhores. Agradecia que alguém pedisse às pessoas que não pertencem à Administração que saíssem...

Levantei-me e disse:

— Poupo-te esse trabalho, Sillery. Vamos, rapazes. Sillery, eu sou capaz de voltar.

Eu e a minha guarda abandonámos a sala.

***

O Instituto para a Difusão do Conhecimento Psicanalítico, uma sociedade sem fins lucrativos de Nova Iorque, não passava de um velho apartamento de três divisões, na baixa, em Yonkers. Na sala de entrada, uma mulher estranha, já de idade, escrevia à máquina com dificuldade. Parecia tirada de um conto de Dickens. De um armário empenado pendiam cartazes sujos das moscas.

— Venho da Sociedade Fowler Schocken — disse-lhe.

Deu um salto.

— O senhor desculpe! Não dei por ter entrado. Como está o Sr. Schocken?

Contei-lhe como ele estava e ela desatou a chorar. Era um homem tão *bom,* contribuía tão *generosamente* para a Causa. Que haviam agora de fazer ela e o pobre do irmão? Pobre Schocken! Pobre dela! Pobre do irmão!

— Nem tudo está perdido — confortei-a. — Quem manda aqui?

Fungando, respondeu que o irmão estava no outro gabinete.

— Por favor, Sr. Courtenay, não lhe diga de repente. É tão melindroso e sensível...

Acalmei-a e entrei. O irmão ressonava, bêbado, deitado sobre a secretária. Acordei-o; olhou-me rameloso e cínico.

— Que que quer?

— Venho da Sociedade Fowler Schocken. Quero ver os vossos livros.

Abanou a cabeça enfaticamente.

— Não, senhor. Só o velho em pessoa é que pode ver os livros.

— Ele morreu — disse-lhe. — Tenho aqui o testamento. — Indiquei-lhe o parágrafo e a minha identificação.

— Bom — retorquiu. — Acabou-se a papa doce. Ou vai manter-nos cá a trabalhar? Está a ver o que diz aqui, Sr. Courtenay? Ele manda-o...

— Eu sei — acalmei-o. — Os livros, se faz favor.

Tirou-os de um vão por trás de uma parede lisa.

Escassas três horas de trabalho árduo à volta deles chegaram para ver que o Instituto existia exclusivamente para deter e votar 56% das ações de uma organização chamada Companhia Geral de Redução do Fosfato de Newark, de acordo com os caprichos de Fowler Schocken.

Saí e disse aos guardas:

— Vamos, rapazes. A próxima paragem é em Newark.

Não o aborreço com pormenores. A sequência manteve-se em linha reta durante três estádios e, em seguida, dividiu-se em duas. Uma das pistas terminou dois estádios mais à frente, na Companhia dos Corretores de Máquinas-Ferramentas Usadas de Francoforte, que detinha 32% das ações do «mercado público» da Sociedade Fowler Schocken. A outra pista bifurcava-se de novo no estádio seguinte e terminava eventualmente no Sindicato dos Concessionários e na Faculdade Waukegan de Cirurgia Dentária e Ortodontia, que detinham as restantes ações.

Duas semanas mais tarde, durante uma reunião da Administração, entrei na sala acompanhado dos meus guardas.

Sillery presidia aos trabalhos. Tinha um aspecto descomposto e fatigado, como se não dormisse há semanas, à procura de alguma coisa.

— Courtenay! — Resmungou. — Pensei que tinhas percebido que o regimento é para deixar lá fora!

Fiz um aceno de cabeça ao honesto e recatado velhote Harvey Bruner, a quem dera conhecimento das minhas investigações. Leal a Schocken, leal a mim, declamou:

— Sr. Presidente, proponho que os membros da Administração sejam autorizados a manter a presença do pessoal de segurança da companhia que lhes estiver adstrito, no número que entenderem necessário para a preservação da sua integridade física.

— Sou a favor, da proposta, Sr. Presidente — disse eu. — Tragam-nas, rapazes, se fazem favor.

Os guardas, de sorriso nos lábios, começaram a carregar caixas cheias de procurações a meu favor.

Os presentes foram ficando de olhos esbugalhados e boca aberta, à medida que a pilha ia aumentando. Levaram bastante tempo a contá-las e a autenticá-las. A votação final foi: a favor, 5.73×10^{13}; contra, 1.27×10^{13}. Todos os votos contra eram do Sillery e só do Sillery. Não houve abstenções. Os outros saltaram para o meu lado como gatos em chapa quente.

O velho e leal Harvey propôs que a presidência da reunião fosse transferida para mim, o que foi aprovado por unanimidade. Propôs que Sillery fosse demitido, as suas ações transacionadas pela firma ao valor facial e o seu valor depositado no fundo de bonificação. Aprovado por unanimidade. Depois, uma chicotada só para lhes fazer lembrar, propôs que um tal Thomas Heaterby, um novato da arte que lisonjeara escandalosamente Sillery, fosse despromovido da Administração e privado, sem compensação, do seu escasso

bloco de ações. Aprovado por unanimidade. Heaterby nem se atreveu a protestar. Mais vale uma pomba na mão do que duas a voar, terá pensado, contendo a sua ira.

Estava feito. Eu era presidente da Sociedade Fowler Schocken. E aprendera a desprezar tudo aquilo por que lutara.

— Atenção, atenção, Sr. Courtenay — disse a minha secretária. Carreguei no botão da GA. — Consie preso em Albany por denúncia da vizinhança. Faço a ligação?

— Bolas pra isto! — Explodi. — Quantas vezes será preciso dizer-te a mesma coisa? E claro que fazes a ligação. Por que raio não havias de fazer?

Ela retorquiu com voz trêmula:

— Peço desculpa, Sr. Courtenay; pensei que fosse um pouco longe...

— Então deixa de pensar. Trata do transporte.

Talvez não devesse ter sido tão duro com ela; mas queria encontrar a Kathy, nem que tivesse de virar de pernas para o ar todas as células de consies do país. Obrigara Kathy a esconder-se, com medo que a denunciasse; agora queria tê-la de volta.

Uma hora mais tarde estava na sede da Associação de Proteção Mútua do Norte. Era uma organização local que tinha muitos contratos na região, incluindo Albany. Foi o próprio presidente da administração que me veio receber e aos meus guardas ao elevador.

— É uma honra — gaguejou. — E mesmo uma grande honra, Sr. Courtenay; em que posso servi-lo?

— A minha secretária pediu-lhe para não interrogar o suspeito até eu chegar. Interrogou-o?

— Claro que não, Sr. Courtenay! Alguns dos funcionários podem ter apertado um pouco com ele, informalmente, mas está em muito bom estado.

— Quero vê-lo.

Indicou o caminho ansiosamente. Tinha esperança de encontrar uma palavra que lhe permitisse conseguir um contrato com a Sociedade Fowler Schocken, mas teve receio de falar.

O suspeito estava sentado num banco sob o foco habitual. Era um empregado de escritório, consumidor, à volta dos 30 anos. Tinha algumas escoriações na cara.

— Desliguem essa coisa — ordenei.

Um encarregado de cara quadrada disse:

— Mas nós costumamos... — Um dos meus guardas, sem desperdiçar palavras, afastou-o e desligou o foco.

— Não faz mal, Lombardo — disse o diretor, apressadamente. — Deves cooperar com estes senhores.

— Uma cadeira — exclamei, e sentei-me em frente do suspeito. Disse-lhe: — O meu nome é Courtenay. Qual é o teu?

Olhou-me com as pupilas a voltarem ao seu tamanho normal Fillmore — afirmou. — August Fillmore. Pode dizer-me a que se deve tudo isto?

— És suspeito de pertencer aos Consies.

Houve um sobressalto generalizado a todo o pessoal da APMN presente na sala. Eu estava a violar o princípio mais elementar da jurisprudência, informando o acusado da natureza do seu crime. Sabia disso tudo mas estive-me nas tintas.

— E absolutamente ridículo — respondeu Fillmore. — Sou um homem casado e respeitável, tenho oito filhos e espero outro. Mas quem vos contou um disparate desses?

— Diga-lhe quem foi — ordenei ao diretor.

Ficou a olhar para mim de olhos esbugalhados, sem querer acreditar no que ouvira.

— Sr. Courtenay — acabou por dizer —, com o devido respeito, não posso assumir a responsabilidade de mais uma coisa dessas! É um facto sem precedentes. Todo o conjunto de leis respeitantes aos direitos dos informadores...

— Eu assumo a responsabilidade. Quer que o faça por escrito?

— Não, não, não, não, não! Nada disso! Por favor, Sr. Courtenay, vejamos; eu dou-lhe o nome do informador, partindo do princípio de que o senhor tem conhecimento da lei e é uma pessoa idônea; e em seguida, abandono a sala.

— Faça como quiser que para mim está bem.

Sorriu conciliador e segredou-me ao ouvido:

— Uma tal Sra. Worley. As duas famílias partilham a mesma sala. Por favor, tenha cuidado, Sr. Courtenay.

— Obrigado — respondi.

Fez uma expressão tímida e retirou-se, nervoso, juntamente com os seus homens.

— Bem, Fillmore — disse para o suspeito —, ele diz que foi a Sra. Worley.

Começou a praguejar e mandei-o calar.

— Tenho mais que fazer — avisei. — Já sabes que não tens hipótese, é claro. Sabes o que diz Vogt sobre o conservacionismo?

O nome, aparentemente, não lhe disse nada.

— Quem é esse? — Perguntou indiferente.

— Deixa lá. Mudemos de assunto. Eu tenho muito dinheiro. Posso arranjar uma boa pensão para a tua família enquanto estiveres ausente, se colaborares e confessares que és um consie.

— Refletiu durante alguns momentos e em seguida respondeu:

— E claro que sou consie. E depois? Culpado ou inocente, estou arrumado, por que não admiti-lo?

— Se és um consie tão empenhado, supõe que eu te pedia para me citares algumas máximas de Osbome?

Ele nunca ouvira falar de Osborne, e lentamente começou a fingir:

— Bem, há aquela que começa: «O primeiro dever de um consie, ah,

é, é preparar-se para a revolta geral...» Não me lembro do resto, mas é assim que começa.

— Mais ou menos — retorqui. — Agora fala-me das reuniões da tua célula. Quem comparecia?

— Não os conheço pelo nome — afirmou com mais determinação. — Nós temos números. Há um tipo de cabelo preto, que é o chefe, e, ah...

Era uma representação notável. Só que certamente não tinha nada a ver com os heróis conservacionistas quase míticos, Vogt e Osborne, cujos livros eram de leitura obrigatória em todas as células, quando se conseguiam arranjar cópias.

Saímos.

Disse ao diretor, que andava ansiosamente de um lado para o outro no corredor:

— Não me parece que seja um consie.

Eu era presidente da Sociedade Fowler Schocken e ele não passava de diretor de uma mera estação policial local, mas isso já era muito. Aproximou-se e afirmou com dignidade:

— Nós aplicamos a justiça, Sr. Courtenay. E um dos princípios básicos e antigos é: «Mais vale que mil inocentes sofram injustamente do que deixar escapar um culpado.»

— Eu tenho conhecimento da máxima — retorqui. — Bom dia.

O cabo chamou-me ao ouvir nos auscultadores o sinal de prioridade e passou-me o telefone. Era a minha secretária na Torre Schocken, participando-me outra prisão, esta em Pile City Three, ao largo de Cape Cod.

Voámos para Pile City Three, que nesse dia flutuava sobre um mar extenso e vivo. Detesto as Pile Cities; como referi atrás, sofro de enjoos.

O suspeito era um criminoso profissional. Tentara o assalto a uma joalharia para roubar um tabuleiro cheio de alfinetes de carvalho e mogno, deixando um bilhete sinistro sobre a vingança dos Consies e sobre a sua iminente revolta, tomando o poder e matando todos os ricos. A intenção era desviar as suspeitas.

Era bastante estúpido.

A segurança da cidade estava a cargo da Burns, e eu tive uma conversa cautelosa com o chefe local. Admitiu, em primeiro lugar, que a maior parte das prisões de consies durante o último mês tinham sido como aquela. Anteriormente tinham desmantelado autênticas células consie à média, talvez, de uma por semana. Pensava que se trataria de um fenômeno sazonal.

Dali regressámos a Nova Iorque, onde outro consie fora apanhado. Vi-o e escutei a sua retórica durante alguns minutos. Era letrado em teoria consie e citava Vogt e Osbome à página. Afirmou também que fora escolhido por Deus para eliminar os inúteis da face da Terra-Mãe. Afirmou, ainda, como é evidente, que pertencia à organização, mas que morreria antes de revelar qualquer segredo. E eu sabia que assim seria, porque ele não conhecia nenhum. Os Consies não teriam aceitado ninguém tão inseguro, atuando em

grupos de três elementos com um a afundar-se facilmente.

Regressámos à Torre Schocken ao pôr-do-sol e a minha escolta foi rendida. Fora um dia terrível. Fora, no que respeitava aos resultados, uma cópia a papel químico de todos os dias que tinham passado desde que eu herdara a agência.

Estava marcada uma reunião. Não me apetecia comparecer, mas a minha consciência apoquentou-me ao pensar no orgulho e confiança que Fowler Schocken teria depositado em mim quando me legou a herança. Antes de me arrastar para a sala da Administração, fui confirmar um pormenor de que tratara no Departamento de Espionagem Comercial.

— Nada, Sr. Presidente — respondeu o meu homem. — Não há qualquer pista da sua... Dra. Nevin. O detector que tínhamos no homem da Chlorella extinguiu-se. Ah... Continuamos a tentar?

— Continuem a tentar — confirmei. — Se precisar de mais recursos ou de mais investigadores, não hesite. Faça um bom trabalho.

Jurou lealdade e desligou, provavelmente pensando que o patrão era um velho idiota, devaneando atrás da mulher, que nem sequer estava permanentemente casada com ele e que decidira desaparecer do mapa. O que ele fizera com os outros que eu pedira para localizar, não sabia. Só sabia que tinham desaparecido, os meus poucos contactos com os consies recrutados na Costa Rica, entre a escumalha de Nova Iorque e na Lua. Kathy nunca voltara ao seu apartamento nem ao hospital, Warren Astron nunca voltaria ao seu papa-curiosos na Comercial Um, os meus comparsas da Chlorella tinham desaparecido na selva; e assim sucessivamente, cada vez pior.

Reunião da Administração.

— Desculpem o atraso, meus senhores. Vou passar por cima da introdução. Charlie, como vão a Prospecção e o Desenvolvimento na questão de Vénus?

Levantou-se.

— Sr. Courtenay, meus senhores, humildemente penso poder afirmar que a Prospecção e o Desenvolvimento está a marcar pontos e que os meus rapazes são um prestígio para a Sociedade Fowler Schocken. Especificamente, dominámos o efeito de estufa. *Quantitativamente.* Experiências laboratoriais confirmaram as previsões do nosso competente departamento de físico-química e termodinâmica, baseadas em teorias e matemáticas. Um escudo de CO_2 à volta de Vénus, a quarenta mil pés, com uma espessura aproximada de 0.05 pés, será autossuficiente e autocontrolado e reduzirá as temperaturas à superfície cerca de cinco graus por ano, estabilizando entre vinte e vinte e cinco graus. Estamos agora a explorar as diversas formas de como este enorme volume de gás pode ser obtido e projetado a grande velocidade para a estratosfera de Vénus. Num sentido lato podemos descobrir o CO_2, ou fabricá-lo, ou ambas coisas. A minha opinião é que o descubramos. Há atividade vulcânica, mas a erupção superficial típica de Vénus parece ser NH_4 líquido comprimido pela gravidade em fendas até penetrar em formações mais

fracas através de falhas e rochas porosas, acabando por explodir no cimo. No entanto, estamos certos de que com uma perfuração profunda encontraríamos reservatórios consideráveis de CO2 líquido...

— Certos como? — Perguntei.

— Bastante certos, Sr. Courtenay — exclamou, mal conseguindo evitar o sorriso você-não-perceberia que os técnicos costumam fazer. — Uma análise da regra de fases dos relatórios de O'Shea...

Interrompi novamente.

— Arriscava ir para Vénus com base nessa certeza e ignorando outros fatores?

— Mas sem dúvida — exclamou, ligeiramente ofendido. — Quer que lhe apresente os pormenores técnicos?

— Não, obrigado, Charley. Continue assim.

— Hummm, portanto, neste momento estamos a abordar o efeito de estufa em dois aspectos. Estamos a elaborar um mapa do máximo de probabilidades para os locais dos furos e estamos a conceber uma máquina para perfuração em profundidade não assistida. A minha política de concepção contempla a economia, o funcionamento autônomo e o controlo remoto. Penso que é satisfatória.

— Bastante. Obrigado, Charlie. No entanto, há uma coisa. Se lá houver esse produto e em abundância, teremos outro problema. Se for *demasiado* abundante e fácil de obter, poderá ser praticável exportar O CO2 líquido de Vénus para a Terra, o que nós não desejamos de maneira nenhuma. O CO_2 existe em quantidade suficiente aqui e não ganharíamos nada em prejudicar os produtores da Terra. Temos de ter sempre em conta que Vénus irá custear o seu investimento com matérias-primas que escasseiam na Terra e que não irá competir em preços com o planeta-mãe. Ferro, sim. Nitratos ainda mais. Pagamos-lhes um bom preço por essas coisas para que eles continuem a comprar os produtos da Terra e continuem a fazer negócio com os bancos, as seguradoras e as transportadoras da Terra. Mas nunca nos devemos esquecer de que Vénus está lá para nós o explorarmos, para o virarmos do avesso. Charlie, quero que juntamente com a Contabilidade determine se a exploração dos lençóis subterrâneos de CO_2 possibilitará, alguma vez, a exportação de CO_2 de Vénus para Nova Iorque FOB a um preço competitivo. Em caso afirmativo, os teus planos atuais estão reprovados. Terás de obter o gás envolvente para o efeito de estufa fabricando-o de modo mais dispendioso.

— Certo, Sr. Courtenay — respondeu Charley, tomando apontamento à pressa.

— Muito bem. Mais alguém tem alguma coisa de especial sobre o programa de Vénus, antes de prosseguirmos?

Bernhard, o nosso fiscal de contas, levantou o braço e eu fiz-lhe um aceno de cabeça.

— É sobre o Sr. O'Shea — exclamou. — Estamos a pagar-lhe como consultor e uma verba bastante alta. Tenho feito umas perguntas... E espero

não me estar a intrometer, Sr. Courtenay, mas é o meu trabalho... Tenho feito umas perguntas e descobri que não tem prestado quaisquer serviços. Devo referir também que nas últimas semanas tem pedido adiantamentos significativos sobre os honorários. Se suspendêssemos, se cortássemos a nossa ligação com ele, ficava-nos a dever dinheiro. Além disso... Bem, isto é uma coisa trivial mas serve para dar uma ideia, as raparigas do meu departamento têm-se queixado de que ele as anda a importunar.

Subi as sobrancelhas.

— Penso que o devemos aguentar por uma questão de prestígio, Ben, embora a sua moda pareça estar a passar. Arranja-lhe uma desculpa qualquer acerca de eventuais novos adiantamentos. Quanto às raparigas... Bem, surpreende-me. Pensava que não se queixavam quando ele se metia com elas.

— Tem-no visto ultimamente? — Retorquiu Bernhard.

Não; apercebi-me de que não.

O resto da reunião correu depressa.

De regresso ao gabinete perguntei à minha secretária da noite se O'Shea se encontrava no edifício e, em caso afirmativo, que o mandasse chamar.

Entrou cheirando a álcool e a lamuriar-se em voz alta.

— Bolas, Mitch, é de mais! Só vim cá acima para engatar uma das miúdas para esta noite e apanhas-me logo. Não estarás a levar esta coisa de consultor demasiado a sério? Tens o meu nome para usar; que mais queres?

Tinha um aspecto terrível. Parecia uma miniatura do anafado, petulante e esfarrapado Napoleão I em Elba. Mas logo após ter entrado não consegui pensar em mais nada a não ser na Kathy. Levei algum tempo a despertar.

— Então? — Interrogou ele. — Para onde estás a olhar? Tenho o *bâton* torto?

O cheiro a álcool abafava um pouco, mas percebia-se: *Ménage à Deux, o* perfume que eu criara para Kathy e só para ela, quando estávamos em Paris, que ela adorava e às vezes punha em demasia. Ouvi-a dizer: «Não consigo evitar, querido; é tão mais agradável do que a formalina, que é ao que eu cheiro habitualmente depois de um dia no hospital...»

— Desculpa, Jack — disse serenamente. — Não sabia que era a tua noite de glória. Continua. Diverte-te.

Fez uns esgares e saiu, quase gingando em cima das pernas curtas.

Peguei no telefone e liguei para o meu homem na Espionagem Comercial.

— Mande seguir o O'Shea — ordenei. — Ele vai sair do edifício. Mande segui-lo a ele e a toda a gente com quem ele contactar. Dia e noite. Se acertar no que pretendo, você e os seus homens serão promovidos e gratificados. Mas Deus os livre de meterem água.

XVII

Andava de tal maneira que ninguém se atrevia a aproximar-se de mim. Não podia evitar. Vivia em função de uma única coisa: os relatórios diários dos seguidores de O'Shea. Qualquer outra coisa em que eu tentasse pegar maçava-me e irritava-me.

Passada uma semana, tinha vinte e quatro seguidores atrás de O'Shea e das pessoas com quem contactara. Criados de mesa, o seu agente, raparigas, um velho piloto de testes ao serviço em Astoria, um polícia com quem discutiu bêbado uma noite, mas estaria mesmo bêbado e seria mesmo uma discussão? E outras pessoas vulgares.

Uma noite, no meio da lista vinha: «Consumidor, sexo feminino, cerca de 30 anos, 1,65 m, 60 kg, ruiva, olhos não vistos, roupa barata. Sujeito entrou no Hash Heaven (restaurante) às 18.37 após esperar 14 minutos na rua e dirigiu-se de imediato à mesa onde era esperado pelo novo contacto em cuja mesa houve uma vaga. Conjectura: sujeito primariamente interessado na criada. Mandou vir um prato de carne, comeu muito pouco, trocou algumas palavras com contacto. Podem ter trocado bilhetes mas impossível confirmar à distância. Mulher ativa engatou o contacto.

Cerca de 30, um metro e sessenta e cinco, setenta. Podia ser. Telefonei a avisar:

— Atenção com essa. Mandem-me tudo o que houver de novo acerca dela. E se recolhessem mais informações no restaurante?

Da Espionagem Comercial explicaram embaraçados que se eu insistisse fariam isso, mas que não era boa técnica. Habitualmente a notícia chegava até à pessoa vigiada e...

— Está bem — retorqui. — Façam à vossa maneira.

— Um minuto, por favor, Sr. Courtenay. A nossa gente acabou de transmitir: o novo contacto dirigiu-se para casa, para o edifício Taunton. Tem os degraus 17-18 do trigésimo quinto andar.

— Que é o trigésimo quinto? — Perguntei, desanimado.

— É para casais.

— Ela está...?

— Está sozinha, Sr. Courtenay. A nossa agente fingiu estar interessada na vaga. Disseram-lhe que a senhora do 17 mantém o 18 para o marido que está a chegar. Está nas colheitas, lá para o Norte.

— A que horas fecham as escadas no Taunton? — Perguntei.

— Às 22.00, Sr. Courtenay.

Olhei para o relógio e disse aos guardas:

— Vou sair sem vocês, meus senhores. Façam o favor de esperar aqui. Tenente, pode emprestar-me a sua arma?

— Com certeza, Sr. Courtenay. — Passou-me uma *UHV.25.* Verifiquei o carregador e saí a pé, sozinho.

Assim que deixei a Torre Schocken, um jovem saiu da penumbra e seguiu-me. Despistei-o entrando na rua deserta, uma viela estreita e escura entre os enormes edifícios do centro da cidade. No ar livre pairavam densamente monóxido e névoa, mas eu tinha tampões antipoluição. Ele não. Ouvi-o respirar com dificuldade bastante atrás de mim. Um táxi passou casualmente por nós, com o taxista ofegante e todo esticado enquanto dava aos pedais.

Sem olhar para trás, dobrei a esquina da Torre Schocken e, de imediato, encostei-me à parede. O meu perseguidor seguiu e parou admirado, espreitando a escuridão.

Bati-lhe com o cano da pistola na nuca, numa pancada assassina, e segui. Provavelmente era um dos meus próprios homens; mas eu não queria a companhia de ninguém.

Cheguei à entrada noturna do Edifício Taunton às 21.59. Atrás de mim o sinal horário fechava a porta. Havia um elevador reduzido em que se pagava. Meti uma moeda, marquei o trinta e cinco e fui lendo avisos enquanto subia. «OS OCUPANTES NOTURNOS SÃO RESPONSÁVEIS PELA SUA PRÓPRIA SEGURANÇA. A ADMINISTRAÇÃO NÃO ASSUME QUALQUER RESPONSABILIDADE POR ROUBOS, ASSALTOS OU VIOLAÇÕES QUE POSSAM OCORRER.» «OS OCUPANTES NOTURNOS DEVEM TER EM ATENÇÃO QUE AS BARREIRAS SÃO LEVANTADAS ÀS 22.10 TODAS AS NOITES E DEVEM SATISFAZER AS SUAS NECESSIDADES FISIOLÓGICAS ANTES DESSA HORA». «O ALUGUER É FEITO E PAGO ADIANTADAMENTE, TODAS AS NOITES, NO AUTOBALCÃO.» «A ADMINISTRAÇÃO RESERVA-SE O DIREITO DE RECUSAR O ALUGUER A CLIENTES DOS PRODUTOS STARRZELIUS.»

A porta abriu-se no patamar do trigésimo quinto andar. Era como um queijo cheio de bichos. Pessoas, homens e mulheres, contorcendo-se apertados na tentativa de encontrar algum calor antes que fossem levantadas as barreiras. Olhei para o relógio: 22.08.

Fui tentando passar cuidadosamente e muito, muito devagar, no meio

da luz reduzida e por entre as pernas e troncos, com muitos pedidos de desculpa, fui contando... Ao chegar ao décimo sétimo degrau passei por cima de uma figura encolhida, quando no meu relógio eram 22.10.

Ruidosamente as barreiras foram levantadas dividindo os degraus dezassete e dezoito, isolando-me a mim e...

Ela olhou para mim, assustada e zangada, com uma pequena pistola na mão.

— Kathy — exclamei.

Ela deixou cair a pistola.

— Mitch, és doido. — A sua voz era fraca e urgente. — Que fazes aqui? Eles não desistiram, continuam atrás de ti para te matar...

— Sei tudo isso — retorqui. — Estou a demonstrar-te, Kathy. Estou a pôr a cabeça na boca do lobo para te provar que penso que tu estavas certa e que eu estava errado.

— Como soubeste que eu estava aqui? — Perguntou, desconfiada.

— O'Shea cheirava ao perfume que tu usavas. *Ménage à Deux.*

Olhou em redor o espaço apertado e riu-se.

— Lá isso é, não é?

— Acabaram-se as discussões, Kathy — disse-lhe. — Não estou aqui para me aproveitar de ti com ou sem o teu consentimento. Estou aqui para te dizer que estou a teu lado. E só dizeres e dou-te o que quiseres.

Olhou-me de perto:

— Vénus?

— É teu.

— Mitch — argumentou —, se estiveres a mentir... Se estiveres a mentir...

Amanhã já tens a certeza, se sairmos daqui vivos. Até lá não há mais nada a dizer sobre o assunto, pois não? Estamos aqui para passar a noite.

— Sim — retorquiu —, estamos para aqui passar a noite. — E então, de súbito, apaixonadamente: — Meu Deus, como senti a tua falta!

***

As sirenas do despertar soaram às 06.00. Eram cheias de altas frequências de fazer estremecer, para que não ficasse nenhum preguiçoso a estorvar a evacuação matinal.

Kathy começou a arrumar à pressa a roupa da escada.

— As barreiras descem dentro de cinco minutos — exclamou. Abriu a tampa do degrau dezassete e procurou uma caixa pequena, que não era mais do que um estojo de maquilhagem. — Está quieto.

Gritei quando com uma lâmina me fez um golpe por cima do olho direito.

— Está *quieto!* — Zás! Outro golpe na sobrancelha esquerda.

Bruscamente retocou-me a cara aqui e ali com cremes misteriosos.

— Sssep! — Exclamei quando me revirou o lábio superior e me enfiou por dentro uma pequena compressa de plástico. Duas compressas pegajosas colaram-me as orelhas à cabeça e ela exclamou:

— Aí tens — e passou-me o espelho.

— Ótimo — retorqui. — Já uma vez saí daqui na confusão da manhã. Acho que o podemos fazer outra vez.

— Aí vão as barreiras — exclamou, tensa, ao ouvir uns ruídos preliminares que o meu ouvido inexperiente não detectou.

As barreiras caíram ruidosamente. Éramos os únicos ocupantes noturnos no trigésimo quinto andar. Mas não estávamos sós. Ali estava também B. J. Taunton e dois dos seus homens. Taunton, ligeiramente desequilibrado e de rosto avermelhado, ria-se. Cada um dos homens tinha uma pistola automática apontada para mim.

Taunton deu um soluço e disse:

— Foi um lugar muito infeliz para vires brincar às perseguições, Courtenay, meu velho. Temos um fotorregistador para borlistas como tu. Moça, se fizeres o favor de te chegares para o lado...

— Não se chegou. Atirou-se para os braços do Taunton, apontando-lhe a arma contra a barriga. A cara vermelha do Taunton ficou cinzenta.

— Já sabes o que tens a fazer — exclamou, ameaçadora.

— Rapazes — disse Taunton, debilmente —, larguem as armas. Por amor de Deus, larguem-nas!

Eles olharam um para o outro.

— *Larguem-nas!* — Implorou.

Levaram uma eternidade para pousar as pistolas automáticas, mas pousaram-nas. Taunton começou a chorar.

— Virem-se de costas — ordenei-lhes — e deitem-se no chão. — Apontei-lhes a minha *UHV* emprestada. Era uma sensação maravilhosa.

O elevador podia facilmente ter sido impregnado de gás. Descemos pelas escadas. Foi um trabalho demorado, lento, cuidadoso, embora todos os ocupantes tivessem sido evacuados há horas, por ordem de B. J. Este soluçou e lamuriou-se todo o caminho. No patamar do décimo andar, suplicou:

— Tenho de tomar uma bebida, Courtenay. Estou a morrer. Há um bar mesmo aqui, podes continuar a apontar-me a pistola...

Kathy riu-se sem achar graça à ideia e continuámos o nosso caminho lento, degrau a degrau.

Na saída dos ocupantes noturnos enrolei o meu casaco à volta da arma de Kathy, apesar de estarmos no Inverno.

— Está tudo bem! — Exclamou B. J. com voz insegura para um guarda espantado que se dirigia na nossa direção. — Estas pessoas são minhas amigas. Não há problema.

Fomos com ele até à entrada da estação do vaivém e precipitámo-nos lá para dentro, deixando-o no meio da rua, pálido e ensopado em suores. Era

perfeitamente seguro. A única maneira que tinha de nos apanhar era rebentar com a estação inteira do vaivém e não estava preparado para isso. Ziguezagueámos durante uma hora e telefonei para o escritório de um telefone público. Uma patrulha veio encontrar-se connosco noutra estação, e quinze minutos depois estávamos na Torre Schocken.

Um matutino provocou-nos a primeira gargalhada do dia. Dizia, entre outras coisas, que fora detectada uma fuga de líquido refrigerante às 03.00 na escadaria do Edifício Taunton. O próprio Taunton, com o risco da própria vida, orientara a evacuação dos ocupantes noturnos do Edifício Taunton, em tempo recorde e sem incidentes.

Com a bandeja do pequeno-almoço sobre a secretária, disse a Kathy:

— O teu cabelo está com um aspecto horrível. Essa porcaria sai?

— Chega desta marmelada — exclamou. — Disseste que me davas Vénus. Mitch, estou a falar a sério. E Vénus pertence-nos perante Deus. Somos as únicas pessoas que sabem o que fazer com aquilo e, além disso, fomos os primeiros a fazer descer lá um homem. O'Shea é um dos nossos, Mitch.

— Desde quando?

— Desde que os seus pais descobriram que não crescia mais, desde aí. Sabiam que a A. M. C. precisaria de pilotos especiais em breve... E quanto mais pequeno melhor. A Terra não descobriu Vénus. A A. M. C. é que o descobriu. E reclamamos o direito de o colonizar. Consegues fazer isso?

— Claro — respondi. — Meu Deus, vai ser uma autêntica dor de cabeça. Já temos as listas feitas, palermas ansiosos, fervilhando por irem para Vénus e serem explorados por e para a Terra e pela Fowler Schocken. Bem, vou refazer tudo.

Liguei pelo intercomunicador para a P & D.

— Charlie! — Chamei. — Acerca da concorrência de CO_2 com os produtores da Terra. Esquece. Descobri que a Taunton tem a maior parte dos fabricantes.

— Certo, Sr. Courtenay — retorquiu alegremente Charlie.

Os primeiros trabalhos indicam que lhes vamos dar um grande pontapé no traseiro.

Disse à Kathy:

— Podes trazer de novo o Runstead à vida? Não sei onde é que A. M. C. o tem retido, mas precisamos dele aqui. Isto vai ser um trabalho a sério. A maior capacidade de um publicitário é influenciar as pessoas sem deixar que elas percebam que estão a ser influenciadas. O que tenho a fazer é influenciar os meus publicitários para que desinfluenciem as pessoas sem que estas nem aqueles se apercebam de que o faço. Posso recorrer a ajudas de alto gabarito com quem possa falar livremente.

— Isso arranja-se — retorquiu ela, beijando-me de leve.

— E o mesmo que dizer «nós».

— Hã? — Interroguei-me. — Oh, escuta, querida, tenho uma

excelente *suite* de executivo lá em cima, doze por doze. Tiveste uma noite cansativa. E se fosses lá e descansasses um pouco? Tenho aqui muito que fazer.

Beijou-me novamente e disse:

— Não trabalhes de mais, Mitch. Até logo.

XVIII

Não teria sido possível fazer aquele trabalho sem a ajuda de Runstead, pelo menos a tempo. Voltou a correr de Chi, onde estivera escondido desde que fingira suicidar-se, de acordo com uma mensagem secreta de Kathy. Chegou em plena reunião de Administração; demos um aperto de mãos e os administradores engoliram alegremente a história de que estivera ausente no desempenho de uma missão secreta. Afinal, já a tinham engolido uma vez. Ele sabia qual era o trabalho; entregou-se a fundo.

Sendo ou não sendo consie, continuava a pensar que Runstead era um rato.

Mas tinha de admitir que as coisas estavam a andar.

A Sociedade Fowler Schocken lançou um concurso gigante de *slogans* com mil e quinhentos primeiros prêmios... Todos eles um lugar no foguetão de Vénus.

Havia oitocentos mil prêmios no total, mas os outros não interessavam. A avaliação foi entregue a uma firma imparcial de analisadores de concursos, que era dirigida pelo cunhado de um amigo de Runstead. Apenas mil e quatrocentos dos vencedores, disse-me Matt, eram efetivamente membros do movimento Consie. Os outros cem eram inteiramente nomes fictícios, para suprirem as necessidades de última hora.

Levei Kathy comigo a Washington para resolver os últimos detalhes para a descolagem do foguetão, enquanto Runstead controlava a operação em Nova Iorque. Estivera em Washington muitas vezes para almoçar ou durante uma tarde, mas desta feita iria ser um trabalho de dois dias; aguardei a ocasião ansiosamente, como uma criança. Deixei Kathy no hotel e fi-la prometer que não sairia sozinha. Depois apanhei um táxi para o Edifício do Governo. Um homenzinho taciturno de chapéu de coco estava sentado na sala de espera; quando ouviu pronunciar o meu nome levantou-se apressadamente e ofereceu-me o seu lugar. Que diferença dos tempos da Chlorella, Mitch, meu velho, disse para comigo. O nosso adido surgiu perturbado para me cumprimentar.

Acalmei-o e expliquei-lhe o que pretendia.

— Nada mais fácil, Sr. Courtenay — prometeu. — Vou submeter o pedido de autorização à comissão esta tarde e, com um pouco de sorte, vai à aprovação em ambas as câmaras esta noite.

Retorqui expansivamente:

— Ótimo. Precisa de alguma ajuda?

— Oh, penso que não, Sr. Courtenay. Mas seria bom que o senhor discursasse no Congresso amanhã de manhã, se conseguisse arranjar tempo. Eles adorariam ouvi-lo e tomava mais fácil o rápido deferimento do pedido.

— Será um prazer — retorqui, inclinando-me para pegar na pasta. O homem de chapéu de coco antecipou-se com uma pequena vénia. — Basta marcar a hora, Abels — disse eu ao delegado. — Lá estarei.

— Muito obrigado, Sr. Courtenay! — Abriu-me a porta. O homenzinho dirigiu-se-lhe numa tentativa:

— Sr. Abels?

O delegado abanou a cabeça.

— Como vê estou muito ocupado — respondeu de forma não antipática. — Volte amanhã.

O homenzinho sorriu humildemente e saiu atrás de mim. Ambos fizemos sinal ao mesmo táxi, e ele abriu-me a porta. Sabe como são os táxis em Washington.

— Posso deixá-lo em algum lugar? — Perguntei.

— É muito amável — retorquiu e entrou também. O taxista chegou-se para trás e olhou para nós.

— Informei-o:

— Eu vou para o Park Starr. Mas vá levar este senhor primeiro.

— Com certeza. — O taxista acenou com a cabeça. — Casa Branca, Sr. Presidente?

— Sim, se faz favor — respondeu o homenzinho. — Nem lhe posso dizer como me apraz conhecê-lo, Sr. Courtenay — continuou. — Ouvi a conversa que teve com o Sr. Abels, sabe. Foi muito interessante saber que o foguetão de Vénus está tão próximo da finalização. O Congresso perdeu de todo o hábito de me manter informado acerca do que se passa. Bem sei que estão ocupados com as suas investigações e tudo isso. Mas... — Sorriu. Com um ar malicioso disse: — Entrei no vosso concurso, Sr. Courtenay. O meu *slogan* era: «Sou um idealista dos *Starrs,* apaixonadamente.» Não me parece que pudesse ter ido, mesmo tendo ganho.

— Retorqui muito sinceramente:

— Não vejo como teria sido possível. — E, um pouco menos sinceramente: — Além disso, devem mantê-lo muito ocupado aqui.

— Oh, não especialmente. Em Janeiro há muito trabalho; convoco o Congresso, compreende, e eles lêem-me a carta do estado da União. Mas o resto do ano passa-se devagar. Vai nos falar no Congresso, amanhã, Sr. Courtenay? Isso significaria uma sessão conjunta e, habitualmente, deixam-

me assistir a essas.

— Será um prazer tê-lo lá — retorqui cordialmente.

O homenzinho tinha um sorriso sincero, que refletia através das lentes dos óculos. O táxi parou e o Presidente apertou-me a mão afetuosamente e saiu. Espreitou pela janela.

— Hã — exclamou, olhando apreensivamente para o taxista. — O senhor é que sabe. Eu posso estar a abusar ao dizer-lhe isto, mas se me permite uma sugestão... Eu conheço alguma coisa de astronomia, é uma espécie de passatempo, e espero que a descolagem da nave não se efetue depois da presente conjunção.

Fiquei a olhar. Vénus estava a dez graus em oposição e continuava a afastar-se... Não que isso importasse, uma vez que, de qualquer forma, a maior parte da viagem seria de cabotagem.

Ele levou um dedo aos lábios.

— Adeus, Sr. Courtenay — disse.

Levei o resto da viagem a olhar para as orelhas peludas do taxista e imaginando o que o homenzinho quereria dizer.

Ao fim da tarde, Kathy e eu fomos dar uma volta. Não fiquei muito impressionado. As famosas cerejeiras em flor eram bonitas, sim senhor, mas na perspectiva dos meus recém-adquiridos sentimentos conservacionistas achei-as exageradamente faustosas.

— Uma dúzia chegava perfeitamente — argumentei. — Espalhá-las por todo o lado em vasos separados é um perfeito desperdício dos contribuintes. Sabes quanto custam na Tiffany?

Kathy riu-se:

— Mitch, Mitch — disse. — Espera até chegarmos a Vénus. Já alguma vez pensaste como será ter todo um *planeta* para cultivar? Hectares e hectares de florestas, árvores, tudo?

Uma gorda do tipo professora primária encostada no gradeamento a nosso lado endireitou-se, olhou, fungou e afastou-se.

— Estás a dar-nos má fama — disse a Kathy. — Antes que nos arranjes sarilhos, vamos embora, vamos regressar ao hotel.

***

Acordei com um grito de excitação de Kathy.

— Mitch — exclamava da casa de banho, dois olhos redondos espreitando pasmados por cima da toalha enrolada à sua volta —, têm aqui uma *banheira!* Abri a porta do chuveiro e não era chuveiro nenhum! Posso, Mitch? Por favor?

Há alturas em que até um honesto conservacionista sente prazer em ser o presidente de Sociedade Fowler Schocken. Bocejei, atirei-lhe um beijo e respondi:

— Claro. E... Só água doce, hã?

Kathy fingiu desmaiar, mas reparei que não perdeu tempo a pedir o pequeno-almoço. Enquanto a banheira enchia, eu vesti-me. Tomámos o

pequeno-almoço confortavelmente e passeámos de mão dada até ao Capitólio.

Arranjei um lugar para Kathy na galeria da imprensa e dirigi-me para o auditório do Congresso. O nosso chefe de delegação em Washington abriu-me caminho por entre a multidão. Deu-me um pedaço de papel de fac-símile.

— Está tudo aí, Sr. Courtenay — afirmou. — Hã, está tudo bem?

— Tudo ótimo — respondi.

Mandei-o retirar-se e olhei para o papel. Era do Dicken, junto do foguetão:

> *Passageiros e tripulação alerta e a postos. Primeiro movimento para a nave começa às 11:45 EST, embarque completo às 09.15. Segurança ativada mas sabe-se que MIA, CID e Time-Life enviaram textos em código através de circuitos fantasmas. A sala de controlo pede para lhe lembrar: Descolagem possível só em horas AM.*

Esfreguei entre as mãos a fita de papel, que se desfez em pó. Quando subia para a tribuna, alguém me tocou no cotovelo. Era o Presidente, debruçado na sua frisa protocolar.

— Sr. Courtenay — sussurrou num sorriso como uma máscara —, acho que percebeu o que tentei dizer-lhe ontem no táxi. Ainda bem que o foguetão está pronto. E... — sorriu mais abertamente, acenando com a cabeça exatamente como faz o estadista trocando insignificâncias protocolares com um distinto visitante —... Provavelmente é do seu conhecimento, mas... Ele está cá.

Não tive oportunidade de saber quem era «ele». Nessa mesma altura o Presidente do Congresso dirigiu-se a mim de mão estendida, o auditório irrompeu em aplausos, e eu forcei um sorriso. Mas não passava de um truque de músculo facial. Tinha poucas razões para rir, se a notícia sobre o foguetão até já chegara ao Presidente.

Fowler Schocken era um hipócrita pio e uma fraude sorridente, mas se não fosse o Fowler Schocken, eu nunca teria chegado àquele discurso. Ouvia-o na minha mente: «Vende-lhes, Mitch, podes vender-lhes se te convenceres de que eles *querem* comprar.» E vendi àqueles legisladores reunidos precisamente o que eles queriam ter. Citei ao de leve o espírito de aventura americano e a pátria; ofereci-lhes um mundo para pilharem e todo um universo para saquearem a partir daí, agora que os corajosos pioneiros da Fowler Schocken tinham aberto o caminho; dei-lhes a imagem de uma cadeia de planetas possuídos e explorados por nós próprios, os empreendedores homens de negócios americanos que haviam tornado grande a civilização. Adoraram. A ovação foi estrondosa.

Assim que os aplausos começaram a diminuir, houve logo uma dúzia de figuras que continuavam a bater palmas e pediam autorização à mesa para intervir. Mal dei por isso; estranhamente, Kathy desaparecera da galeria de imprensa. O Presidente da Assembleia deu a palavra ao velho Colbee de

cabelos brancos, emagrecido e dignificado por quatro décadas de serviços prestados.

— Tem a palavra o representante da Yummy-Cola.

— Muito obrigado, Sr. Presidente.

Colbee sorria cortesmente; mas os seus olhos pareciam uma cobra. A Yummy-Cola era nominalmente uma das poucas independentes de grande dimensão; mas lembrei-me de Fowler ter comentado comigo a sua surpreendente aproximação em relação à Taunton.

— Se me é permitido falar em nome da Câmara Superior, gostaria de agradecer ao nosso ilustre convidado pelo seu bem urdido discurso nesta assembleia. Estou certo de que todos nós gostámos de ouvir um homem do seu potencial e posição.

Volta mas é para a escola Berlitz, fantoche de Westchester, pensei com azedume. Adivinhei o veneno implícito nas suas palavras quando continuou:

— Se a mesa me permite, gostaria de fazer ao nosso convidado uma série de perguntas referentes à legislação que nos foi pedido que considerássemos, hoje, aqui.

Considerassem, sim, estupor. Mas agora até as galerias estavam a tomar atenção ao que se passava. Já nem precisava de ouvir o resto:

— Talvez não tenham reparado, mas temos a sorte de ter connosco outro convidado. Refiro-me, como é evidente, ao Sr. Taunton. — Acenou graciosamente para a galeria dos espectadores, onde B. J., de rosto vermelho, aparecia entre duas fleumáticas figuras que logo reconheci como sendo os seus guarda-costas. — Numa breve discussão que tivemos antes desta nossa assembleia, o Sr. Taunton teve a amabilidade de me dar algumas informações, que eu gostaria que o Sr. Courtenay comentasse. Primeiro... — Os olhos de víbora eram, agora, de aço —... Perguntaria ao Sr. Courtenay se o nome de George Groby, procurado por violação de contrato e femicídio, lhe diz alguma coisa. Segundo, gostaria de perguntar ao Sr. Courtenay se ele *é o* Sr. Groby. Terceiro, gostaria de perguntar ao Sr. Courtenay se há alguma verdade na informação que me foi cedida a título confidencial, por alguém em quem o Sr. Taunton considera ter a maior confiança, de que o Sr. Courtenay é um membro destacado da Associação Mundial de Conservacionistas, conhecida por nós, que somos leais americanos, como...

Nem o próprio Colbee terá ouvido a sua última palavra, tal foi o burburinho que se gerou na sala.

XIX

Visto à distância, tudo que aconteceu no tremendo quarto de hora seguinte se dissipa e desaparece como as formas num caleidoscópio giratório. Mas lembro-me de imagens, momentos suspensos no tempo que quase parecem não ter relação uns com os outros: as ondas de desprezo e ódio que se geraram à minha volta, a expressão contorcida do Presidente, um pouco mais abaixo, gritando algo de inaudível para o técnico de som no seu cubículo, os olhos coléricos do Presidente da Assembleia quando se aproximou.

Foi então que aquela movimentação desregrada cessou, ao ouvirem a voz do Presidente pela sala num berro com a máxima amplificação:

— Declaro suspensa a sessão!

A expressão de pasmo dos senadores perante a sua ousadia! Havia grandeza dentro daquele pequeno homem. Antes que alguém pudesse tomar alguma atitude, bateu as palmas... Cujo som amplificado foi como uma cisão atômica... E uma patrulha impecavelmente fardada deslocou-se na nossa direção. — Levem-no — clamou o Presidente com um gesto de grandiosidade, e em dois tempos a patrulha cercou-me e levou-me da tribuna. O Presidente seguiu-nos até à porta, enquanto a assembleia se pronunciava de sua justiça. Estava branco de medo, mas sussurrou: — Não o posso evitar, mas vão levar toda a tarde até a C. do C. emitir um parecer. Deus o abençoe, Sr. Courtenay.

E voltou para a sala para os enfrentar. Não creio que os cristãos de Calígula tenham entrado mais corajosamente para a arena.

***

Os guardas eram da própria guarda do Presidente, homens de honra, da academia de oficiais de Brink. O tenente não me dirigiu uma única palavra,

mas apercebi-me da desilusão controlada estampada na sua face ao ler o pedaço de papel que o Presidente lhe entregara. Sabia que não lhe agradava o que lhe fora ordenado fazer, e sabia que o faria.

Levaram-me para Anacostia e enfiaram-me no transporte do próprio Presidente; ficaram comigo, deram-me de comer, um deles jogou às cartas comigo, enquanto os jatos descolavam a toda a velocidade e consumíamos terras umas atrás das outras. A única coisa que não faziam era falar comigo.

Foi um voo longo naquele avião de passageiros tosco e luxuoso que a «tradição» atribuíra ao Presidente. Perdêramos tempo no aeroporto e lá em baixo via-se a faixa ondulada do fim de pista passar pouco nítida. Quando descemos para aterrar, estava completamente escuro. E a espera não acabara nem, tão-pouco, a interrogação sobre se Kathy estaria bem e quando a tomaria a ver. O tenente abandonou a nave; esteve ausente durante muitíssimo tempo.

Passei o tempo com perguntas às voltas na minha mente, perguntas que já me tinham ocorrido anteriormente, mas a que eu não dera importância. Agora, com todo o tempo disponível e um futuro carregado de ses, peguei nelas e analisei-as.

Por exemplo:

Kathy, Matt Runstead e Jack O'Shea tinham conspirado para me eliminarem literalmente. Sim senhor, isso explicava muitas das coisas que me intrigavam, mas não explicava a morte de Hester. E, pensando bem, também não explicava a ação de Runstead.

Os Consies eram a favor das viagens espaciais. Mas Runstead sabotara o teste de Vénus em Cal-Mex. Disso não restavam dúvidas; eu tivera como que a confissão do seu cúmplice. Poderia ser um pau de dois-bicos? Runstead fazendo de consie que fazia de publicitário, é o quê, afinal?

Comecei a pensar em Kathy por uma razão completamente nova.

Quando o tenente regressou era meia-noite.

— Pois bem — disse-me. — Tem um táxi lá fora à espera. O taxista sabe para onde ir.

Desci e espreguicei-me.

— Obrigado — respondi atabalhoadamente.

O tenente cuspiu briosamente no chão no meio dos meus pés. A porta fechou-se e eu fugi da frente do avião.

O taxista era mexicano. Experimentei fazer-lhe uma pergunta; não sabia inglês. Tentei, de novo, no meu espanhol da Chlorella; olhou-me de boca aberta. Havia pelo menos cinquenta razões para eu não querer ir com ele, sem ter uma ideia do que se passava. Mas quando deixei de pensar nisso, vi que não tinha alternativa possível. O tenente cumprira ordens. Agora as ordens tinham sido cumpridas, eu via a sua operacional mentezinha militar fazendo o relatório que iria enviar a alguém para que pudessem encontrar o célebre consie Mitchell Courtenay.

Seria um alvo fácil, era só questão de ser apanhado primeiro pela polícia ou pelo Taunton. Não era uma opção em que merecesse gastar muito

tempo a pensar.

Entrei para o táxi.

Poderia pensar que o facto de o taxista ser mexicano me servisse de indício. Mas não serviu. Só quando avistei o brilho das luzes no enorme projétil à minha frente me apercebi de que estava no Arizona, e do que o Presidente fizera por mim.

Uma escolta mista de Pinkertons e guardas da nossa companhia aproximou-se e levou-me através dos postos de sentinela e do território deserto até ao próprio foguetão. O chefe mostrou-me o crescente que fazia com o indicador e o polegar e exclamou:

— Agora está salvo, Sr. Courtenay.

— Mas eu não *quero* ir para Vénus! — Retorqui.

Ele riu-se estridentemente.

Correr e esperar; correr e esperar. O longo e fastidioso voo fora um êxtase; e tudo no princípio e no fim do mesmo fora demasiado emocionante para que eu conseguisse raciocinar. Aqui também não me deram qualquer hipótese de refletir; senti alguém pegar-me pelo fundilho das calças e fui içado para o interior. Lá dentro fui mais arrastado do que levado para uma cadeira de aceleração, apertado com os cintos e abandonado.

A cadeira balançou e vibrou e senti esmagar-se-me o peito. Adeus Kathy; adeus, Torre Schocken. Quer quisesse quer não, ia a caminho de Vénus.

Mas não era um adeus a Kathy.

***

Foi ela própria que veio desapertar-me os cintos após o primeiro choque.

Levantei-me da cadeira e cambaleei sem peso, esfregando as costas. Abri a boca para fazer um cumprimento casual. O que saiu foi um guincho.

— Kathy!

Não foi um discurso brilhante, mas eu não tinha tempo para discursos brilhantes. Os lábios de Kathy e os meus estavam ocupados.

Quando parámos para respirar:

— Que alcaloides pões *tu* no produto? — Mas era escusado. Ela queria ser beijada de novo. Eu beijei-a.

Era difícil aguentarmo-nos de pé. De cada vez que ela se mexia éramos atirados contra o corrimão ou absolutamente arrastados para o chão; só uma turbina estava em funcionamento e, fora isso, tínhamos ultrapassado o limiar de peso.

Sentámo-nos.

Passados alguns momentos conversámos.

Eu estiquei-me e olhei em volta.

— Tens aqui uma linda casa — disse eu. — Agora que isso está tratado, tenho uma coisa em mente. Perguntas: duas.

Disse-lhe quais eram as perguntas.

— Falei-lhe no caso da fraude do Runstead em San Diego e o Projeto Vénus. E na morte de Hester.

— Oh, Mitch — retorquiu. — Por onde hei de começar? Como é que chegaste a quadro superior?

— Andei a estudar à noite — respondi. — Continuo à escuta.

— Bem, devias ser capaz de deduzir. Claro, nós os Consies queríamos as viagens espaciais. A raça humana precisa de Vénus. Precisa de um planeta que não esteja estragado, destruído, explorado, pilhado...

— Oh — exclamei.

—... Saqueado, devastado... Bom, percebes. Claro que queríamos uma nave para ir para Vénus. Mas não queríamos a Fowler Schocken em Vénus. Nem o Mitchell Courtenay, tão-pouco. Pelo menos enquanto Mitchell Courtenay fosse o tipo que agarraria Vénus para faturar mais uns milhões extras. Não há por aí muitos planetas para onde a nossa raça se possa expandir, Mitch. Não podíamos deixar que o Projeto Vénus da Fowler Schocken fosse bem-sucedido.

— Humm — exclamei, resumindo. — E a Hester?

Kathy abanou a cabeça.

— Essa, tira daí a ideia — respondeu.

— Não sabes a resposta?

— Eu sei a resposta. Não é difícil.

Aliciei-a, mas ela não estava para brincadeiras. Então beijei-a de novo até que um intrometido qualquer com um distintivo de oficial da nave no ombro entrou, sorrindo.

— Não querem espreitar as estrelas, amigos? — Perguntou num tom de guia turístico que detestei. Não valia a pena chamar-lhe a atenção, é evidente, os oficiais de bordo agem sempre um pouco acima da sua classe e teria sido ordinário, no mínimo, admoestá-lo por causa disso. Além disso...

Além disso.

A ideia fez-me parar por momentos: já estava acostumado a ser quadro superior. Ser apenas um dos rapazes não ia ter nada de engraçado. Dei uma olhadela mental à minha teoria consie. Não, não havia nada que indicasse que eu teria a possibilidade de continuar a ser apaparicado e tratado por senhor.

Olá, Kathy. Adeus, Torre Schocken.

***

De qualquer forma, fomos até lá acima, à ponte de observação. Todas as caras me eram estranhas.

Nos foguetões lunares não se encontra uma única janela; guiados por radar, revestidos por GCA, sacrificam o bonito mas inútil espetáculo das estrelas à força maior do aço. Nunca vira as estrelas no espaço.

Lá fora era noite clara. Estrelas cintilantes brilhavam contra um fundo de partículas, polvilhado por um pó de estrelas. Não havia um único pedaço de espaço do tamanho de uma cunha que estivesse às escuras; tudo era noite, tudo era um fogoso pastel. Uma auréola de fogo à volta do posto de observação indicava a direção do Sol.

— Onde está o Matt Runstead? — Perguntei.

Kathy riu-se.

Na Torre Schocken, vivendo à base de excitantes e tentando organizar aquela confusão. *Alguém* tinha de ficar para trás, Mitch. Felizmente, o Matt pode velar pelas tuas ações. Não tivemos muito tempo para conversar em Washington; vai ter muitas perguntas a fazer e ninguém para lhe dar as respostas.

Fiquei a olhar.

— Que raio estava o Runstead a fazer em Washington?

— A tomar o teu lugar, Mitch! Depois de Jack O'Shea ter sido apanhado...

— Depois de quê?

— Oh, Santo Deus. Escuta, vamos por partes. O'Shea falou. Embebedava-se todas as noites, já não conseguia encontrar um sítio no braço para espetar a agulha, engatou a rapariga errada com quem desabafar. Apertaram-no bem. Tudo sobre mim e sobre ti e o foguetão, tudo.

— Quem fez isso?

— O teu grande amigo, B. J. Taunton.

Kathy acendeu, mecanicamente, o fósforo para o cigarro. Eu também conseguia ler um pouco da sua mente. Pobre Jack O'Shea. Trinta quilos de porcelana gelatinosa e cera derretida, noventa centímetros de tripas torcidas e gordura. Houvera alturas, nas últimas semanas, em que eu não gostara de Jack. Anulei-as todas, totalmente recompensadas, ao pensar naquele homenzinho indefeso nas mãos dos antropoides de Taunton.

— O Taunton sabe tudo, Mitch — disse Kathy. — Tudo o que interessava, pelo menos. Se o Runstead não tivesse uma escuta na sala de interrogatórios do Taunton, teríamos sido apanhados logo nessa altura. Mas Matt tivera tempo para ir até Washington avisar o Presidente. Oh, não é consie, o Presidente, mas é um bom homem. Não tem culpa que o tenham enfiado naquele lugar. E... Aqui estamos.

O comandante interrompeu-nos.

— Cinco minutos até à próxima correção — avisou. — É melhor voltarem para as cadeiras. Os impactes de correção podem não ser muito fortes... Mas nunca se sabe.

Kathy acenou com a cabeça e afastou-se comigo. Tirei-lhe o cigarro da boca, dei uma fumadela, e devolvi-lho.

— Porquê, Mitch?! — Exclamou.

— Estou modificado — respondi. — Ah, Kathy. Só mais uma pergunta. Não é fácil.

Ela suspirou.

— O mesmo que entre ti e a Hester! — Exclamou.

Perguntei:

— Que havia entre Jack e... Hã?

— Ouviste o que eu disse. O que havia entre Jack e mim era o mesmo que entre ti e Hester. Exatamente o mesmo. Jack talvez estivesse apaixonado por mim. Uma coisa assim. Eu não. — E de repente: — Porque estava demasiado doidinha por ti!

— Ah — retorqui. Parecia o momento apropriado para me aproximar e beijá-la de novo, mas não devia ser porque ela me empurrou. Bati com a cabeça na parede. — Ai — exclamei.

— E por isso que és tão estúpido, malvado! — Afirmou. — O Jack quis-me, mas eu não quis ninguém a não ser tu, nunca. E tu nunca te preocupaste em perceber isso, nunca soubeste como eu me importava contigo, assim como nunca soubeste como a Hester se importava contigo. Pobre Hester... Que sabia que nunca te poderia ter. Santo Deus, Mitch, como podes ser tão cego?

— A Hester apaixonada por mim?

— Sim, bolas! Por que razão haveria de se ter suicidado? — Kathy pôs-se mesmo em bicos de pés e aumentou dois centímetros por isso.

Esfreguei a cabeça.

— Bom — disse estonteado.

O sinal dos sessenta segundos fez-se ouvir.

— Cadeiras — exclamou Kathy, com as lágrimas nos olhos.

Pus o braço à sua volta.

— Isto é um raio dum negócio nojento e indigno — continuou. — Tenho exatamente um minuto para te beijar e recompor a maquilhagem, deixar-te usufruir do teu período de perguntas e respostas, insinuar que tenho um camarote privado com duas cadeiras e colocar os cintos em nós os dois.

Endireitei-me depressa.

— Um minuto é muito tempo, querida — retorqui.

Não demorou tanto.

«Queríamos Vénus colonizado pelos americanos. P
atingir esse objectivo, eram necessárias três coisas: c
nos, uma maneira de os levar para Vénus e algo para fa
rem depois de lá chegarem.

A primeira era fácil de conseguir através da publicida
O anúncio para a TV era o modelo perfeito. É sempre f
persuadir um consumidor de que, em terras longínqua
relva é mais verde.»

«Este livro representa o tipo de ficção do futuro que
ga numa determinada situação contemporânea e a transp
ta até aos limites mais longínquos da nossa imaginação.
resultado, por curioso que pareça, mais que uma sátir
antes uma realidade tremendamente convincente.»

New York Herald Tribune

«Quem já alguma vez tenha reflectido sobre o pode
publicidade na vida actual lerá esta brilhante sátira futur
com um entusiasmo arrebatador.»

Chicago Tribune

«Uma sátira acutilante. Um drama sobre os conflitos
poder.»

New York Sunday Times